

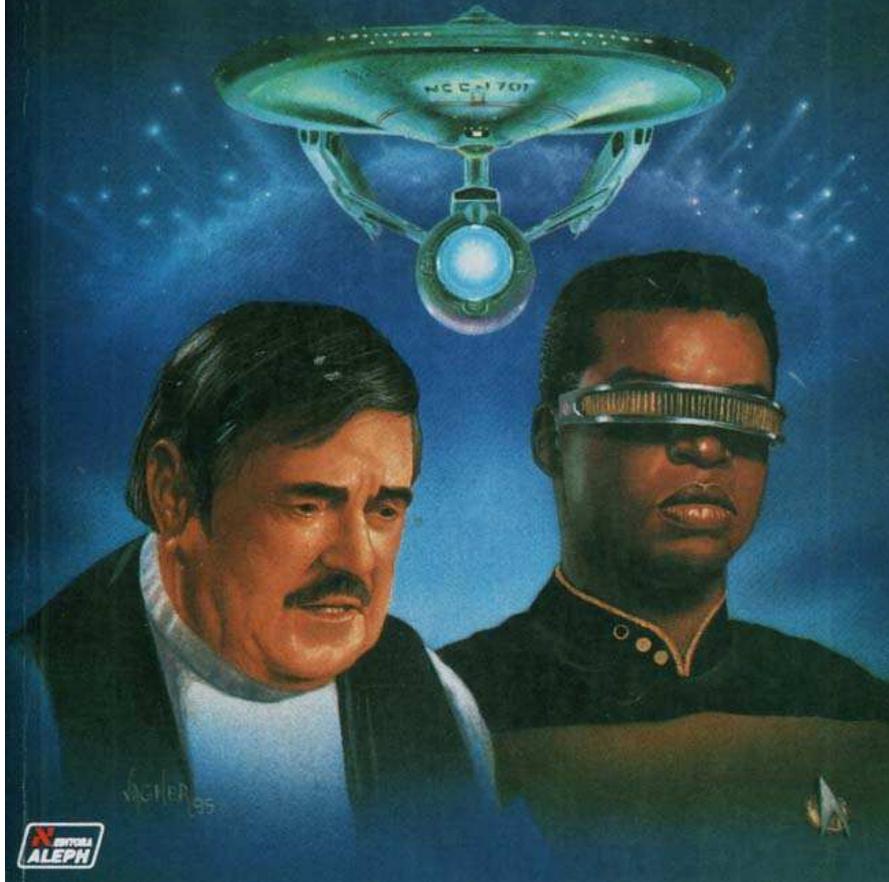
STAR TREK

# JORNADA NAS ESTRELAS

A NOVA GERAÇÃO

RELÍQUIAS

Michael Jan Friedman



**STAR TREK**®

***Audaciosamente indo aonde ninguém  
jamais esteve***

## **RELÍQUIAS**

**O engenheiro Montgomery Scott,  
ou Scotty, como era chamado  
carinhosamente pelo capitão Kirk e pelo  
doutor McCoy, sempre foi considerado um  
"fazedor de milagres".**

**Quando se vê numa situação sem saída, em circunstâncias tão  
dramáticas que levariam qualquer um a se resignar com a morte  
inevitável, Scotty encontra uma  
surpreendente maneira de sobreviver...**

**Aprisiona-se num "loop infinito" do  
teletransporte e fica como que congelado no  
tempo até ser resgatado, quase um século  
depois, justamente pela Enterprise de outro  
lendário engenheiro: o tenente LaForge.**

**E é nesse ponto que nossa história  
realmente começa!**

**E mais:  
Glossário Jornada nas Estrelas  
Glossário Cultural**



Av. Dr. Luiz Migliano, 110 - 3ª and. - El 05711-001 - S.Paulo- S(011) 843-3202

# MICHAEL JAN FRIEDMAN

# RELÍQUIAS

Tradução: Elizabeth Houang

Título original: Relics

Copyright © Paramount Pictures Corporation, 1991.

Todos os direitos reservados



STAR TREK é uma Marca Registrada da Paramount Pictures Corporation



Publicado mediante contrato firmado com Pocket Books, New York



Todos os direitos da tradução para o Brasil reservados à

**Aleph** Publicações e Assessoria Pedagógica Ltda.

Av. Dr. Luiz Migliano, 1110 - 3<sup>2</sup> and. - Morumbi

CEP 05711-001 - São Paulo - SP - Tel: (011)843-3202/ 843-0514

Diretora Administrativa: Betty Fromer - Diretor Editorial: Pierluigi Piazzi

Editor Chefe: Renato da Silva Oliveira - Editor de FC: Roberto de Sousa Causo

Editor da Coleção: Christiano Nunes - Revisão: Valéria Augusta Grellet Cordeiro

Ilustrações internas: Nicoletti - Capa: Vagner Vargas

Consultoria: Frota Estelar Brasileira



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

FRIEDMAN, MICHAEL JAN

Relíquias / Michael Jan Friedman; tradução de Elizabeth Houang

São Paulo; Aleph, 1996 - (Coleção Star Trek: x. 22)

Título Original: *Relics*.

Acima do título: Jornada nas Estrelas.

1. Ficção Científica norte-americana 2. Ficção norte-americana

I. Título. II. Série

96-0497

CDD-813.5

índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Século 20 : Literatura norte-americana

813.S

2. Século 20: Ficção : Literatura norte-americana

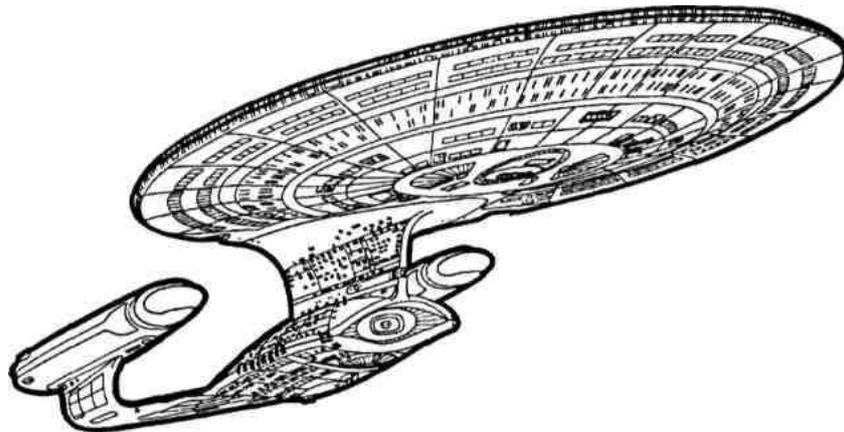
813.S

*Ao longo deste livro aparecem termos e personagens com os quais o leitor pode não estar familiarizado. Por isso, colocamos nas páginas iniciais uma apresentação dos principais personagens e, no final, dois glossários: um relativo aos termos da série Jornada nas Estrelas e outro relativo a Cultura Geral. Talvez fosse conveniente lê-los em primeiro lugar para não interromper a leitura do romance.*

# **STAR TREK®**

*"O Espaço, a fronteira final.*

*Essas são as viagens da nave estelar Enterprise, prosseguindo em sua missão para explorar novos mundos, pesquisar novas vidas, novas civilizações, audaciosamente indo aonde ninguém jamais esteve"*



## ***U.S.S. Enterprise NCC-1701-D***

*A United Space Ship Enterprise, cruzador de exploração da classe Galaxy, é a quarta nave herdeira do número de matrícula, NCC-1701, maior e mais rápida que suas predecessoras. Sua missão de trinta anos é expandir as fronteiras territoriais, científicas e culturais da Federação de Planetas. Construída nos estaleiros de Marte, seu casco é feito de uma liga especial de tritanium/duranium. Tem um comprimento de 642,5m, largura de 467 m e altura de 137,5m. Sua velocidade máxima de cruzeiro é feita em dobra 9. A nave foi construída para que, em casos de emergência, o disco principal (onde estão as famílias dos 800 tripulantes, cerca de 300 passageiros entre cônjuges e crianças) se separe da seção de batalha*



Capitão **Jean-Luc PÍCARO**, é o comandante da nova Enterprise. Nasceu na França. Com vasta experiência em missões de exploração e pesquisa no espaço, tem uma extraordinária capacidade de comando. Possui uma lógica clara, muita perspicácia e ação decisiva. Tem um senso de justiça, honra e conduta bem definidos. É sagaz, decidido, romântico e diplomático, além de verdadeiro gentleman.



Comandante **William T. RIKER**, é o imediato da Enterprise. Sua maior responsabilidade é a defesa e proteção da vida do capitão. É de sua competência também, certificar-se que a nave se mantenha operacional e sua tripulação treinada. Lidera os grupos de exploração. Possui inteligência arguta e um senso de humor apurado que o auxilia no relacionamento com seus subordinados.



Tenente-comandante **DATA**, piloto da nave. Por ser um andróide não sente emoções e tem grandes dificuldades em entendê-las. Tem pele dourada, olhos amarelos e enorme força física. É muito literal e se confunde facilmente quando se usam figuras de linguagem. Registra em seu cérebro positrônico tudo o que aprende ou vê.



Conselheira **Deanna TROI**. Nasceu no planeta Betazed, mas é apenas meia betazóide - seu pai é um oficial terrestre da Frota. Possui a capacidade de sentir as emoções da maioria dos seres vivos da Galáxia herdada de seus ancestrais betazóides. Usa suas e sua empatia para auxiliar o Capitão Picard a tomar decisões.



Tenente **Geordi LA FORGE**, é o navegador da Enterprise. Mesmo cego de nascença, consegue "enxergar" graças ao **visor**, um aparelho que funciona como um órgão sensorial capaz de distinguir várias faixas do espectro eletromagnético - infravermelho, luz, ultravioleta, raios-x - além de ampliar as imagens como um microscópio.



O tenente **WORF** é o oficial de armamentos. É o primeiro oficial klingon nos quadros da Frota. Quando criança, foi o único sobrevivente de um ataque dos romulanos ao planeta Khitomer. Adotado por um oficial da Frota, viveu desde então entre os humanos. Procura sempre manter o autocontrole, apesar de sua natureza agressiva.



**WESLEY Crusher**, filho da doutora Crusher, é um adolescente superdotado. Possui incrível facilidade para visualizar e projetar sistemas de circuitos eletrônicos. Tem paixão por física avançada, comandos computadorizados das dobras espaciais e tecnologia de raios tratores e repulsores.



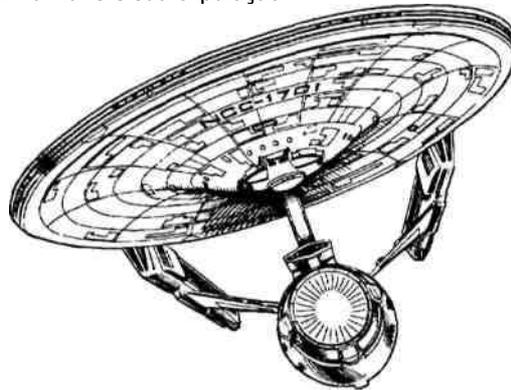
Doutora **Beverly CRUSHER**, é a médica-chefe. Nasceu na colônia Alveta III, onde apaixonou-se pela medicina após observar sua avó improvisar um tratamento à base de ervas para salvar seu planeta de uma epidemia. Seu marido foi morto numa missão comandada por Picard e, apesar de não culpá-lo, tem emoções conflitantes a esse respeito. Possui personalidade forte e vibrante.



Tenente **Natasha YAR**, é a chefe da segurança. Natural do planeta Nova Paris, onde humanos formaram uma colônia que degenerou em violência e selvageria. Nunca conheceu o pai e foi abandonada pela mãe aos cinco anos de idade, passando a viver nas ruas e aprendendo a defender-se sozinha. Venera a Frota Estelar, por salvá-la do caos de seu planeta e ter-lhe dado uma nova oportunidade de vida.



Comandante Montgomery **SCOTT**, antigo chefe de engenharia da *U.S.S. Enterprise NCC-1701A* comandada pelo lendário capitão Kirk. É um oficial de origem escocesa que possui a fama de "fazedor de milagres" por seu profundo conhecimento de TODAS as tecnologias que envolvem uma astronave. Na hierarquia da *Enterprise A* era o terceiro em comando. Mais de uma vez seus milagres e sua obstinação salvaram a Nave e sua tripulação.



## ***Agradecimentos***

É engraçado como as coisas funcionam.

Somente recentemente é que comecei a comparecer às Convenções de Jornada nas Estrelas. Assim, enquanto alguns de meus amigos escritores são "íntimos" de algumas das estrelas que eu vim a conhecer e amar, tive a ocasião de conversar com um ou dois deles.

Na Convenção Trek IV, em Toronto, no entanto, tive o prazer de encontrar com Jimmy Doohan. (Normalmente, tenho a tendência de me referir a ele como "James", que é muito mais respeitoso, mas "Jimmy" parece que se encaixa muito melhor nele).

Os organizadores da Convenção deram uma pequena festa antes da Convenção. Quando cheguei, olhei a multidão, esperando ver de relance Mr. Doohan. Nem sinal dele.

Então, vi uma balbúrdia na porta, e apressadamente, Jimmy, com um saco cheio de imãs de geladeira flexíveis, parecendo mais com um Papai Noel fora de estação. Os imãs tinham um desenho de nosso amado Montgomery Scott, quase deitado numa poltrona, com os pé para cima, um grande sorriso no rosto, enquanto o sistema de intercomunicação dizia: — Leve-me para cima, Scotty! Não há vida inteligente aqui em baixo!

Em minha experiência, poucos personagens da mídia são como parecem na mídia. Jimmy Doohan, ao contrário, era tudo o que eu tinha ouvido dizer: um homem de um charme e humor infinitos, um ator dos atores e um cara terrivelmente simpático. E numa idade em que os atores querem se distanciar de seus papéis, Jimmy abraçou seu personagem Scotty como um velho amigo.

Logo depois que cheguei em casa, recebi um telefonema de um outro cara, que é como se faz aparecer: Dave Stern, o editor dos livros de bolso de Jornada nas Estrelas. " Você gostaria de escrever um romance?" perguntou-me. E desde que eu já tinha feito um *lobbing* para escrever um, numa determinada época, eu disse: "Claro! Qual o assunto e para quando? "

O assunto seria a presença de Scotty num episódio da Nova Geração ... como você sabe agora, vendo a capa deste livro. Bom, pensei. Foi uma sorte. Encontro Jimmy e então escrevo um livro sobre seu personagem mais conhecido. Passei aquele final de semana inteirinho em Toronto pesquisando, sem saber disso!

Quanto ao tempo..... tinha *um mês* inteirinho! Quatro semanas e meia! Trinta e um longos e vagarosos dias. Setecentas e quarenta e quatro horas,

apenas algumas delas dedicadas ao sono... para escrever um *livro*

Puxa, disse para mim mesmo, o que farei com todo esse tempo à minha disposição?

Meu primeiro impulso foi dizer que era impossível. Absolutamente impossível. Não podia escrever tão depressa assim!

Não havia tempo suficiente, pura e simplesmente, e eu não podia mudar as leis da física, podia?

Então, compreendi: esse livro era sobre Scotty! Claro, eu tinha um tempo muito pequeno. E de alguma forma, de alguma maneira, seria publicado no tempo determinado, mesmo que eu tivesse os meus pobres dedos caindo das mãos de tanto trabalhar! Enquanto escrevia, senti-me agradecido com algumas pessoas.... Primeiro e principalmente, a Ron Moore, pelo seu cuidadoso e comovente script. Depois, a Mike Okuda, pelo seus conselhos e generosidade, no passado, no presente e no futuro. E finalmente, a Carla Mason, que sem o seu discernimento e cooperação, este projeto numa teria se materializado do éter sideral.

Espero que vocês tenham a metade do divertimento que tive ao escrever esta história!

*Para o pequeno Jared, a mais nova aquisição para a tripulação.*

## *Prólogo*

Montie Scotty voava livremente. O vento, frio e forte, repuxava a pele de seu rosto, de suas bochechas, fazendo-o arreganhar os dentes como uma hiena. Sua asa delta deslizava aos solavancos uma vez ou outra, sob a influência de algum pé de vento especialmente forte, lembrando-o de como seus braços estavam enfraquecidos. Porém, ele estava longe de pensar em pousar. Mesmo cansados, os braços de Scott estavam cheios de vida. E ele não estava para desistir de um único, abençoado segundo da vista emocionante que tinha centenas de metros abaixo dele.

Grandes montanhas de rocha cinzenta. Grandes extensões verdes nas encostas das colinas. Sulcos profundos e escuros na terra, soprando um aroma de mistério que ele podia sentir livremente aqui em cima.

Longe, ao norte, havia nuvens de um cinza escuros, nuvens de tempestade, vindos em sua direção. Mas tampouco elas o forçariam a deixar os céus. Experiências lhe diziam que uma tempestade daqueles lados levariam um tempo para chegar.

Liberdade! Ela era melhor do que qualquer coisa, melhor do que um whisky envelhecido cem anos, melhor até do que uma cantiga de gaita de foles nas escuras montanhas da Escócia. Liberdade era o que mantinha um homem vivo quando se chega ao ponto em que se encontrava. — Capitão Scott?

De repente, a vista verde e íngreme abaixo dele pareceu esmaecer. Scott piscou uma, duas vezes e viu o rosto comprido e magro de Matt Franklin aparecendo à sua frente, seu cabelo amarelado grudado na cabeça como era a moda daqueles dias. — Ehem? disse Scott. Levou ainda um tempo para se orientar, para perceber que se encontrava na biblioteca da nave, e que havia um monitor ligado à sua frente. E que estivera cochilando. Infelizmente, era o que mais fazia nos últimos dias e que o aborrecia terrivelmente.

O Alferes Franklin sorriu. — Desculpe, senhor, não quis perturbar a sua sesta... — Eu não estava tirando uma sesta, Scott protestou. E acrescentou: — De qualquer forma, o que o trás aqui em baixo? Há algo de errado?

Franklin meneou a cabeça tranquilizadamente. — Nada de grave, senhor. Apenas um pequeno problema com as dobras espaciais. Teremos que diminuir os impulsos dentro de poucos minutos. O Capitão achou que todos os passageiros deveriam saber disso, portanto não fique alarmado se sentir a desaceleração.

Scott olhou de soslaio para Franklin. — Um pequeno problema? Tem certeza disso?

O Alferes assentiu, sorrindo amplamente. — Nada para se preocupar, senhor. Só uma ligeira sobrecarga em um dos condutores de transferência de plasma.

O mais velhos dos dois homens começou a se levantar. — Bem, acho que deveria dar uma espiada...

Franklin colocou gentilmente a mão nos ombros de Scott. — Não precisa, senhor, De verdade. Sei que o senhor era um engenheiro, mas o Tenente Sachs tem tudo sob controle.

O entusiasmo de Scott diminuiu ao notar a firmeza nos olhos do Alferes. — Está bem, então, já que ele pode lidar com isto...

Numa óbvia tentativa de mudar de assunto, Franklin apontou para o monitor: — Algo interessante?

Scott deu de ombros. — Só um velho texto, na verdade muito velho. Deparei com ele quando estava na Academia.

O Alferes se inclinou para perto do monitor para ler o título do texto. "Leis da Física", disse em bom tom.

O velho homem assentiu: — É, as "Leis da Física". Apareceram pouco depois de Einstein publicar sua "Teoria da Relatividade". Um livro extraordinário, se visto apenas como um artefato histórico. Sem mencionar os grávitons, subespaço ou antimatéria. Balançou a cabeça. — Percorremos um longo caminho desde o século vinte, rapaz.

Franklin deu um sorriso. — Sem dúvida. De qualquer forma, vou deixá-lo voltar ao texto, senhor.

Scott resmungou. Para dizer a verdade, ele não estava tão ansioso para voltar ao monitor. Diabos, ele já havia lido a maldita coisa mais ou menos uma dúzia de vezes. Praticamente sabia de cor.

Por outro lado, seus devaneios tinham sido muito excitantes. Já havia esquecido como era estimulante subir as colinas verdejantes de sua terra natal. — Alferes, chamou abruptamente, parando Franklin na porta. O jovem virou-se: — Senhor? — Você alguma vez já voou de asa delta, Sr. Franklin?

O jovem meneou a cabeça, com tristeza, pensou Scott. — Não, Senhor, nunca. E acrescentou: — O senhor já voou?

Scott recostou-se na sua cadeira. — Já que perguntei, sim. Não ultimamente, imagine! Estou falando de algo de 40 anos atrás, ou mais, até antes de eu ser aceito na Academia.

Ele apontou a cadeira, a não mais do que um metro de distância. Por um instante, Franklin hesitou, e Scott, intimamente, franziu os sobrolhos. " Você é um tolo, Montgomery Scott. Este jovem tem coisas a fazer na nave, coisas importantes. E não tem tempo de fica ouvindo um velho contar suas histórias.

Mas o Alferes o surpreendeu. Atravessando a sala, pegou a cadeira que lhe foi oferecida, virou-a de forma a sentar-se de frente para o espaldar, com as pernas uma de cada lado da cadeira.

Se o jovem não estava genuinamente interessado nas histórias, certamente não deixava transparecer, ponderou Scott. De qualquer forma, ficou agradecido. — Você sabe, começou, nasci e fui criado na Escócia, como se percebe pelo meu sotaque. E meu tio, por parte de minha mãe, voava de asa delta....

Vinte minutos mais tarde, Scott ainda deleitava o jovem com histórias de suas explorações espaciais. Porém, não percebeu isto até olhar de relance o cronômetro digital ao lado esquerdo inferior de seu monitor. — Diabos, suspirou, te segurei um pouco mais do que queria.

Franklin sorriu abertamente. — Tá tudo bem, estou de folga.

Ah, bem, isto explica porquê ele ainda não saiu correndo... — E além disso, continuou o Alferes, estou me divertindo mesmo.

Inclinou-se de encontro ao espaldar da cadeira. — Mas o que eu gostaria mesmo de ouvir é sobre a *ENTERPRISE*. O senhor sabe como era estar na mais famosa nave da Frota.

Scott se abriu em sorrisos. — Como era? Balançou a cabeça. — Realmente, é difícil de descrever. Quer dizer, o que fizemos está nos arquivos do computador, as missões que cumprimos, as civilizações que visitamos. Mas como *era* tem mais a ver com homens e mulheres que serviram lado a lado. E claro, a própria nave. — Capitão Kirk?, Franklin cutucou. — O melhor homem que jamais conheci. O melhor oficial de comando, o melhor amigo, e também um cavalheiro com as mulheres. — Comandante Spock?, perguntou Franklin.

Scott deu um risinho. — Como qualquer outro Vulcano, mas um pouco mais do que isso. Se você está em perigo, e se tiver que escolher apenas um homem para te livrar do apuro, então Spock é a pessoa certa. — Dr. McCoy? — Um verdadeiro resmungão.... até conhecê-lo, e você caminhará sobre a brasa por ele. Salvou a minha vida mais vezes do que tenho dedos nas mãos e nos pés.

Scott puxou pela memória, saboreou e deixou transparecer. Está certo, aqueles é que eram dias. Houve aventuras antes e depois daqueles tempos e também algumas lembranças queridas. Mas a *ENTERPRISE*.... — Capitão Scott?

Ele quase havia se esquecido de Franklin, sentado à sua frente. — Sim, jovem? — Isto pode soar engraçado.... — Diga, rapaz! Você não precisa fazer rodeios comigo.

Franklin se sentiu estimulado, um pouco surpreso com a repentina autoridade na voz de Scott. — Bem, senhor, desculpe por dizer isso, mas... — Você está fazendo rodeios de novo, jovem.

Finalmente ele disse: — O senhor não parece ser do tipo de pessoa que vai à Colônia Norpin 5. Quero dizer, tenho servido neste transporte por mais de um ano e já vi a minha cota de aposentados. E de alguma maneira, o senhor não se enquadra no tipo. — Ah!, Scott rejeitou a idéia com um aceno da mão. — É simpático da sua parte me dizer isto, Sr, Franklin, mas o senhor está enganado, mortalmente enganado. Dei meu sangue pela Frota por mais de 40 anos e ninguém merece mais essa aposentadoria tranqüila do que Montgomery Scott Tampouco, ninguém anseia mais por ela. Na verdade....

De repente, sentiu um estremecimento nos decks abaixo dos seus pés. — Estamos perdendo velocidade de dobra, disse.

O Alferes assentiu. — Provavelmente por pouco tempo. Scott olhou para ele. — Porque o Tenente Sachs tem tudo sob controle!

Franklin assentiu novamente. — Foi o que ele disse, senhor.

O velho homem deu uma pancadinha no braço da cadeira com os dedos e, incapaz de se conter por mais tempo, levantou-se. — Não ligo a mínima para o que o Tenente Sachs disse. Estive remendando máquinas de dobras espaciais antes que ele aprendesse a andar. E, maldição se não vou pelo menos dar uma espiada para ver o que está acontecendo lá embaixo.

O Alferes deu de ombros, enquanto se punha de pé. Tinha um ar de falsa resignação. — Tentei pará-lo, mas o senhor é insistente demais. — Você está totalmente certo, Scott disse saindo para o corredor.

Capitão James Armstrong sentou-se na sua cadeira de comando, vasculhando as estrelas à frente de *Jenolen*, uma cortesia da tela à sua frente, porém ele não estava exatamente entusiasmado por estar lá.

Ele havia previsto algo melhor quando solicitou admissão na Academia da Frota uns vinte anos atrás. Não era justo, pensou. Havia estudado tão dedicadamente como ninguém, trabalhado duro, obtendo as notas mais altas em todas as etapas de treinamento de cadete. Ele havia cumprido com a sua parte.

Claro, ele havia falhado no teste Kobayashi Maru, mas todos falharam! Nos anais da Frota, só um homem obteve êxito neste cenário de teste sem vencedor e isto aconteceu décadas antes. Como outros cadetes, Armstrong havia ansiado por aventuras, por descobertas excitantes. Havia sonhado em sondar as profundezas do desconhecido. O que conseguiu foi uma nave de transporte, cuja única missão era levar cidadãos da Federação de um mundo a outro.

Onde estava a justiça? Aqui estava ele, chegando aos quarenta, seus cabelos castanho-claros ondulados ficando grisalhos nas têmporas, e todos os seus colegas de classe haviam-no ultrapassado. Lustig tinha o comando da Hood, Barrymore da Lexington, DeCampo se encontrava no recém-comissionado Excalibur, todos bem sucedidos. Exceto ele. E por quê? Não sabia dizer. Azar, talvez. Um fracasso, por estar no lugar certo, na hora certa. Suspirando, olhou para seu Centro de Operações, um complexo acanhado, o qual, numa nave maior, teria pelo menos 3, possivelmente 4, alas separadas. Este não era apenas seu centro de comando, onde ele se sentava diariamente lamentando seu destino, enquanto olhava inexpressivamente à tela panorâmica à sua frente. Era também o lugar que acomodava os acessos às dobras especiais, um conjunto abarrotado de consoles de engenharia, manipulados por uma multidão de engenheiros, e uma modesta plataforma de teletransporte para duas pessoas.

No *Potenkim*, onde serviu como Alferes, só a Sala de Teletransporte era maior do que o Centro de Operações. Diabos, um guarda-roupas era maior do que isto!

Ben Sachs, alto de cabelos escuros, anunciou de sua posição, atrás do console principal da Engenharia: — Pronto para desligar dobra espacial.

Havia dois outros engenheiros trabalhando ao lado dele, o total de pessoal do Centro de Operações. Novamente, Armstrong teve chance de refletir na injustiça da sua situação. No *Potenkim* havia uma tripulação acima de 400 pessoas. No *Jenolen*, tudo o que tinha, era 36, e provavelmente ele se sairia bem até com menos pessoal numa situação de aperto. — Continue, Tenente, disse a Sachs. — Como já discutimos, prosseguiremos com total impulso enquanto efetuamos os reparos.

— Sim, senhor, respondeu seu Engenheiro-Chefe, num tom vagamente aborrecido, pensou Armstrong. Não havia necessidade de lembrar Sachs de manter força de impulso; eles haviam conversado sobre isto minutos atrás. Infelizmente, o Capitão não era solicitado a dar muitas ordens numa nave de transporte como *Jenolen*, e às vezes, ele sentia que tinha que dizer alguma coisa.

A nave vibrou levemente, enquanto os ruídos das dobras se dissipavam, e reentrava no espaço relativista. Armstrong resmungou. Ele quase podia desejar que algo saísse errado, que os alarmes soassem por todo o lugar e que tudo dependesse de sua rápida e talentosa mente para salvá-los de uma situação que nenhum outro Capitão de nave jamais enfrentara. Não que desejasse colocar a vida de alguém em perigo, particularmente daquele bando de velhinhos que se dirigiam para Norpin 5. Mas por uma única vez, queria se sentir como um verdadeiro oficial de comando. — Senhor? Sachs

interrompeu o devaneio de Armstrong. — Sim, Tenente?, virou-se para seu Engenheiro-Chefe.

O homem parecia perplexo. — Estamos captando uma quantidade considerável de interferência gravimétrica, disse.

Sua curiosidade aguçou-se, levantou-se, atravessou o Centro de Operações e postou-se ao lado de Sachs. — Interferência gravimétrica? repetiu. O engenheiro assentiu. — E acho que localizei a fonte de interferência. — Pode colocar no visual? perguntou o Capitão.

Sachs consultou seu monitor e disse: — Sim, creio que posso.

Um momento depois, a imagem se transformou de um suave rio cheio de estrelas para algo muito mais ameaçador. O que Armstrong e seus engenheiros viram foi uma esfera escura e desinteressante, na verdade, difícil de se discernir a olho nu, não fossem as estrelas que a esfera encobria. Tomava quase toda a tela panorâmica. Dessa vez, era o Capitão que se mostrava aborrecido. — Não solicitei magnificência máxima, Ben. Não se antecipe.

Sachs se virou, suas grossas sobranceiras ergueram-se numa resposta indignada. — Não me antecipei, Senhor. Esta é a magnificência mais baixa que temos.

Mais baixa? Mas para a esfera encher a tela panorâmica a esta distância... — Meu Deus!, disse Armstrong, esta coisa é tão grande quanto penso que é?

O Engenheiro-Chefe assentiu solenemente. — Quase o tamanho da órbita da Terra ao redor do Sol.

Estupefato, o Capitão deu dois passos em direção à tela. Não havia sinal desta esfera em nenhum de seus mapas de navegação!

De repente, um sorriso de satisfação atravessou seu rosto. Fazia muito tempo que não sorria desse jeito, era estranho e maravilhoso. — Alguma idéia do que possa ser, Capitão? Sachs perguntou. — Nenhuma, disse Armstrong. Mas intimamente ele sabia exatamente o que era...

Seu bilhete para o comando real.

Ao abrir a porta do elevador, Scott viu o Centro de Operações da *Jenolen*. Estranhamente, todos pareciam estar de pé, olhando boquiabertos para a tela panorâmica. — Lembre-se, sussurrou o Alferes Franklin, tentei demovê-lo da idéia de vir para cá... — É, tentou mesmo, concordou o velho. Porém, ele já estava esticando o pescoço para ver o que todos olhavam tão fascinados.

Era uma esfera perfeita, dependurada no espaço. Não um planeta, mas algo artificial. Caminhando até o Console de Engenharia vazio mais

próximo, ele ativou-o. E viu o que havia intrigado tanto a tripulação. De acordo com os números apresentados ao lado da imagem digitalizada da esfera no console, a maldita coisa tinha duas vezes o tamanho do sistema solar, ou mais. — Composição? perguntou o Capitão Armstrong, um sujeito tolo que cumprimentou Scott pessoalmente quando este veio a bordo. Não lhe parecia gostar muito de seu trabalho, até agora. — Carbo-neutronium, respondeu Sachs. Isto significa que nossos sensores não podem penetrar a sua superfície. Mau!

Endireitou-se, o que o fez ficar quase uma cabeça mais alta do que o Capitão. — Seria bom saber o que está acontecendo lá fora.

Armstrong franziu o cenho, pensativo. — Então, vamos investigar o que está havendo lá fora o mais perto possível. E antes que tenhamos feito isto, podemos ao menos nos aventurar a adivinhar o que há do lado de dentro. — Sim, disse Scott, embora devamos nos aproximar com cautela. A gente nunca sabe o que seus construtores esconderam sob as mangas.

O Capitão não havia percebido que Scott estava lá, até que este falou, pois quando se virou para encarar o homem mais velho, pareceu surpreso com a sua presença. De imediato, seus olhos procuraram Franklin que, indefeso, apenas deu de ombros.

Encarando Scott novamente, disse: — A que devo a honra, Capitão?

Em outras palavras, pensou Scott, que diabos você está fazendo aqui? Com seu ar mais casual, respondeu simplesmente: — Achei que poderiam precisar da minha ajuda.

E então, com um gesto para a tela panorâmica disse: — Agora tenho certeza de que precisam.

Os olhos de Armstrong fixaram-se em Scott. — Podemos lidar muito bem com isto, como o Sr. Franklin sem dúvida lhe informou, disse o Capitão. — É, retrucou o velho, ele me informou sim. Mas isso foi antes de irmos em direção à Esfera Dyson.

Isto chamou a atenção de Armstrong. — A...Esfera Dy... ..como é?

Scott repetiu. — Uma Esfera Dyson. E em mais ou menos 50 palavras descreveu a teoria por trás de tal construção. — É claro, concluiu, não posso garantir; acho que é. Mas certamente tudo indica que seja. — Entendo, disse o Capitão.

Olhou de relance para o Tenente Sachs. — Está familiarizado com tal coisa?

O engenheiro sorriu pesarosamente. — Francamente, senhor, não. Nessas circunstâncias, não seria uma má idéia se o Capitão Scott permanecesse no Centro de Operações. Como uma espécie de.....consultor.

Os músculos do rosto de Armstrong se retesaram. Sinceramente não

gostava da idéia da ajuda de um civil, mesmo um com 50 anos de experiência na Frota. Mas se seu Engenheiro-Chefe não se opunha, como poderia ele objetar? — Está bem, concordou. Sinta-se em casa, Capitão Scott. — Scotty, corrigiu o velho. — Este é o nome pelo qual sou chamado quando estou na Engenharia, e isto aqui é bem parecido com uma. Armstrong olhou-o com afeição. — Então, é Scotty.

Scott sorriu. — Bom, agora nos entendemos. Vamos trabalhar.

Matt Franklin sentiu uma mão sobre seus ombros. Levantando os olhos de seu Console de Engenharia, viu o Capitão Scott olhando-o afavelmente debaixo de grisalhas e espessas sobancelhas. — Como está nossa órbita, jovem?

O Alferes balançou a cabeça, sentindo uma fisgada no pescoço, porém resolveu não reclamar. Graças a Scott, que o nomeou seu assistente pessoal em suas pesquisas sobre a Esfera Dyson, Franklin era invejado por todos os não oficiais da tripulação. Claro, teve o seu preço: cinco horas de metódicas e densas análises. Mas um pouco de esforço era um preço pequeno a pagar por uma oportunidade que jamais ocorreria novamente. — Bom, senhor, retrucou, apontando os números no canto superior direito de sua tela. — Há horas não preciso fazer correção de curso. — Bem, disse Scott, nem eu esperava outra forma. Sendo uma esfera perfeita, aquela coisa não deveria apresentar nenhuma aberração magnética. Porém, como sempre digo, as más notícias chegam primeiro.

Apertando o ombro do Alferes paternalmente, o velho saiu furtivamente para ver como o restante dos oficiais da engenharia estavam se saindo. De mansinho, mas certamente, pareceu-lhe que Scott substituíra Sachs como o responsável da operação, embora para Sachs, aquilo estava sendo um bom passatempo para Scott

Apenas alguns dias atrás, Matt Franklin mal sabia de um homem chamado Montgomery Scott, a não ser o que havia lido. A lista de passageiros havia mostrado que Scott havia sido oficial da Frota Estelar a vida inteira, que havia servido por quase 52 anos na lendária *ENTERPRISE*. Subiu a bordo da nave como um jovem engenheiro sob o comando do Capitão Pike, alcançou a patente de Tenente Comandante com James T. Kirk e permaneceu na nave para treinar novos recrutas após o Capitão ganhar o posto de Almirante. Neste meio tempo, reuniu-se com Kirk e seus antigos colegas da *ENTERPRISE* uma vez ou outra, às vezes permaneciam juntos por períodos longos. Tudo isto estava nos arquivos do computador e era de conhecimento público. Mas agora Franklin tinha a chance de conhecer o homem por trás do bem sucedido profissional. E estava feliz por isto, muito

feliz.

Montgomery era o tipo de homem que você encontra somente uma vez na vida, alguém cuja capacidade para inventar parecia quase infinita... cujo amor pelo conhecimento é tão forte, tão intenso, que às vezes parecia ser uma força da Natureza. E Scott não consertou aqueles circuitos sobrecarregados de transferência de plasma mais rápido do que qualquer um do Centro de Operações poderia crer ser possível, incluindo o Tenente Sachs? Sem Scott, eles ainda estariam imaginando como se aproximar da esfera, e já estavam há horas na análise da mesma. De uma certa forma, o homem era como a própria Esfera Dyson, uma anomalia, uma peculiaridade, uma gema de rara qualidade a ser preservada.

Abruptamente, com Franklin concluindo seus pensamentos, a porta do elevador se abriu e o Capitão surgiu precipitadamente. Não parecia mais feliz do que quando saiu. — Civis, Armstrong resmungou. Por que achei que eles entenderiam? Por que achei que eles estariam dispostos a tolerar um pequeno atraso em nome da ciência?

Meneou a cabeça enquanto se sentava fatigado em sua cadeira de comando, sua voz se arrastando num murmúrio de denúncias. Abafando um sorriso, Franklin virou-se para o monitor e vasculhou uma outra porção do globo artificial. Não que esperasse ver muito, mas... Espera! Sua boca ficou seca. O que é aquilo? — Vocês acham que estivemos aqui brincando?, disse Armstrong, sua voz se elevando a um nível audível novamente. Vocês acham que estivemos perdendo tempo, e não fazendo uma das maiores descobertas do nosso.....

— Capitão?

Franklin levou um instante para perceber que era ele que havia falado, interrompendo os devaneios do Capitão e chamando a atenção de todos. Engoliu em seco, sua boca mais seca do que nunca. — Sim, Alferes? perguntou Armstrong. — Senhor, Franklin continuou, encontrei algo que se parece com uma antena de comunicação.

Em um segundo Scott estava ao seu lado. — É, parece sim, jovem, confirmou Scott. Fez alguns ajustes no campo que esquadrinhava. — E olhe, aqui há uma outra antena. E uma terceira. Não... uma quarta. Quatro delas.

Virando-se para o Capitão, disse: — Elas parecem intactas também. Não me surpreenderia se estivessem funcionando.

Um sorriso se espalhou no rosto de Armstrong, fazendo-o com que se parecesse com alguém que acabara de realizar o grande sonho de sua vida. Ele meneou a cabeça: — Então, certamente, vamos abrir todos os canais de frequência. Num outro console de Engenharia, o Oficial de Comunicação Kinski seguiu as ordens do Capitão. — Canais de frequência abertas,

confirmou.

Esperaram. Sem resposta. Olhares foram trocados entre os membros da tripulação, entre o Capitão Armstrong e o Sr. Sachs, entre o próprio Franklin e o Capitão Scott. O sentimento da espera era quase sufocante. E ainda sem resposta da Esfera Dyson. — Tente de novo, disse Armstrong, com a voz um pouco mais baixa. — Tentando, reportou Kinski.

Novamente houve aquele silêncio cheio de expectativas, que se estendeu por um bom tempo. Franklin balançou a cabeça desapontado. — Droga! disse o Capitão. — Pode repetir isso, disse Scott afavelmente. — Por um momento pensei realmente que poderia acordá-los. — Talvez estejamos desistindo cedo demais, Sachs opinou. — O fato de eles não responderem, não significa que eles não possam fazê-lo, ou que não farão. Talvez estejam sendo apenas precavidos. — Não acho, não, Tenente. Chame isso de sexto sentido se quiser, mas aposto uma garrafa de whisky que se ficarmos sinalizando para eles até o Juízo Final, não teremos mais sorte do que tivemos até agora. Pura e simplesmente porque não há ninguém lá. — Ele está certo, Armstrong concordou. — Qualquer um que tenha tecnologia para construir uma Esfera Dyson, não tem nada a temer de nós. Se existissem seres em seu interior guardando a Esfera, já saberíamos.

Como eles podiam ter tanta certeza? Franklin olhou Scott e Armstrong e voltou a olhar para Scott. Como eles podiam saber sem ter nenhuma duvidazinha?

O Alferes acabava de ter estes pensamentos quando o chão abaixo deles deu uma guinada e ele se estatelou no chão. Sentiu que alguém o levantava enquanto outra pessoa gritava uma pergunta. Um segundo depois, uma terceira pessoa respondia aos gritos. — Enrolamentos de força! Eles explodiram!

Felizmente, Scott estava em posição de se agarrar ao Console de Engenharia quando a explosão os sacudiu, ou ele teria caído pelo Centro de Operações como Franklin e Sachs. Segurando-se com força na expectativa de uma segunda explosão, trabalhava no console até confirmar a conclusão de Sachs. Os enrolamentos da popa haviam explodidos, tá certo. Mas como? Havia meia dúzia de sistemas de segurança para prevenir algo como isso, e mesmo que nenhuma delas funcionasse, eles teriam vários avisos de alarme dados pelos diagnósticos. — Relatório de avaria, Armstrong pediu, segurando-se firmemente na sua cadeira de comando. Em seguida, quase como se lembrasse: — alguma baixa? — Não há baixas fatais, senhor, retrucou Kinski, consultando seu monitor. — Mas muitos feridos, especialmente na ala dos passageiros. — Avarias também nos condutos de

energia, anunciou Sachs. O homem parecia chocado e estava branco como um fantasma, mas também, esse tipo de coisa não acontece com frequência em naves de transportes. — Tentando compensar pelo desvio de potência para o relê ventral. Dê-me uma mão, Sr. Franklin!

Isto era exatamente o que Scott teria feito. Enquanto o jovem Franklin se posicionava na console ao lado, acompanhava os seus esforços pelo monitor. Vamos lá, encorajava intimamente. Recarregue, coisa maldita.

Porém, em apenas um ou dois minutos, Scott viu que sua tentativa não estava funcionando, e outros segundos para ver porquê. A avaria havia sido maior do que Sachs havia imaginado. A explosão tinha atingido as dobras espaciais, embora os cilindros magnéticos não revelassem. — Bem? perguntou o Capitão. Sachs balançou a cabeça. — Sem resposta, senhor. Os sistemas de dobras estão desligados. Ele solicitou outros dados na tela e praguejou baixinho. — O que é agora?, perguntou Armstrong. — Não me diga que os engenhos de impulso também estão avariados. — Não exatamente, disse Scott, que estivera rasteando os sistemas de propulsão junto com o Engenheiro-Chefe. — Mas eles sofreram avaria colateral na explosão dos enrolamentos. Não há potência suficiente para nos manter em órbita.

O Capitão encarou-o. — O que você está me dizendo? — O *Jenolen* está perdendo altitude, Scott explicou o mais calmamente que podia. Fomos pegos pela gravidade dessa maldita Esfera e não podemos sair dela. — Não pode ser, insistiu Armstrong. — É claro que os sistemas podem ser reparados.

Sachs meneou a cabeça. — Temo que não. — Há avarias demais e não temos tempo suficiente. Olhou para Scott para ser confirmado, e a confirmação veio em forma de um triste e frio silêncio. Montgomery Scott havia tirado todos os coelhos de sua cartola. Mas por uma vez, até ele perdeu. Existia várias maneiras que ele podia imaginar em colocar os engenhos da *Jenolen* em ordem, mas qualquer uma delas levaria mais tempo do que eles tinham.

O Capitão molhou os lábios. — Você quer dizer que não há nada que possamos fazer? Vamos apenas nos espatifar lá embaixo?

Era contra a índole de Scott admitir isso, mas ele já havia dito para Jim Kirk algumas vezes, que não havia como mudar as leis da física. — Sim, admitiu, é esse o tamanho de nosso problema.

Armstrong enrugou a testa pelo impacto das palavras de Scott — Quando tempo antes do impacto?

Seu Engenheiro-Chefe deu-lhe a resposta. — 17 minutos e 35 segundos, senhor.

Ben Sachs era um homem de ambições modestas, o produto de uma longa linha de homens de ambições modestas. Claro, ele queria ir para o espaço, mexer, brincar com os engenhos de dobra espacial e sentir a alegria do retorno de suas manobras com as dobras. E ao contrário de seus colegas, nunca aspirou em servir numa nave da Classe Constitution. Assim, quando recebeu a missão de substituir o Engenheiro-Chefe da nave de transporte *Jenolen*, Sachs aceitou-a feliz, na verdade, mais do que feliz. Deixou para os outros trabalharem sob implacável pressão, já havia dito para si mesmo uma vez. Deixe que eles façam o trabalho duro de todos os dias, façam suas refeições numa pressa cega, deem à noite de olhos abertos imaginando se algum indicador foi lido errado. Deixe que seus cérebros esforcem-se em se lembrar o que os atraiu para essa vida em primeiro lugar. Ficarei feliz em nadar em águas calmas de um lago, onde posso ter tempo de apreciar a vista sem sentimentos de culpa. Ficarei ótimo no nave *Jenolen*.

Até agora, a previsão de Sachs havia se confirmado. Ele estava muito bem. Havia encontrado seu perfeito e tranqüilo retiro. E mais do que isso, ele havia encontrado amor, o amor perfeito que só um engenheiro pode sentir pela sua nave. Ben Sachs havia perdido a cabeça por uma nave de transporte que ninguém mais olharia uma segunda vez.

Mas como num flash, tudo mudou. Agora, ele estava levando a *Jenolen* direto para a escura Esfera Dyson lá embaixo. E a vantagem dessa sua vida idílica, nessa sua forma idílica, diabos, completamente idílica, parecia cada vez mais remota a cada segundo.

Estranhamente, não sentia medo, não mesmo. Nem remorso. Sachs nunca se casou, nunca teve filhos, e seus pais há muito estavam mortos. Não deixava ninguém para trás. Estava para morrer junto com o seu verdadeiro amor. O romance o encantou tanto que encobria o terrível destino que o aguardava, no fundo do poço gravitacional. — Sr. Sachs!. O Engenheiro-Chefe balançou a cabeça e seguiu a fonte do chamado. Encontrou nos olhos estreitos de Montgomery Scott. — Você está comigo ou não, jovem? perguntou Scott. Sachs engoliu em seco. — Com você em quê? O velho homem praguejou baixinho. — Você não ouviu uma palavra do que eu disse? Não podemos evitar de nos espatifar na Esfera Dyson, mas podemos reduzir ao mínimo o número de vítimas. Isto é, se pudermos achar meia dúzia de homens da tripulação dispostos a agüentar as coisas aqui no Centro de Operações.

Sachs colocou usa mente para funcionar a toda velocidade, compensando o tempo no qual estivera distraído. Depois de 1 ou 2 segundos, percebeu o que Scott queria. Na ala dos passageiros havia *cabinas-turbulentas*, que

amorteceriam as turbulências no espaço. Presos numa dessas cabinas, uma pessoa teria uma chance mínima de sobreviver. Mas no Centro de Operações, onde não havia nada que amortecesse o impacto, essa chance era quase nula.

E ainda, alguém tinha que ficar no Centro, para usar o que restou do impulso e tentar amortecer este impacto. Para levantar os escudos no momento certo. E para evitar que a nave caísse de lado onde a estrutura era mais fraca.

Sachs assentiu. — Entendo, disse. — Agora você está atento, jovem. As grossas sobranceiras se Scott se uniram. — A questão agora é quem fica e quem vai. Olhares foram trocados. Ouviu-se um arrastar de pés e a respiração da tripulação. — Bem, disse Scott, acho que eu sou a pessoa mais dispensável por aqui. Faz sentido eu ficar. Olhou para Sachs. — Eu também, disse o engenheiro, arrancando olhares de admiração dos outros. Sem dúvida, achavam que estava sendo corajoso. Eles estavam enganados, claro. Ele apenas foi apanhado em sua loucura romântica, mas ele não ia contar sobre isso. Se os outros quiserem lembrar-se dele como um herói... diabos, por que impedi-los?

Capitão Armstrong limpou a garganta. — Eu também vou ficar. Não sou engenheiro, mas trabalhei perto deles durante anos e posso obedecer ordens como qualquer outro. Scott sorriu. — Fico contente de tê-lo a bordo, disse a Armstrong. O Capitão sorriu de volta, mas sem muita vontade. — Obrigado, Capitão Scott Olharam em volta. — Mais alguém?, perguntou Sachs. Ninguém respondeu. Não os culpava, e então, depois de um tempo que lhe pareceu longo, uma mão levantou-se. Era Franklin. — Gostaria de ficar também, disse ao Engenheiro-Chefe. Olhou para Armstrong. — Se o senhor concordar. O Capitão olhou-o por um instante, sem dúvida pensando na juventude do Alferes, mas então, a maioria da tripulação do *Jenolen* era jovem. E eles precisavam de qualquer ajuda que pudessem obter. — Por mim está bem, concluiu Armstrong, e obrigado, Sr. Franklin. Virando-se para os outros, olhou-os com benevolência e compreensão. Quando falou não havia em sua voz insinuação de recriminação. — O restante de vocês dirijam-se para os decks dos passageiros o mais rápido possível. Vocês não têm muito tempo para se colocarem em segurança.

Agradecidos, saíram pelo elevador. Sachs observou-os partir, invejando-os um pouquinho. Mas não havia volta agora. Compartilhava sua sorte com Capitão Scott, e veria sua conclusão. — Tempo para o impacto? perguntou Armstrong.

Sachs consultou novamente seu monitor. — 12 minutos e 52 segundos, replicou. Melhor começarmos agora. — Sim, disse Scott. Dirigiu-se para o

Engenheiro-Chefe. — Espero que você não se importe se eu assumir as coisas de agora em diante. Afinal, tenho um pouco mais de experiências em pousos turbulentos. — Absolutamente, Sachs respondeu com honestidade. Ela é toda sua.

Scott parecia um par de polegadas mais alto quando assumiu. — Muito bem, então. Sr. Franklin, o senhor será o piloto. Leve-nos numa descida reta e constante. — Pode contar comigo, senhor, retrucou o Alferes. — Fico feliz em ouvir isto, Scott retrucou. Virou-se para Sachs. — Trace uma curva com empuxo exponencialmente crescente, mas não use todo o empuxo que temos. Vamos precisar de alguma potência para o sistema de suporte de vida. Se, .... isto é, quando terminarmos. — Sim, senhor, respondeu prontamente Sachs.

Finalmente, Scott olhou para o Capitão, que havia descido de sua cadeira de comando e se postado ao lado de um dos Consoles de Engenharia. — Não há nada para você fazer no momento, disse Scott, mas quando eu der o sinal, você deve reconfigurar os escudos defletores para nos dar o máximo de proteção na hora do impacto. Armstrong assentiu: — Aguardando, replicou.

Scott suspirou fundo e disse: — Sem dúvida. E continuou: — Você está todo curioso para ver como me saio. — Aumento as reservas de energia? perguntou Franklin. — Implorando por energia, tomando emprestado, roubando dos sistemas periféricos, Sachs continuou. — E retirando até do último recanto e fresta possíveis.

Scott olhou para eles impassível. — Uma questão de retórica, cavalheiros. Contudo, obrigado pela ajuda.

Nos minutos seguintes, todos ficaram concentrados em suas tarefas. Sachs tinha sua mente extraordinariamente clara, hábil, enquanto primeiro traçava e em seguida executava a curva de empuxo pedida por Scott.

Quando teve oportunidade de olhar, viu que os outros estavam igualmente absortos no que faziam. Não havia sinais de pânico. O engenheiro sorriu, contente em ver que os seus prováveis últimos momentos de vida passaria em companhia de verdadeiros profissionais.

Abruptamente a nave começou a sair de seu eixo. Franklin praguejou baixinho. — Controle a nave, Alferes, disse Scott com sua voz tão calma quanto um lago ensombreado de árvores. — Não temos pressa. Em resposta à calma do velho, assim como ao seu conselho, Franklin fez as correções necessárias. Na tela de Sachs, a *Jenolen* se endireitou. — Muito bem, Scott observou. — Agora vamos mantê-la numa descida estável.

Dois minutos e meio. Dois. Um e meio. 60 segundos. À medida que Franklin mantinha a nave em posição vertical, Sachs aumentava o empuxo. Contudo, estavam acelerando de encontro à Esfera pela sua descomunal

força gravitacional. — Tudo bem, disse Scott. Estavam se aproximando da marca de 35 segundos. — Levante os escudos. Capitão Armstrong fez o ordenado. — Escudos levantados, confirmou. — Estamos tão protegidos como nunca estivemos. Haviam feito tudo o que podiam, Sachs ponderou. O resto estava nas mãos dos deuses. Segurou-se no seu console. 20 segundos. 15. 10. Sachs não conseguia engolir. Adeus, *Jenolen*. 5. 4. 3. 2. 1.

Por 1 segundo ou 2 Scott não soube dizer o que o havia atingido, ou até onde estava. Então, como o fluir de um rio, foi retomando consciência lentamente,

O Centro de Operações estava em chamas e queimando como o inferno. Havia fumaça em todo o lugar, tornando quase impossível de se enxergar. Tossiu dolorosamente.

Mas ele estava *VIVO*. Estava ferido e seu braço esquerdo machucado, mas apesar de todos os contras, ele havia conseguido. E se um homem da sua idade havia sobrevivido, provavelmente haveria outros sobreviventes.

Scott estremeceu. Havia algo em seus olhos. Esfregando-os cautelosamente, seus dedos ficaram com uma camada fina de sangue. " Sangue, notou intimamente, mas não estou derrotado", como um poema de que se lembrava. Sua mente começou a divagar de volta às terras altas da Escócia, e de uma jovem que amava mais poesia do que qualquer outra coisa... exceto a ele...

Não! Disse para si mesmo firmemente, espantando suas lembranças. Nada disso agora, Posso estar sofrendo de uma concussão, mas não posso me abater agora. Preciso me concentrar nas tarefas, que é ver quem mais pode estar vivo e depois verificar as avarias da nave. Pelo canto de seus olhos notou alguma coisa. Uma mão, a não mais do que alguns metros de distância... movendo-se imperceptivelmente? Ou era só a sua imaginação? Arrastou-se até o local tanto quanto podia. — Rapaz? tentou dizer. Mal podia ouvir a si próprio devido as explosões vindo dos consoles arruinados. Não obteve resposta. Arrastou-se para mais perto, e tateou da mão até o ombro. Sacudiu-o. Nada. Não havia resposta. E a cabeça do jovem estava virada para o outro lado, e ele não podia saber quão ferido estava. Scott sacudiu com mais vigor. Nada ainda.... Vamos lá, jovem, disse esperançoso, acorda. Eu não tenho o dia todo!

Finalmente, suas sacudidelas tiveram resultado e fizeram com que a cabeça do rapaz virasse e o encarasse. E, de repente, Scott percebeu, sem sombra de dúvida, quem era o homem e porque ele não respondia.

Era o Engenheiro-Chefe Sachs. E metade de seu rosto estava totalmente queimado em conseqüência do impacto. — Meu Deus, sussurrou Scott, meu

bom Deus. Virando-se para longe do espectro da morte, arrastou-se para a base de um Console de Engenharia. Suspendendo-se o mais que podia, levantou uma perna e depois a outra e finalmente num supremo esforço endireitou-se.

Por um terrível instante, sua cabeça formigou e ele sentiu como se fosse ficar doente. Depois passou. Infelizmente, a dor em seu braço estava aumentando, piorando. Parecia estar queimando. Ignorando a dor terrível por um instante, olhou com atenção através da densa fumaça, tentando avaliar a situação. Repentinamente, um jato de faíscas flamejantes irrompeu em algum lugar próximo, lançando nas redondezas um silêncio desolador. Scott viu mais um corpo ensangüentado, inerte, deitado no chão numa posição impossível. Então, ele era o único sobrevivente para contar a história? Será que ele teve tanta sorte assim? Novamente, a dor o dominava, enfraquecendo os seus joelhos, desafiando-o a controlar este monte de carne e osso que era Montgomery Scott. Apoiado no console controlou-se com a força de seus pensamentos. E notou que a Estação de Engenharia ainda funcionava. Sua tela estava ligada, coberta com a fuligem da fumaça, mas ainda funcional. Limpando a fina camada de fuligem com a mão, Scott pediu um bio relatório da situação da *Jenolen*. As notícias que lhe chegaram não eram boas. Não eram boas de forma alguma. Além dele, havia apenas mais um sobrevivente. Scott balançou a cabeça incrédulo. Só um? Como pode ser? Enrugou a testa e checkou para ver se a Estação de Engenharia não estava com defeito, e recebeu o mesmo diagnóstico em cores vivas. Scott massageou suas têmporas com o dedo indicador. De todos aqueles passageiros e tripulação apenas dois sobreviveram? Não era possível. Se *ele* sobreviveu à colisão, certamente os homens e mulheres dos decks superiores, em suas confortáveis e seguras *cabinas-turbulentas*, teriam se saído melhor. Eles *tinham* que estar vivos. Tinham que.

E aí ele viu. Uma luz piscando na tela do campo de integridade do casco. Scott lamentou cheio de compaixão. Eis porque os outros não conseguiram. O impacto provocou uma fina ruptura no casco da nave, provavelmente não maior do que a sua palma da mão, porém grande o suficiente para sugar todo o ar da ala dos passageiros. Não foi a colisão que os matou; eles foram sufocados. Scott queria gritar, queria gritar a injustiça da perda dessas vidas.

Não era a primeira vez que sentia essa vontade; como das outras vezes, cerrou os lábios e foi em frente. Havia um outro sobrevivente, lembrou-se forçando novamente seus olhos a focalizar o monitor. Em algum lugar dessas ruínas, havia uma vida que ainda podia ser salva. E o homem estava estirado em algum lugar próximo, não mais do que poucos metros, julgou.

Assim, como para confirmar que os sensores internos sabiam o que

diziam, houve um movimento no meio da fumaceira. Uma sombra, escura e cambaleante, um perfil familiar, brilhando por causa do sangue, no meio do caos. — Franklin, chamou Scott Sua voz era áspera, mas funcionou, conseguiu chamar a atenção do Alferes. — Aqui, rapaz! O jovem virou a cabeça. Seus olhos brilharam com ardor, refletindo as fagulhas que jorravam do console. Ele disse algo, embora Scott não pudesse entender. — Não posso ouvi-lo, grunhiu.

Franklin cambaleou até que pudesse agarrar os ombros de Scott. Sua cabeça sangrava de um corte na têmpora, inclinou-se e disse: — Estão mortos, senhor. Estão todos mortos.

Scott apertou as mãos que agarravam seus ombros e encarou o olhar cheio de horror do Alferes. — Sei disso, jovem. *Mas NÓS* estamos vivos. E se quisermos continuar assim, temos que encontrar uma forma de sair daqui.

Franklin assentiu. Respirando fundo, controlou-se. — Tudo bem, disse enfim, sua voz ligeiramente trêmula mas mais forte do que antes. — Estou com o senhor. — Bom rapaz. Agora...

Acionando o sistema de diagnóstico da nave, Scott considerou as avarias. Não havia boas notícias aqui tampouco. A colisão inutilizou tudo, exceto o sistema auxiliar de suporte a vida e as comunicações... e esses sistemas podiam também falhar em breve. Para piorar, os suprimentos de aumentos da nave haviam sido contaminados pelo vazamento de radiação dos engenhos de impulso, agora irreparáveis. — Não parece promissor, não é? observou o Alferes. Scott balançou a cabeça. — Não, jovem, não parece. — Mesmo que a energia auxiliar mantenha isso aqui habitável, não teremos nada para comer ou beber. Podemos mandar sinais de socorro, mas eles podem levar anos para chegar.

Scott podia ver o pomo-de-adão de Franklin subir e descer ao longo da garganta. Não podia culpá-lo. Eles estavam condenados, e isto era tão certo como se tivessem morrido na colisão com a esfera junto com os outros.

A menos que.... Scott perscrutou através da fumaça na direção da plataforma de teletransporte. — Por outro lado, disse a Franklin, podemos ainda ter uma ou duas cartadas para jogar antes do fim. — Capitão Scott? disse o Alferes. — Mande um sinal de socorro, instruiu o velho. Código Um Alfa Zero.

Antes que Franklin pudesse retrucar, Scott estava a caminho da estação de teletransporte, tateando seu caminho através da fumaça que vinha dos consoles, e a cada passo, trabalhava nos detalhes daquilo que começou apenas como uma semente de idéia. — Vamos ver, murmurou. Preciso achar uma maneira de impedir que o sinal enfraqueça. E uma fonte de energia...

Instantes mais tarde, ele achava a estação de teletransporte. Felizmente,

não havia sofrido muito mais do que um arranhão. Parecia que alguém tinha olhado por eles, vendo para que tivessem pelo menos uma alternativa de lutar contra todas as outras chances.

Afinal, nem ele nem Franklin deveriam estar no Centro de Operações quando a Esfera Dyson foi descoberta. Eles deveriam estar na ala dos passageiros, Scott lendo cuidadosamente as Leis da Física pela enésima vez, Franklin fazendo o que quer que fosse nos seus momentos de folga. Scott não resistiu em ver qual era o problema com as dobras espaciais, e quando se tornou evidente que a *Jenolen* ia colidir, ele teimosamente decidiu permanecer no Centro. Se ele não tivesse sido primeiro curioso e depois tolo, ele e seu jovem amigo estariam mortos agora, sufocados junto com os outros quando o ar evadiu-se da ala dos passageiros. Sorte? Destino? Sina cega? Scott praguejou baixinho. São os homens que fazem seu próprio destino, disse-lhe uma vez seu avô Clifford. E seu avô estava certo, ponderou, à medida que colocava em funcionamento os painéis de circuitos da Plataforma de Teletransporte, com a sua mão boa. — Enviei o sinal de socorro, anunciou o Alferes da outra extremidade do Centro de Operações. Alcance máximo, circuito contínuo. — Bom homem, respondeu Scott. — Agora, vá até os consoles do teletransporte, posso precisar de ajuda.

Mal havia dito isso e o painel se abriu, deixando-o livre de seu nicho, expondo o console internamente. Embora a única luz de que dispunham provinha de uma chama de um painel de controle atrás deles, Scott acionou uma minúscula chave dentro do painel e colocou em funcionamento os circuitos de diagnóstico.

Felizmente, as coisas não mudaram muito. Na verdade, de alguma maneira a tecnologia de teletransporte do *Jenolen* era inferior ao da *ENTERPRISE*. Mas então, a *Jenolen* era apenas uma nave de transporte e a *ENTERPRISE* tinha sido a nave capitania da Frota Estelar, — Capitão Scott? disse uma voz. Scott sobressaltou-se com a proximidade dela, e então percebeu que era só o Franklin. —

Não ande sorratamente, jovem. Há o suficiente aqui para me fazer sobressaltar sem você ficar andando feito um fantasma! O Alferes pareceu arrependido. — Desculpe, senhor. Ele segurava o que parecia ser um grande pedaço de tecido. Um pedaço de tecido de algum uniforme familiar. — Vendo a maneira como o senhor segura seu braço, pensei que se sentiria mais confortável se usasse isso.

Abruptamente Scott compreendeu. — Uma tipóia, disse alto. Não era uma má idéia. Se seu braço doesse a metade do que parecia de ruim, era uma boa idéia deixá-lo imóvel. — Onde conseguiu isso? perguntou. Franklin levantou o antebraço direito, mostrando a Scott a manga rasgada, que agora

chegava até o cotovelo. Imaginei que o senhor precisasse mais do que eu, disse envolvendo a tira do tecido ao redor do pescoço de Scott e amarrando as extremidades embaixo de seu braço machucado. Scott provou. Nada mau, nada mau mesmo. Ele podia mover-se muito mais facilmente agora. Olhou para o Alferes, com a intenção de agradecer, mas antes que pudesse dizer uma palavra, Franklin apontou a cabeça para a unidade de teletransporte. — O senhor disse que precisava de ajuda? — Sim, disse Scott. Haverá tempo suficiente para agradecer. — Aqui está o que gostaria que fizesse. Vê esses circuitos? Eles permitem a função de diagnóstico do teletransporte. Usou uma ferramenta para mostrar o ponto para onde convergiam, e deu a ferramenta para Franklin. — Pegue isso e una os circuitos.

Na testa escurecida pela fuligem do jovem Alferes, apareceu um vínculo de interrogação. -- Mas isto não vai travar o padrão *buffer* num diagnóstico em círculo? Scott sorriu aprovadamente. — Vai sim, rapaz, isto manterá o sinal do modelo diagnóstico em círculo perpétuo. Franklin olhou-o. — Mas por que? — Você verá tão logo eu faça alguns ajustes, disse Scott. E com isso, se levantou.

A fumaça estava começando a se dissipar, um bom sinal de que o sistema de apoio a vida estava funcionando tão bem quanto havia mostrado o monitor. Mas com um pouco de sorte, Scott pensou, eles não terão mais com que se preocupar.

Concentrando-se no painel de controle, ele pediu um diagrama da sua conexão com a fonte de energia auxiliar. Infelizmente, não suprimiria fluidos energéticos o suficiente para o que tinha em mente. Franzindo as sobrancelhas, Scott chamou um segundo diagrama, aquele disposto segundo o emissor. Como esperava, estava intacto, assim como o resto do teletransporte. Mais um diagrama, a intercessão da indução de fases. Assentiu satisfeito. Não houve avaria aqui tampouco. Até aqui, tudo bem. Agora a parte problemática, a parte em que ele não confiava totalmente. Afinal, os indutores de fase não foram feitos para funcionar segundo a disposição do emissor. Não era o que os seus projetistas tinham em mente, mas também, seus projetistas nunca estiveram num transporte destroçado, com a fome e a morte lenta olhando-o nos olhos... Prendendo a respiração, Scott pediu ao computador a intercessão dos indutores com a da disposição do emissor. Se funcionasse, eles teriam uma fonte regenerativa de energia, uma fonte que poderia manter o teletransporte funcionando até a chegada do socorro. Se não, eles estariam liquidados.

Funcionou! — Diabos, Scott respirou tomado por uma onda de alívio. — Tudo bem aí? perguntou Franklin. — Tudo bem, tudo bem, jovem. E aí? perguntou Scott — Quase pronto, disse o Alferes. Girando sob seu quadril,

Franklin colocou a ferramenta de volta ao painel e então colocou-o de volta ao seu nicho, ao qual pertencia. Como se capricho contasse... Scott não conseguia evitar, mas apenas sorrir mesmo sob circunstâncias tão macabras. O Alferes se levantou. — E agora, senhor? O velho homem apontou para a plataforma de teletransporte. — Agora, vamos dar um longo passeio, jovem. Se nossa sorte continuar conosco, talvez não seja tão longo assim.

Franklin não entendeu. — Para onde vamos? perguntou. — Se nossos sensores não conseguem penetrar na esfera, não há condição de nos teletransportar para o seu interior. E mesmo se pudéssemos, não sabemos como é lá. Pode ser... sua voz dissipou-se à medida que percebia as coisas... — Espere um minuto. Com o *padrão buffer* travado num diagnóstico em círculo, não podemos ir a lugar nenhum. Nossos átomos ficarão fluindo para todo o sempre...

Scott balançou a cabeça. — É exatamente isso. Para sempre, até alguém responder o nosso chamado de socorro e nos tirar daqui!

O Alferes meneou a cabeça admirado. — Como o senhor pensou nisso? — Jovem, disse Scott, é meu trabalho pensar nisso. Ou pelo menos era. Apontou a plataforma de novo. — Podemos? Franklin hesitou. — O que.. e se não funcionar?

Scott deu de ombros. — Então, não estaremos pior do que se ficarmos sentados aqui esperando. E talvez melhor, dependendo de como você vê as coisas.

Isto pareceu fazer sentido para o jovem Alferes. De qualquer forma, não perguntou mais nada. Andou até o teletransporte e ocupou uma das duas posições.

Jovem de coragem, pensou Scott. Parece-se comigo quando eu era um pouco mais jovem, Não... bem mais jovem. Em todo caso, o tempo era algo devastador...

Trabalhando no console pela última vez, Scott colocou o mecanismo para um atraso de 30 segundos e ativou-o. Aí deu uma dúzia e tanto de passos necessários para subir na plataforma. Ao tomar seu lugar, Scott examinou toda a carnificina à sua volta... os painéis de controle ainda chamejantes, os corpos queimados de dois pobre-coitados que não conseguiram o que eles conseguiram. Se ele e Franklin puderem sair vivos disso, poderiam enfrentar qualquer outra coisa do Universo. Franklin virou-se para ele. — Te vejo do outro lado, disse dando um sorriso. — Sim, jovem, disse Scott, do outro lado.

## ***Um***

U.S.S. *ENTERPRISE* 1701-D Setenta e Cinco anos depois

Ao som da campainha de sua porta, Capitão Jean-Luc Picard levantou os olhos de seu monitor, onde esteve revisando uma monografia de aumento de pontes em estrelas binárias. Ao tocar no painel de controle apropriado, guardou o arquivo no computador. — Entre, disse Picard, acionando o mecanismo de abertura da porta. Assim que a porta deslizou para o lado, surgiu o visitante que o Capitão esteve aguardando. Indicou a cadeira à sua frente. — Não quer sentar-se, Sr. Kane? Alferes Darrin Kane era um jovem alto de aspecto atlético, de cabelos avermelhados, olhos penetrantes e um sorriso sempre pronto. Pelo menos, era assim que parecia ao Capitão no passado. No momento, o Alferes lhe parecia sério demais, quase taciturno. — Obrigado, senhor, disse Kane, puxando a cadeira e sentando-se. O Capitão recostou-se. — Como vai seu pai, Alferes? Kane sorriu, mas o sorriso não pareceu ser espontâneo. — Ele está bem, senhor. Tive notícias dele outro dia, via subespacial. Esteve cavalgando, jogando golfe, caminhando, o que o senhor quiser. Ele disse que deveria ter saído da Frota há mais tempo. Picard sorriu: — De fato. O Ferris Kane que eu conheci não podia ser arrancado de sua cadeira de Capitão nem com uma alavanca. Mas, também, as pessoas mudam, não é? Acho que chegará o dia em que eu também vou preferir a boa vida à vida na Frota.

Intimamente, não conseguia imaginar tal dia, nem mesmo em seus devaneios mais desvairados. Porém, não seria educado dizer isto ao jovem Kane, depois que seu pai optou por uma vida civil na Terra. — Então, disse o Capitão, o que o moveu a pedir esta reunião? Pareceu que era bastante urgente.

O Alferes mordeu os lábios. Por um ou dois segundos, pareceu hesitar. E, de repente, levantou-se. — Sinto muito, senhor. Não deveria estar tomando seu tempo com este tipo de coisa. Esqueça que estive aqui, por favor. E com isso virou-se para a porta. — Alferes Kane, chamou Picard, sua voz soando um pouco mais alto do que pretendia. Mas, afinal, sua curiosidade fora atiçada. Não ia permitir que esse mistério fosse mais longe. Kane parou e virando-se, olhou para o Capitão. — Senhor? — Sente-se, Picard ordenou. Novamente o Alferes hesitou. — É uma ordem, Sr. Kane.

Parecendo um pouco como um animal acuado, ele se sentou. E após um instante levantou os olhos para encarar de volta o olhar do Capitão. — E agora, disse Picard, você veio me ver por alguma razão. Preste bem atenção, não vou forçá-lo a dizer-me porquê. É definitivamente sua escolha me dizer

se quer ou não falar sobre isso, mas eu gostaria de ouvir.

O Alferes suspirou. — Está bem, senhor. Tem a ver com o Comandante Riker.

Com Will? Isto era uma surpresa. — O que há com o Comandante Riker? atçou o Capitão. Kane pigarreou. — Acho... que ele tem qualquer coisa contra mim, senhor. Ele parece estar alimentando um certo... não sei., ressentimento.

Isto não parecia ser de Will Riker, pensou Picard. — E como foi manifestado esse ressentimento? perguntou. O jovem suspirou. — Senhor, eu me formei na Academia em primeiro lugar da minha turma. Não porque eu fosse o cadete mais brilhante ou mais talentoso, mas porque eu *queria* isso mais do que qualquer um.

— Estou ciente de seu desempenho na Academia, o Capitão interpôs, esperando manter a conversa leve. — Por favor, senhor, deixe-me terminar. Quando fui designado para o *Hornet*, não me portei como ... criar fama e deitar na cama, sabe? Trabalhei duro, com mais perseverança do que qualquer outro Alferes a bordo. O Capitão Peterson confirmará isso.

Novamente, algo que Picard tinha total conhecimento, mas não queria interromper uma segunda vez. — Quando fui transferido para a *ENTERPRISE*, foi como a realização de um sonho. Meu pai sempre o teve em alto apreço, senhor, e também a sua nave. Eu dizia para mim mesmo que todo o meu esforço seria compensado. Mas também sabia que o trabalho árduo ainda estava por vir.

Pausa. — Mas? disse o Capitão. — Mas, ainda não me deram uma chance aqui! Estou disposto a trabalhar além do meu turno, estou disposto a aceitar responsabilidades, a fazer o que for preciso para me tornar Capitão um dia. Mas não vou chegar lá checando cargas dia sim, dia não, — Checar cargas é uma das tarefas designadas a Alferes nesta nave, Picard lembrou-o. — Entendo, senhor. Eu não me importaria em fazer isso se eu também tivesse a oportunidade de fazer *outra coisa*. Ou se, ao menos, eu fosse tratado como os outros! De todos os Alferes na *ENTERPRISE* sou o único que ainda nem cheguei perto da Ponte, até agora. E com o devido respeito, senhor, sua sala não é propriamente parte da Ponte que eu imaginava.

Picard assentiu. — O senhor discutiu isso com o Comandante Riker, Alferes? — Sim, senhor, em mais de uma ocasião. E ele me disse que as tarefas que designa aos Alferes são de sua conta, e não estão abertas para discussões. — Entendo, disse o Capitão. Ele considerou o Alferes e não encontrou nenhuma insinuação maldosa de sua parte. Parecia estar dizendo a verdade.

Porém, se era assim, então Riker tinha culpa em alguma rixa particular, e

isso não lhe parecia provável. Abruptamente, Kane se levantou. — Não intencionava tomar tanto tempo do Capitão, observou. — Não se desculpe, Picard disse, levantando-se também. Pode estar certo de que vou examinar a situação, Alferes.

Kane pareceu agradecido. — É tudo que peço, senhor.

O Tenente Comandante Data percorreu um longo caminho para compreender os seres humanos no punhado de anos em que serviu a bordo da *ENTERPRISE*. E um dos seres humanos que ele melhor compreendeu foi seu Oficial Comandante, Capitão Picard. Data mal havia se reunido à *ENTERPRISE* quando notou que Picard fazia uso constante de sua sala. Era uma questão de estilo; alguns capitães preferiam passar a maior parte do seu tempo em suas cadeiras de comando, enquanto outros se sentavam ali quando era absolutamente necessário. Picard tendia mais para o último estilo do que para o primeiro. Mas mesmo entre aqueles que se retiravam para o seu gabinete ao desligar o comunicador, existem diferenças de estilo. Alguns desejavam ser deixados a sós tanto quanto possível, outros queriam ser avisados de cada pequeno detalhe na condução da nave, não importando quão mínimo ou inconseqüente fosse este detalhe. No seu comportamento, Picard era mais para o primeiro do que para o último. E não era uma questão de reclusão, como Data inicialmente suspeitou; simplesmente o Capitão achava que, uma vez que ele havia escolhido as melhores pessoas para o trabalho, estes deviam ter a liberdade de fazer este trabalho. Como prova disso, não esperava ser interrompido desnecessariamente. Afinal, o Capitão de uma nave também tinha suas tarefas, e muitas por sinal, demais até diriam alguns, em forma de correspondência, análises e contínua reciclagem.

Infelizmente para Data, ele teve que aprender qual o ponto fraco do Capitão da maneira mais dura. No seu primeiro dia na Ponte, encontrou meia dúzia de ocasiões para invadir o santuário do Capitão, até que finalmente, Picard o chamou para uma conversa " tête-à-tête". — Sr. Data, disse, sua voz grave, que Data hoje reconheceria como irônica. — O senhor nunca ouviu falar em *iniciativa*? O senhor pretende vir ter comigo até para *respirar*!

A resposta de Data foi: — Claro que não, senhor. Respirar é parte involuntária do meu programa. O processo não requer decisão consciente. No entanto, se for preferível *não* respirar... — Tome esta decisão *sozinho*, o Capitão concluiu, em tom cuidadosamente medido. Estudou o andróide por um instante. — Data, se eu quisesse tomar todas as decisões, ou se eu precisasse tomá-las, eu estaria lá na Ponte 24 horas por dia. O senhor foi escolhido para ser o Segundo em Comando porque é bom no que faz. Porque confio no senhor para me substituir. Está claro?

Data assentiu. — Bastante claro, senhor. E desde essa conversa, fez de sua obrigação cuidar de tudo que estava ao seu alcance, levando para o Capitão apenas as decisões mais importantes e nem o Capitão precisou ter outra conversa como esta uma segunda vez.

E assim era quando Data descobriu algo inesperado numa varredura rotineira. Inicialmente não mencionou ao Capitão. Primeiro isolou o fato, depois gravou-o. Então, verificou que era exatamente o que parecia ser, e finalmente, analisou.

E só então, quando tinha certeza de que havia deparado com algo de interesse genuíno, decidiu que seria melhor avisar seu Oficial Comandante.

Darrin Kane estava sonhando alto. De fato, mais alto do que Andy Souza jamais vira.

— Sabia que podia chegar a algum lugar se falasse com o Capitão, disse Kane. Sabia que ele faria aquele caxias bastardo abaixar a crista. Souza achou difícil de acreditar que uma ou duas palavras do Alferes fossem suficientes para influenciar o Capitão. Pelo que sabia, Picard não era um homem fácil de ser enganado. — Tem certeza de que o Capitão "abaixou o crista de Riker"? Kane assentiu. — Certeza absoluta. O Capitão e o meu velho são grandes companheiros. Tanto quanto Picard sabe, sou realmente especial, um fora-de-série. Não há como o Capitão deixar escapar aquele barbudo.

A medida que conversavam no corredor, duas garotas passaram por eles. Kane sorriu para elas e foi retribuído. Souza desejava poder ser como Kane, cheio de confiança e senhor de si. Mas não era o seu jeito. Eis porque Kane provavelmente chegaria à capitania antes de seus 30 anos, e Souza se dará por sortudo se alguma dia chegar a ser Capitão. É claro, teve um ótimo início na *ENTERPRISE*. Era querido e às vezes até elogiado no seu trabalho no controle. Mas como Kane já lhe dissera em mais de uma ocasião, caras amáveis e educados jamais chegariam a algum lugar.

— Hei, seu timoneiro de araque, acho que você fica por aqui. — Eheim?

Souza virou-se e viu que havia deixado seu amigo para trás, perto do turboelevador. Ele esteve tão absorto em seus pensamentos que se esqueceu para onde estava indo. — É prá cá que você queria ir, não era? Kane sorriu. Ou você descobriu alguma passagem secreta para a Ponte? — Muito engraçado, disse Souza. Sentindo seu rosto queimar, evitou o olhar de Kane ao se dirigir ao elevador. — Te vejo na Sala de Recreação depois do expediente, timoneiro de araque. Serei aquele que riu por último.

Quando a porta do elevador se abriu, Souza virou-se para ver seu amigo, — É, te vejo na Sala de Recreação, disse. Aí, a porta se fechou e Souza viu-

se a caminho da Ponte, e desejando que tivesse sido feito do mesmo "saco de farinha" de Kane.

— Capitão Picard? Picard estava ainda meditando sobre a situação de Kane quando ouviu a voz de Data no intercomunicador. — Sim, Data? — Senhor, há algo aqui que deveria ver. O Capitão assentiu. — A caminho.

Levantando-se, deu a volta na mesa e dirigiu-se para a porta. O problema de Kane teria que esperar. Data não o teria chamado, a menos que esta fosse uma questão de alguma urgência. Quando a porta de sua sala se abriu, notou que a porta do turboelevador também se abria. Dirigindo-se para a Estação de Ciências de Data, na popa da nave, duas figuras saíram do elevador: seu Primeiro Oficial e o Alferes Souza, ambos iniciando seu turno naquele momento. Olhando de relance para o Capitão, Riker viu que algo estava acontecendo. — Senhor? disse. Picard não respondeu. Gesticulou para que Riker se juntasse a ele. Com os dois homens dirigindo-se para a Estação de Ciências, o andróide virou-se para olhá-los por sobre o ombro. — O que é, Data? perguntou Picard. — Uma emissão subespacial de rádio, retrucou. A medida que o Capitão e o Primeiro Oficial se debruçavam no monitor, Data continuou. — Identifiquei o sinal. A transmissão parece ser um código da Frota Estelar usado entre 50 a 80 anos atrás. Trabalhando por um instante a mais no console, vacilou: — Código Um Alfa Zero. Sinal de perigo iminente.

Por força do hábito, Riker olhou para o intercomunicador. Não que fosse necessário; o computador teria captado a sua voz tão claramente como se ele olhasse de frente para os decks, ou se falasse num sussurro. — Computador, há alguma nave da Frota Estelar dada como desaparecida neste setor? A resposta veio de imediato e sucintamente. — Negativo.

Picard limpou a garganta antes de acrescentar: — Estender os parâmetros para incluir setores adjacentes.

Uma lista de naves apareceu em um dos monitores. Novamente, a resposta audível foi quase instantânea. — Nave de transporte *SS Jenolen NC Cinco-Seis-Sete*, foi dada como desaparecida na data estelar 7893 ponto 1, enquanto se dirigia para Norpin 5.

Riker franziu a testa. — Setenta e cinco anos atrás! Diria que encontramos a *Jenolen*, porém estamos muito longe de Norpin 5. Eles devem ter saído da rota. Picard assentiu: — De fato. Virou-se para Souza, que estava sentado na estação de controle. Souza devolveu o olhar com atenção, seus cabelos vermelhos arrepiados. — Alferes, estabeleça coordenadas para a fonte do sinal de socorro e trace o curso para lá. Dobra fator 8. — Sim, senhor, respondeu Souza, voltando ao trabalho. Riker olhou para o Capitão.

— Dobra fator 8? repetiu em voz baixa de tal forma que só ele, Data e Picard pudessem ouvir. Por que a pressa?

O Capitão franziu a testa. Seu Primeiro Oficial tinha razão. Se a *Jenolen* esteve esperando por 75 anos, ela podia esperar mais um pouco. Não era porque houvesse algum sobrevivente a estas alturas. E no entanto... Picard deu de ombros. — Chame de intuição, disse.

## ***Dois***

Will Riker tamborilou os dedos no braço de sua cadeira, no Centro de Comando. Olhando de soslaio para a figura rígida do Capitão, que se encontrava novamente ao lado de Data na Estação de Ciências, tentou pela enésima vez decidir se era a sua imaginação... ou se o Capitão estava, por alguma razão, evitando-o.

Por 4 dias, estiveram seguindo um curso nesta bizarra realidade conhecida como subespaço, dirigindo-se para um encontro com o que sobrou da *Jenolen*. E durante todo esse tempo, Picard não olhou para o seu Primeiro Oficial.

Por um longo tempo, parecia ser apenas uma suspeita inoportuna. Agora, Riker tinha quase certeza disso.... até tentou confrontar o Capitão com suas observações. Não, dominou-se. Se Picard quisesse discutir o assunto, fosse qual fosse, ele faria a seu tempo. E era seu direito. Ele faria o que achasse melhor. Talvez, após encontrarem e explorarem a *Jenolen*, Picard colocaria as cartas na mesa. Sim... é isso aí, Riker decidiu. Ele queria concentrar toda a sua atenção na *Jenolen*. E quando tudo isto estiver terminado, me chamará de lado, e me dirá o que tem em mente. — Capitão? Era Worf. Virando-se do Console de Ciência, Picard respondeu: — Sim, Tenente? — Estamos nos aproximando das coordenadas do sinal, reportou o Klingon. Sem surpresas até aqui. Tudo o que significava é que eles estavam dentro do programado.

Contudo, Picard assentiu que tomava conhecimento do fato. Virou-se para Rager e disse: — Traga-nos para fora da dobra espacial, Alferes Rager. Parada total.

Rager, uma mulher preta que lembrava a Picard um duende, obedeceu. — Sim, senhor. Parada total. Cansado de ficar sentado, Riker levantou-se. Ficava sempre ansioso quando a nave se aproximava de seu objetivo, particularmente um que estiveram perseguindo por tanto tempo, como esse. Apesar da tela panorâmica não mostrar nada a não ser um mar de estrelas desconhecidas, esforçou-se em ver qualquer coisa que se parecesse vagamente com uma nave de transporte. Inútil dizer que não obteve sucesso. Havia ainda milhões de quilômetros da fonte do sinal, e se aproximavam com força de impulso. Mal concluiu seus pensamentos, quando a *ENTERPRISE* foi sacudida, como se uma mão gigante tivesse agarrado a nave e sacudido-a como um tamborim. Riker segurou-se na cadeira de Rager para não ser lançado pelo chão. Aí, tão repentinamente como começou, o tremor parou, mas não havia garantia de que tudo não fosse recomeçar. — Alerta amarelo, gritou Riker, sua voz ecoando pela Ponte e se espalhando

por toda a nave, via sistema de intercomunicação.

Ao mesmo tempo, dirigiu-se para o seu lugar no Centro de Comando. Picard e Data estavam a menos de um passo atrás dele, indo para suas costumeiras posições na Ponte. — Relatório, disse Picard, enquanto se sentava, um pouco indeciso. — Entramos num massivo campo gravitacional, replicou Worf. Picard virou-se para olhá-lo. Não foi o único. Afinal, não havia nada na tela perto o suficiente para possuir um campo gravitacional, muito menos um tão poderoso como esse em que eles penetraram. — Sr. Data? disse o Capitão, esperando mais informações.

O andróide estava debruçado na Estação de Operações, onde substituiu o tripulante que estava lá antes. — Não há estrelas ou corpos estelares listadas nestas coordenadas nos nossos mapas navegacionais. Fez uma pausa. — No entanto, leituras do sensor indicam a presença de um campo gravitacional extremamente potente nas proximidades... Parou novamente. — Diretamente à frente.

Não fazia sentido, pensou Riker, a menos que... o objeto com tal campo gravitacional estivesse de alguma forma camuflada. Picard dever ter tido a mesma idéia. — Sr. Worf, disse, pode localizar a fonte do campo gravitacional?

Por um momento, o Klingon trabalhou em seu console. Então, olhou e disse: — Sim, senhor. Bom, pensou o Primeiro Oficial. Agora estamos chegando a um acordo! — Na tela, disse o Capitão. As estrelas na tela panorâmica mudaram, mostrando uma outra paisagem. E se alguém olhasse mais de perto, veria uma pequena e escura bola no seu centro. — Aumente a magnitude, ordenou Picard. A imagem aumentou várias vezes, até que a bola escura pudesse ser facilmente vista. Depois do último aumento, ela pareceu tão redonda e lisa quanto uma bola de bilhar, mas porque estava tão escuro, era difícil de discernir qualquer outra coisa. Riker olhou impressionado, nunca havia visto nada parecido. — Sensores? disse finalmente. Precisavam de informações o mais rápido possível. Quem sabe que outras surpresas estariam esperando por eles neste campo gravitacional? — Estou tendo dificuldades em esquadrihar o objeto, disse Data, no entanto, parece ter pelo menos 200 milhões de quilômetros de diâmetro.

Riker olhou para Picard cujo olhar refletiu a sua surpresa. — Este é quase o tamanho da órbita da Terra em volta do sol, disse Riker. — De fato, disse Picard, por que não o detectamos antes?

Data girou em sua cadeira para olhá-los. — A enorme massa deste objeto está causando muita interferência gravimétrica subespacial. Esta interferência poderia ter impedido os nossos sensores de detectá-lo antes de sairmos da dobra espacial. Houve um silêncio enquanto todos olhavam para

aquele estranho objeto na tela. De repente, um olhar de assombro apareceu no rosto de Picard. Ele podia ter encontrado algo que até agora só existia em sua imaginação. — Sr. Data, isto pode ser uma.....Esfera Dyson? perguntou Picard. Data pareceu meditar sobre

a informação. — Não há dados comparativos, Capitão. No entanto, este objeto se encaixa nos parâmetros gerais da Teoria de Dyson.

Riker olhou de um para o outro: — Esfera Dyson? repetiu. Picard assentiu. — É uma velha teoria, Número Um. Não me surpreende que o senhor nunca tenha ouvido sobre isso. Virando-se de novo para a tela, olhou a bola escura. — Freeman Dyson, um físico do século XX, postulou que uma enorme esfera oca poderia ser construída em volta de uma estrela. Esta teria a vantagem de aproveitar toda a energia radiante da estrela, e não somente uma fração mínima dela. A população vivendo sobre a superfície interior teria virtualmente uma fonte de energia inextinguível. Difícil de acreditar, Riker disse para si mesmo. Tentou visualizar uma civilização florescente dentro de uma esfera. Diabos, o horizonte curvaria para cima ao invés de para baixo. E... A imagem repercutiu em sua mente. Ele já havia visto a sua cota de fenômenos estranhos como Primeiro Oficial da *ENTERPRISE*, mas eles não o prepararam para uma coisa como essa.

Worf falou de sua posição atrás do Console Tático. — Senhor, localizei o sinal de socorro. Ele vem de um ponto no hemisfério norte. Absorvendo a informação, Picard virou-se para o Alferes no controle. — Alferes Rager, leve-nos para uma órbita simultânea sobre o ponto. — Sim, senhor, seus dedos correndo sobre os controles. Eles ainda tinham que responder ao pedido de socorro de 75 anos, Riker pensou, mas o interesse deles pela *Jenolen* foi superado pelo interesse pela Esfera. Gradualmente, se aproximavam dela, cada vez mais. Em breve, o monstruoso objeto pareceu uma parede gigantesca no espaço, se estendendo em todas as direções, tão longe quanto podiam ver. Onde antes a esfera parecia ser perfeitamente lisa, era possível discernir intrincados padrões em sua superfície, padrões que sugeriam apoios de construção. No entanto, ainda se encontravam muito longe para distinguir qualquer coisa. Todos os olhos estavam fixos na tela panorâmica. O que eles viam lá era tão imenso, tão singular, que eles não podiam perder um único detalhe.

Finalmente, alcançaram a órbita simultânea que Picard havia ordenado. — Estamos mantendo posição a 30.000 quilômetros da superfície, anunciou Souza. — O sinal de socorro vem de uma nave da Federação que caiu na superfície da Esfera, disse Data. Momentos depois, confirmou o que eles já suspeitavam. — É a nave de transporte *Jenolen*, Capitão. — Sinais de vida? perguntou Riker. — Nossos sensores não indicam, respondeu o andróide. —

No entanto, existem pequenas emanações de energia... e o sistema de suporte a vida ainda está em funcionamento em seu nível mínimo. Pelo canto do olho Riker notou que Picard o observava. Ele devolveu o olhar e assentiu. — Ponte para a Engenharia, anunciou o Primeiro Oficial. — Geordi, encontre-me na Sala de Transporte número 3. E voltando-se para o Chefe de Segurança Klingon, disse: — Sr. Worf, venha comigo. Um outro tripulante assumiu o Tático e Worf seguiu Riker para o elevador. A porta mal havia se fechado quando o Klingon grunhiu. — Eu sei, disse Riker, você preferia estudar o interior da Esfera a olhar para o interior de uma nave de transporte abandonada. Olhou para o teto iluminado do elevador e fez uma carranca. — Não te culpo. Eu também preferiria.

Quando Geordi se materializou na *Jenolen*, com Riker de um lado e Worf do outro, ele perscrutou toda a redondeza. Antes de se encontrar com seus colegas na Sala de Transporte, Geordi levou um instante para estudar o layout da nave com o Chefe O'Brien, principalmente para ter certeza de que não se teletransportariam dentro de um anteparo. Assim, não se surpreendeu com o tamanho ou a configuração do Centro de Operações.

No entanto, nem o Primeiro Oficial, nem o Chefe de Segurança estavam preparados.

— Acanhado, comentou Worf. Riker Assentiu. — E parece que eles fizeram de tudo aqui, menos cozinhar. — Talvez tenham, senhor, Geordi comentou. Cada um pegou o seu tricorder. — Vamos, disse o Primeiro Oficial. Vamos dar uma espiada no lugar.

O lugar estava na penumbra e não parecia haver nenhum equipamento funcionando, mas isto não se constituía num problema para Geordi, que graças ao seu Visor, podia enxergar quase tão facilmente no escuro quanto no claro. Um ou dois dos consoles estavam danificados ou foram pelos ares, havia pilhas de cinza no chão e em vários lugares, os anteparos simplesmente desmoronaram. — Essa nave foi realmente sacudida, concluiu, antes mesmo de cair. Imagino o que aconteceu por aqui.

Respirando fundo, Riker franziu as sobrancelhas: -- Ar bastante viciado, observou. Geordi consultou o seu tricorder. — Sistema de Suporte a Vida mal está operando. Virando-se para Worf, o Primeiro Oficial disse: — Veja se pode aumentar o nível de oxigênio, Tenente.

Assentindo, Worf dirigiu-se para um dos consoles. Neste meio tempo, seguindo o seu tricorder, Geordi encontrou os Controles do Teletransporte. Não que esperasse encontrar alguma coisa de interessante mas tinha que cobrir toda a nave. Um instante depois, ficou feliz por ter feito isso. — Comandante, disse o Engenheiro-Chefe, seu coração batendo um pouco mais

rápido pela descoberta.

Riker foi ver o que Geordi havia encontrado. — O que é, Geordi? — O teletransporte ainda está ligado, disse LaForge. O sistema auxiliar está fornecendo a energia necessária. Riker inclinou-se sobre os controles para verificar com seus próprios olhos. — Que tal isso? murmurou. — A sub-rotina de rematerialização foi suspensa. — E não é tudo, Geordi acrescentou. Os indutores auxiliares de fase foram conectados na disposição do emissor. Não há sobreposição, e o padrão *buffer* foi travado num diagnóstico cíclico contínuo. Riker balançou a cabeça. — Não faz sentido. Travar a unidade num diagnóstico único faz com que a matéria inerte flua através do padrão *buffer*. Por que alguém quereria.....?

Repentinamente Geordi viu algo no console, algo que não havia visto antes. — Diabos, proferiu. O padrão de alguém ainda está no *buffer*! Se o seu coração havia acelerado antes, agora saía pela boca. Riker estudou a leitura. — Você está certo, concluiu. Está totalmente intacto. O Primeiro Oficial olhou-o, surpreso. — Sinal de degradação menor do que ponto zero zero três. Como isso é possível? — Eu não sei, senhor, disse Geordi, sua mente trabalhando rápido. — Nunca vi um sistema de teletransporte modificado dessa forma. Virou-se para o monitor novamente, ciente de que Riker fazia o mesmo. — Será que alguém pode sobreviver num *buffer* do teletransporte por 75 anos? perguntou o Primeiro Oficial.

Geordi mordeu os lábios. Será que era possível? Isto nunca havia sido tentado antes... pelo menos não que soubesse, mas... — Sei de uma forma de descobrir, disse. Riker olhou para ele. — Você quer dizer, tirá-lo de lá? Ou tentar? Franziu o sobrolho. — Em primeiro lugar, presumindo, naturalmente, que haja alguém lá. Geordi assentiu. — É, é exatamente o que quero dizer. Riker pensou por um segundo. — Certo, disse, vamos tentar. Naturalmente, não seria fácil. Uma coisa é manejar um Console de Teletransporte do século 24, com todos os seus ajustes automáticos e sofisticados sistemas de *backups*, e outra coisa era tentar recuperar um sinal antigo de um *looping* temporário usando uma tecnologia igualmente antiga. Por exemplo, Geordi não ousava desligar os indutores de fase do emissor. Mesmo que ele pudesse levar mais energia das baterias auxiliares para o ponto, o desvio poderia deixar o padrão *buffer* sem corrente energética por uma fração de segundos, e esta fração seria suficiente para degenerar o sinal.

Não, ele manteria a conexão e apenas desviaria os circuitos ligados e que haviam mantidos a função diagnóstico em círculo contínuo. E aí, seria apenas uma questão de recapacitar a sub-rotina de rematerialização e .... se ele tiver sorte... pronto... um cansado viajante surgirá no teletransporte. Mais cuidadoso como

nunca, Geordi levou adiante seu plano. A primeira parte saiu tão suave quanto a seda, a segunda nem tão suave. — O que há? perguntou Riker, vendo a expressão no rosto do Engenheiro. Geordi meneou a cabeça. — A subrotina que comanda a rematerialização. Parece que não quer voltar. O Primeiro Oficial resmungou. — Não deixe que isto aconteça. -- Não, senhor, Geordi concordou. Dessa vez, ele seguiu uma estratégia diferente, e abriu um grande sorriso. — Você conseguiu?, Riker perguntou. — Consegui. Só falta fazer uma coisa agora, Geordi ponderou. Ativando o controle final, olhou para a minúscula plataforma de teletransporte.

No instante seguinte, viu o início dos efeitos do antiquado teletransporte, tanto menos estável quanto menos espetacular do que estava acostumado a ver. Intimamente, riu do velho teletransporte. Vamos lá, droga. Funciona, só por uma vez mais. Traga o cara de volta!

Finalmente, uma figura tomou forma. Tremeluziu, e lentamente foi adquirindo densidade, até Geordi não tinha certeza de que chegaria a se materializar completamente. Então, como um último sopro de energia, a forma se tornou humana. — Meu Deus!, disse Riker. Você conseguiu!

E ele tinha mesmo conseguido. Diante deles, havia um cidadão do século 23, vivo e respirando. E exceto pelo braço na tipóia, ele parecia bastante saudável.

## **Três**

Por um segundo ou dois, Scott foi tomado por uma onda de vertigem. Não sabia quem era, muito menos onde estava. Seu braço estava na tipóia, embora não se lembrasse como foi parar lá. Aí, sua vertigem foi passando, foi recobrando seus sentidos e tudo clareou. Ele estava no *Jenolen*, no Centro de Operações. Eles caíram. Só ele e o Alferes Franklin haviam sobrevivido e enfrentando a falta de suprimentos, sua única esperança tinha sido... Olhou em volta. Havia 2 homens parados em frente à plataforma do teletransporte, olhando-o. Na verdade, encarando-o. Um deles, o mais baixo dos dois, usava uma estranha bandagem *high-tech* nos olhos. Ambos usavam uniformes que nunca havia visto antes. Mas eles eram abençoadamente HUMANOS, e nenhum deles parecia ser ameaçador. Além disso, eles o haviam resgatado do *looping* do teletransporte. Como poderiam então ser uma ameaça para ele? O *looping* do teletransporte, pensou. *Franklin*. Onde estava Franklin? Livrando-se de sua tontura, Scott desceu da plataforma e se dirigiu direto para o Console do Teletransporte. Ao passar pelos seus salvadores, cumprimentou-os com a cabeça. — Obrigado, rapazes.

Fascinados por ele, abriram caminho para que Scott passasse por eles afobadamente. Mal alcançou o console, começou a checar seus monitores... verificar suas leituras... — Temos que tirar Franklin de lá, disse, mais para si mesmo do que para os dois que o observavam. — O padrão de mais alguém está no *buffer*? perguntou o que usava aquela bandagem *high-tech* sobre os olhos, com um tom de voz que demonstrava preocupação. — Sim, disse Scott. Matt Franklin e eu partimos juntos.

Quase pronto, disse para si mesmo. Alguns outros níveis para examinar aqui... ali... e ele estará....

Espere um minuto! Scott encarou o monitor, aquele que mostrava os indutores. Não gostava disso. Não gostava disso nem um pouco. — Algo errado, disse alto, com um traço de pânico em sua voz. Um dos indutores falhou.. Virando-se para o homem com a bandagem, gritou: — Aumente a corrente de matéria. O outro atendeu, aparentemente sem se dar conta daquela coisa sobre seus olhos. Indo até o console, seguiu as instruções de Scott. — Vamos, Franklin, suspirou, tentando obter mais informações do console. Enquanto o padrão de sinal não fosse afetado, ele podia desviar do indutor defeituoso e passar para um em ordem. — Não desista, Matt Eu sei que você está aí. Posso ouvir seus elétrons zunindo....

A boca de Scott ficou seca, tão seca que ele mal podia engolir.

Trabalhava furiosamente nos seus instrumentos, certo de que podia operar um milagre. Afinal, ele já havia tirado Jim Kirk de situações piores. Qual era a diferença?

E então ele viu, iluminado em uma das telas um gráfico tão brilhante que feria seus olhos. Era o sinal de Franklin. Não, pensou, oh Meu Deus não! Por um momento, que não conseguiu precisar com exatidão, ficou estarrecido. Quando, por fim, desviou seus olhos do gráfico, estes estavam marejados de pesar. Os outros dois homens que o salvou, apenas ficaram lá, sem nada dizer. Afinal, eles não haviam conhecido Matt Franklin. Só ele havia. Ainda assim, parecia que alguém tinha que dizer algo, e já que ele fora seu amigo... — Não adianta, o padrão de sinal se perdeu em 50%, Scott sussurrou, incapaz de dizer qualquer coisa em voz alta. — Ele se foi.

Apesar de ter dito em voz baixa, as duas últimas palavras pareceram ecoar através do Centro de Operações. O homem, que usava a bandagem, enrugou a testa e olhou distante. — Sinto muito, disse o outro, o mais alto. Ele tinha a aparência de um oficial que acabava de perder um de seus homens. Parecia saber como era isto. Desanimado, Scott enxugou o rosto com a mão. — Eu também, disse. Ele era um bom rapaz, corajoso, mas agora nada disso importa. Em seguida, o mais alto deu um passo à frente: — Sou o Comandante William Riker, disse, Primeiro Oficial do Nave Estelar *ENTERPRISE*. Ao ouvir o nome, Scott sentiu algo vibrar dentro dele. Uma alegria que, por um segundo ou dois fê-lo esquecer de sua tristeza. — A *ENTERPRISE*, é? Eu deveria saber, jovem, e aposto que foi o próprio Kirk que trouxe a velha dama de volta à atividade para me resgatar. Apertou a mão de Riker vigorosamente, imaginando quando foi que a Frota mudou os uniformes de seus oficiais para estas roupas tão justas que mal tinham espaço para esconder uma verruga. — Capitão Montgomery Scott. Por quanto tempo estive perdido?

Riker olhou para seu companheiro. O homem com a bandagem deu de ombros. — Bem, disse o Primeiro Oficial, isto pode ser um choque, senhor, mas por um bom... — Senhor?

Alguém, com uma voz gutural, havia pronunciado esta palavra, uma voz muito gutural.

Scott, assim como os outros, virou-se em resposta... e se viu encarando um selvagem Klingon de rosto ossudo, o mesmo tipo de vilão que já havia tentado tirar sua vida incontáveis vezes, enquanto serviu sob o comando de Jim Kirk. Um Klingon... não atacando-os, nem ameaçando-os, apenas ficando lá, tão casual quanto lhe parecia.

E tão impossível quanto lhe parecia, o selvagem sanguinário estava usando o mesmo tipo de uniforme do Comandante Riker. Será que isto

significaria... será possível que poderia significar que....

Mas como? Uma coisa era assinar um tratado com os bárbaros.... mas isto! Scott sentiu-se confuso!

No entanto, ao contrário do humano, o Klingon pareceu imperturbável. Virando-se para o Primeiro Oficial, disse: — Restaurei o Sistema de Suporte a Vida. O oxigênio retornará aos níveis normais em breve. Então, finalmente percebendo a intensidade com que Scott o observava, Worf retribuiu o olhar. — Capitão Scott? Ele virou-se e viu Riker olhando para ele. O homem parecia... simpático. — Sim? disse Scott — Este é o Tenente Worf, Riker disse. — Tenente? Scott murmurou. Esperava que houvesse outra explicação. O olhos de Worf se estreitaram ligeiramente. — Sim, *Tenente*. Scott continuava a encará-lo... até que Riker se dirigiu até ele. Gentilmente, o Primeiro Oficial disse: — Capitão Scott... talvez haja algumas coisas que devemos conversar. Scott virou-se para ele, sentindo-se como se estivesse subindo a correnteza de um rio num bote sem remo. — Sim, jovem, talvez mais do que algumas coisas...

Em pouco tempo, contaram-lhe a verdade, e muito tempo antes que Scott pudesse pelo menos começar a aceitar o fato. Meu Deus, pensou. Setenta e cinco anos.... setenta e cinco anos...

Miles O'Brien, chefe do teletransporte não tinha certeza de que tinha ouvido direito. — Poderia repetir isso, Comandante? — Quatro para subir, confirmou Riker.

O'Brien deu de ombros. Será que era algum tipo de brincadeira macabra? Aquela nave de transporte espatifou-se há setenta e cinco anos! — Bem, disse alto, não é da minha conta perguntar por que. Abrindo o sinal do raio, focalizou no comunicador da equipe, confiando em que eles tivessem colocado o "misterioso convidado" no centro do raio. Então, satisfeito de tê-los bem focalizado, acionou o teletransporte.

Um instante depois o grupo tomava forma na plataforma à sua frente. E, com certeza, havia quatro pessoas, não apenas Riker, Worf e Geordi, mas mais um homem, mais velho, de cabelos grisalhos e bigodes pretos. E só quando os três oficiais começaram a descer da plataforma, que O'Brien notou que o braço do homem estava numa espécie de tipóia. Mas quem era ele? E que diabos ele fazia no *Jenolen?*

Ah, bem, pensou Brien, suponho que descobrirei sobre o "homem misterioso" em breve. Afinal, as notícias voam rápido na *ENTERPRISE*

Quando alguém sobe numa nave como a *ENTERPRISE*, é habitual descer da plataforma do teletransporte assim que se materializa, simplesmente porque não há razão para se ficar lá. Assim, quando Geordi

viu a figura familiar de Miles O'Brien atrás do console de controle, ele naturalmente se dirigiu para a porta, e só quando estava a meio caminho da sala foi que percebeu que havia deixado seu amigo Capitão Scott para trás.

O homem, mesmo com toda a sua idade avançada, parecia uma criança dentro de uma nova e inimaginável loja de doces, fascinado por tudo que via à sua volta. Depois de um instante, seu olhar dirigiu para os componentes acima do teletransporte. Riker e Worf não perceberam que Scott não se encontrava com eles. Eles estavam a meio caminho para a porta, e Riker estava dizendo: — Provavelmente devemos levá-lo para a Enfermaria, Dra. Crusher está apta para...

Abruptamente, parou e virou-se. Scott estava apontando para algo em cima. Ele parecia estar contando. Os olhos de Riker encontraram os de Geordi e este deu de ombros. — Vocês mudaram o conjunto do ressonador, disse Scott numa voz que mal se ouvia, pois não dizia isso para ninguém; apenas pensava alto. — Somente três inversores de fases.

Geordi viu o Primeiro Oficial virar-se para Scott Riker sorria: — Sr. LaForge, acho que nosso convidado tem muitas perguntas sobre a engenharia. Geordi assentiu. — Não se preocupe, disse, cuidarei dele, senhor.

Olhando para Scott mais uma vez, Riker gesticulou para que Worf o acompanhasse. Juntos, os dois oficiais saíram da Sala de Transporte. Nesse meio tempo Scott havia descido da plataforma e estava examinando os chips de dados óticos localizados na parede. — Capitão Scott..? Geordi chamou-o. De repente, os olhos do velho, que ainda focalizavam os engenhos em cima, ficaram espantados. — Por todos os .... o que vocês fizeram com os intensificadores duotrônicos? — Foram substituídos pelos chips isolineares há cerca de 40 anos, Geordi explicou, tão inofensivamente quanto podia.

Scott olhou-o: — Chips isolineares? O jovem assentiu. — Você disse 40 anos atrás? Geordi assentiu de novo. — É isso mesmo. São muito mais eficientes hoje. Scott assobiou: — É, tenho certeza disso!. Apontando para a porta, Geordi perguntou: — Podemos? Ainda um pouco tonto, Scott respondeu: — Claro! Por que não?

Quando passaram pelo Console do Teletransporte, O'Brien apontou o dedo para o novo recém-chegado e levantou a sobrancelha para Geordi, numa pergunta muda, mas este apenas sorriu. Não havia como explicar a situação de Scott em uma ou duas palavras; talvez mais tarde, quando o único sobrevivente *â&Jenolen* estiver confortavelmente alojado.

Em poucos momentos, estavam no corredor externo dirigindo-se para o turboelevador mais próximo. Aqui também, os olhos de Scott perscrutavam tudo ao alcance. Ele estava se roendo de curiosidade, muito mais do que

Geordi se este se visse, de repente, numa versão da *ENTERPRISE* do século 25.

— Você estava dizendo, replicou o mais jovem, que estavam a caminho da Norpin 5 quando os sistemas de dobra falharam. — E isso mesmo, Scott confirmou. — Tivemos uma sobrecarga em um dos condutores de transferência de plasma. O Capitão saiu da velocidade de dobra... encontramos uma interferência gravimétrica e então, lá estava ela, tão grande quanto a própria vida...

Apontando para uma parte elevada do anteparo, perguntou: — Isto aqui é um condutor de interfase? Geordi assentiu: — É isso aí. E aí, lá estava ela, a Esfera Dyson, certo? — Sim,. Foi assombroso... uma verdadeira Esfera Dyson! Você pode imaginar os conhecimentos de engenharia necessários só para desenhar tal estrutura?

Mas sua atenção não se encontrava nas suas lembranças da Esfera, e sim concentradas em um painel na parede a poucos metros adiante. De repente, dirigiu-se para o local e puxou-o para fora de seu nicho do anteparo.

Geordi ficou um pouco apreensivo, incerto se Scott sabia o que estava fazendo. Mas para ser cortês, não fez o menor movimento para pará-lo. — Transferência de energia em estado líquido, observou o velho. Absolutamente sem linhas de energia. Isso parece com um condutor de dados óticos. — Uh, tome cuidado, avisou Geordi. — Não é um condutor de dados. É um quadro de energia EPS.

Gentilmente, retirou o painel de Scott, e recolocou na parede. — Digame mais sobre a Esfera Dyson. O que aconteceu quando vocês se aproximaram dela? Scott deu de ombros. Adiante, viu o turboelevador. — Iniciamos uma varredura padrão em sua superfície, claro! Estávamos completando a varredura orbital inicial quando os enrolamentos de popa de repente explodiram. Tentamos compensar com o relê ventral, mas não havia tempo suficiente; a nave foi pega pela gravidade da esfera .... e fomos direto para baixo. Caímos como uma maldita pedra.

Geordi assobiou baixinho. — É um milagre que a superestrutura da nave tenha sobrevivido numa colisão como esta. Scott entristeceu: — Por pouco não sobra nada. Franklin e eu fomos os únicos sobreviventes da queda. Geordi resmungou, tentando imaginar os sentimentos do velho quando percebeu que havia sobrevivido quando tantos haviam morrido. Engolindo em seco, fez outra pergunta: — O que o fez pensar em usar os padrões *buffer* do teletransporte para continuar vivo? Scott balançou a cabeça. — Você sabe, dizem que a necessidade é a mãe das invenções. Não tínhamos muitos suprimentos para esperar por um socorro... então, tinha que pensar em qualquer coisa. — Mas travar num diagnóstico cíclico para evitar a

degradação do sinal... e fazer uma conexão cruzada nos indutores de fase para prover uma fonte de energia regenerativa... Geordi não podia esconder sua admiração mesmo que quisesse. — Foi brilhante!

Scott suspirou. — Temo que foi 50% brilhante, jovem. O Alferes Franklin merecia sorte melhor!

Percebendo a tristeza do velho, Geordi mudou de assunto, para algo que entusiasmasse Scott. — Acho que o senhor vai gostar do século 24, Capitão Scott. Fizemos alguns avanços assombrosos nos últimos 80 anos.

Funcionou. Scott pareceu recobrar-se enquanto entravam no turboelevador. Olhando em volta do compartimento, assentiu em aprovação. — Sim, do que pude ver, vocês têm uma bela nave aqui, Sr. La Forge. Uma beleza. De fato, devo admitir estar um pouco sufocado. Geordi riu. — Espere só ver o holodeck!

Quando a porta se fechou, Scott olhou-o com um misto de surpresa e curiosidade. — O holodeck? ficou imaginado...

## Quatro

— Então, o que você acha, jovem? perguntou Scott.

Beverly Crusher, Oficial Médico Chefe da nave estelar *ENTERPRISE*, olhou para o seu mais recente paciente e balançou a cabeça. — O senhor é uma raridade, Capitão Scott. Um verdadeiro achado; a única pessoa a passar 75 anos em um *looping* do teletransporte e voltar para contar a história. Agora, fique quieto, sim?

Sentado na biocama da Enfermaria, Scott estremeceu quando a doutora examinou seu braço machucado. — É fácil para a senhora, disse à Dra. Crusher, seu braço não esteve quebrado nos últimos 75 anos! Rindo intimamente de seu comentário, Crusher pegou seu tricorder médico e passou pelo braço de Scott, enquanto Geordi entrava na Enfermaria. A médica levantou a cabeça, sorriu para ele e voltou ao trabalho. — Olá, Doutora, disse o Engenheiro-Chefe. — Olá, Capitão Scott. Viu? Não disse que voltaria? — É disse sim, concordou Scott.

A médica consultou as leituras. — O senhor tem uma fissura no humerus, disse. Desligando seus instrumentos, acrescentou: — Vai doer por alguns dias, mas depois disso ficará ótimo. — Obrigado, disse Scott, sorrindo agradecido. No seu tempo, Crusher pensou, ele deve ter sido um perfeito cavalheiro para as damas. Mesmo agora, ele tem um brilho nos olhos, um brilho que viraria a cabeça de uma mulher desavisada. Como para confirmar sua suspeita, Scott virou-se para Geordi e disse: — Bem, posso dizer que na sua *ENTERPRISE*, as médicas são muito mais bonitas do que eu estava acostumado.

A observação foi um pouco óbvia demais para o gosto da Dra. Crusher, no entanto não pôde evitar de sorrir. — Elogiar-me não o levará a nenhum lugar, mentiu, colocando o tricorder em um dos bolsos de seu avental médico. — Peço perdão se fui grosseiro, disse Scott, repentinamente sério, mas não posso evitar. Uma bela mulher vai me soltar a língua mais rápido do que uma garrafa inteira de licor sauriano.

Isto não foi uma cantada, notou a médica, e sim uma confissão, porém antes que pudesse retrucar, a porta da Enfermaria se abriu para que um visitante entrasse. Dessa vez, o visitante era a pessoa responsável pela *ENTERPRISE*. — Capitão Scott, disse Geordi, tão respeitoso como sempre fora, este é o Capitão Picard.

Picard atravessou a sala e, sorrindo amplamente, estendeu a mão para o recém-chegado. — Jean-Luc Picard. Bem vindo a bordo.

Scott apertou a mão do Capitão tão afavelmente quanto ela lhe foi

oferecida.

— Obrigado, senhor. De todas as naves que poderiam me salvar, fico feliz que tenha sido a sua. Mas, se não se importa, chame-me de Scotty. Picard assentiu.

— Muito bem. Como se sente.... Scotty?

Scott olhou para Beverly, — Eu não sei... Como me sinto, Doutora?

Crusher sorriu e depois fingindo-se muito séria, disse: — Bem, fora um pouco de inchaço e hematomas, e um braço levemente ferido, eu diria que o senhor se sente bem para um homem de 147 anos.

Scott lançou um olhar jovial para Picard. — Que tal isso? E eu não me sinto um dia mais do que 120 anos! Educadamente, Picard riu para Scott, no entanto, não aderiu ao gracejo. Como Crusher já sabia de longa data, este era o estilo do Capitão. — Devo dizer, comentou, fiquei um pouco mais do que surpreso quando o Comandante Riker me informou que o senhor se encontrava a bordo da *Jenolen*. De acordo com nossos arquivos, seu nome não constava da lista da tripulação.

Scott sorriu meio sem graça: — Na realidade, eu não era um membro da tripulação, senhor. Para dizer a verdade, eu era só um passageiro. Estremeceu de novo, como quando Crusher tocou em seu braço ferido. — Eu estava indo para Norpin 5, sabe, para me estabelecer lá e aproveitar a minha.....aposentadoria.

Scott disse a última palavra de sopetão, como se ela deixasse um gosto amargo na boca. E talvez deixasse, Crusher pensou. Obviamente, o homem achava embaraçosa a idéia da aposentadoria. — Entendo, disse Picard. Bem, apreciaria muito ter a oportunidade de discutir algum momento de sua carreira. História é um dos meus hobbies... e tenho certeza de que o senhor tem algumas análises fascinantes sobre os acontecimentos de seu tempo. — Eu não sei se a palavra exata é fascinante, Scott replicou, sorrindo para ambos, mas ficarei feliz em responder as suas perguntas. — Bom, disse Picard. Aguardo por isto. Infelizmente, devo retornar à Ponte agora. — Sei como é isso. O dever chama. Eu mesmo já fui chamado à Ponte algumas vezes, o senhor sabe.

Ele está declarando isso, nos lembrando de que ele também já foi importante, pensou Crusher. — Eu compreendo, o Capitão assegurou. Virando-se para Geordi, disse num tom menos casual: — Comandante, precisamos iniciar uma análise completa da Esfera Dyson.

Geordi assentiu. — Imediatamente, senhor.

Finalmente, Picard voltou a sua atenção no paciente de Crusher — Novamente, bem vindo a bordo, Sr. Scott. E com isso retirou-se da sala.

Um momento depois, Geordi virou-se para Scott: — O senhor ouviu o

Capitão. Tenho que voltar à Engenharia para começar a análise.

O rosto de Scott iluminou-se com a palavra: — *Engenharia*, jovem? Pensei que nunca me perguntaria.

E antes que Crusher pudesse pará-lo, desceu da biocama para seguir Geordi. No entanto, a doutora não estava disposta dar a Scott a liberdade de sair pela nave, não depois do que ele passou. Embora seu estado geral fosse bom, não havia como dizer que efeitos a longo prazo aquele tipo de experiência teria sobre o corpo humano. — Só um minuto, disse, colocando a mão sobre o ombro do velho. — Onde pensa que vai?

Scott olhou-a confuso. — O que é, jovem: terminei seu exame, não terminei? — Certo, Crusher disse, mas o seu organismo sofreu um choque e não quero que fique se esforçando demais. A primeira coisa que fará é descansar.

Scott pareceu que ia protestar, até Geordi intervir: — De qualquer forma estamos muito ocupados agora, Capitão Scott. Mas ficarei feliz em levá-lo em um *tour* pela *Engenharia* mais tarde, quando a doutora liberá-lo. Scott olhou de um para o outro. Vendo uma resistência de ambas as partes, suspirou. — OK, disse num tom resignado, dando um pequeno sorriso. — Quando a doutora me liberar... — Ótimo, disse Geordi. Até mais tarde.

Vendo-o partir, Beverly virou-se para Scott — Pedirei que um Alferes lhe mostre seu quarto, disse.

— O que quiser. Ele estava visivelmente desapontado, mas Crusher não ia ceder. Se tudo for bem, haverá muito tempo para Scott conhecer a *Engenharia* e tudo o mais que quiser, mas mais tarde.

Entretanto, Alferes Kane tinha esperado que Comandante Riker o tratasse um pouco melhor. Mas não estava sendo assim. Longe disso. Kane ainda estava enterrado nos afazeres com as cargas, em detrimento do seu status perante outros Alferes. Kane odiava ter que admitir que estava errado, odiava ser desmascarado. E ao invés de ficar de boca fechada, já que por falar demais o colocara nesta situação, optou por cutucar mais ainda e afundar mais ainda. — Estou lhe dizendo, disse, chamando a atenção de outras meia-dúzia dos Alferes homens na sala de recreação; o homem virá rastejando de joelhos até mim implorando meu perdão. Esperem e verão.

Tranh, que havia se formado logo depois de Kane na Academia, balançou a cabeça e sorriu por dentro. — Claro que ele virá! E aí, todos nós vamos colocar nossos uniformes de gala, dar uma festa e dançar uma quadrilha.

Isto fez com que todos rissem, até Souza, que havia se tornado o melhor amigo de Kane nesse seu pesar. Kane podia sentir seu rosto tornar-se

vermelho e arder a cada momento. — Continuem, disse mostrando-se cheio de confiança. Riam quanto quisessem; vocês vão ficar muito engraçadinhos dançando quadrilha, com uniformes de gala.

Continuaram fazendo chacota. Kane sorriu, e o que ele mais sabia fazer era seduzir as pessoas.

— Digo mais, quando estiver lá em cima, na Ponte, impressionando o Capitão, não vou me esquecer dos meus amigos. Farei com certeza de que sejam duplamente recomendados.....

Antes que pudesse terminar, uma voz soou pela Sala de Recreação. — Alferes Kane... aqui é o Comandante Riker.

Tanto quanto os Alferes sabiam, esta voz podia ser de Deus. Riker era o homem responsável pela carreira de todos eles, o fator mais importante pelo qual seus sonhos poderiam virar realidade ou eles virarem uns "João Ninguém".

Kane sorriu. Finalmente, pensou. Ele dever ter tido sua conversa com Picard e estaria chamando para se reparar. Bem, Kane não iria facilitar as coisas para ele. Ao invés de responder de imediato, ainda sorriu para cada um dos amigos, com se dissesse você vê? Eu lhes disse que ele me procuraria!

— Alferes Kane?, Riker chamou novamente.

Limpendo a garganta, o Alferes respondeu num tom casual. — Sim, senhor?

Pausa. — Alferes\_\_ Será que eu estou lhe chamando num momento inoportuno? Kane deu um largo sorriso. — Não, senhor. — Porque se eu estiver, Riker continuou, sempre poderei dar esta atribuição para outra pessoa. Ao ouvir a palavra *atribuição*, Kane endireitou-se. Ele esperara por isso, não ia desperdiçar. Mas justamente por isso, também não queria perder a valiosa cena. Para ele, diante de seus colegas, era tão importante recuperar a sua superioridade quanto sua carreira ganhar firmeza. — Não, senhor, Kane assegurou ao Primeiro Oficial. Estou pronto, apto e à disposição. Porém, disse isso com uma pitada de ironia, fazendo com que alguns de seus colegas rissem silenciosamente e outros balançassem a cabeça. — Bom, disse Riker. Nesse caso, o senhor está de serviço a partir de agora. Quero que se reporte à Enfermaria.

Kane se sentiu como se tivesse sido pego no meio de uma turbulência. — Enfermaria, senhor? Que diabos estaria acontecendo de tão importante lá que precisassem dele? Não existem enfermeiras para isso? — Isso mesmo, Riker confirmou. Enfermaria. Lá está o Capitão Scott. Quero que o escolte para o quarto dele.

De repente, os sorrisos pararam e Kane olhou em volta para seus

colegas. Estes estavam muito surpresos para rirem. Comparado com isso, as tarefas junto às cargas eram uma honra. Escoltar alguém para o quarto... existiria um trabalho menos vital do que esse? Não podia imaginar nenhum. — Alferes? Riker novamente. — Devo repetir a ordem? Kane apertou os dentes. Não era dessa forma que deveria acontecer. Ele deveria estar por cima! — Não, senhor, finalmente conseguiu murmurar. Enfermaria. Capitão Scott. — Imediatamente, disse o Primeiro Oficial. — O Capitão Scott estará esperando.

Então, o silêncio, ridicularizando-o, humilhando-o profundamente. Kane queria praguejar, mas isso só iria piorar as coisas, acentuar a sua humilhação. Tranh sorriu, embaraçado demais para Kane ruborizar-se. Ao invés disso, disse suavemente: — Acho que vamos ter que guardar nossos uniformes de gala com bolinhas de naftalina, não é Alferes?

Kane podia ter tolerado o gracejo de Tranh, mas sua simpatia ... sua piedade... era quase insuportável para ele. Queria acertar Tranh, machucá-lo tanto quanto havia sido, mas se conteve. Uma briga com outro Alferes não seria bom para sua ficha, e ainda havia a possibilidade de que sua ficha pudesse um dia ser de alguma valia. — Hei, disse Souza, colocando a mão em seu braço, como para confortá-lo. — Está tudo bem, Kane, não há de ser nada.

Mas não estava tudo bem, não estaria por um longo tempo. Tirando a mão de Souza com indiferença, atravessou a sala e se dirigiu para a saída. Estava espumando, e era tudo que podia fazer para não explodir. Se achava que as coisas estavam ruins antes, agora a situação estava se tornando rapidamente... intolerável.

Scott sorriu. O Alferes designado para mostrar-lhe as acomodações era tão educado quanto podia ser. Era bom saber que a Frota era ainda seletiva quanto quem podia servir em suas naves. Claro, era possível que o Alferes Kane fosse diferente de outros Alferes, mas esperava que não. Ele teria odiado se a raça humana tivesse decaído do ponto que haviam atingido no século 23. — Aqui estamos, senhor, disse Kane. Haviam parado à frente da porta, que não parecia em nada diferente das portas da *ENTERPRISE* de Scott. — Primeiro, o Senhor. Educado, sim, Scott observou. Assentiu aprovadamente, porém o jovem era disciplinado demais, até para sorrir. Tudo que fez foi esperar pacientemente que o velho entrasse na sua frente. As portas abriram-se automaticamente, claro. Um instante depois, Scott viu as acomodações que lhe havia sido destinado e..... perdeu o fôlego!

Antes que se desse conta, Kane havia iniciado o grande tour. — O Senhor encontrará o armário aqui atrás, com um completo guarda-roupa de seu tamanho.

E isto ..., disse apontando, é o replicador de alimentos ... e aqui o seu terminal de computador pessoal. Scott olhou o quarto espantado. — Meu Deus, homem, onde foi que vocês me alojaram?

Kane virou-se para olhá-lo pálido. — Estes é o padrão de quartos para visitantes, senhor. Uma pausa. — Mas posso encontrar um maior se o senhor quiser. Os olhos de Scott se arregalaram. — Maior? Você não me compreendeu, jovem. Por que no meu tempo, nem um Almirante teria uma acomodação dessas numa nave. Na verdade, continuou, sua mente tentando lembrar das coisas familiares, lembro-me de uma vez quando tivemos que levar a Dohlman de Elaas para Troyus. Sorriu como para si mesmo. Você jamais ouviu tantas lamúrias e reclamações de uma mulher adulta em toda a sua vida. — Uh.... certo, respondeu Kane, tão cortês como nunca. — Os holodecks, o Ten. Forward e a sala de ginástica estão à sua disposição. Indicou o terminal. — O computador pode lhe informar onde se encontram; até que lhe forneçamos um comunicador-emblema, use isto, e fez um gesto, mostrando o painel de comunicação, — se precisar de alguma coisa.

Mas Scott não estava prestando muita atenção. Estava novamente revirando suas lembranças. — Sabe, disse, esses quartos me lembram um quarto de hotel onde estive uma vez, em Argelius. Oh, sim, era um planeta... tudo que um homem podia querer, bem ao alcance os dedos. Claro, na nossa primeira visita, tive um pequeno probleminha lá, mas ..... — Uh, desculpe-me, senhor, disse Kane. Scott parou. — Sim, jovem? — Tenho que voltar ao meu trabalho, senhor. O Alferes ainda sorria educadamente... mas agora parecia-lhe educado demais, como se ele tivesse feito tudo apenas por obrigação, desde o começo.

Scott franziu a testa. Que tolo tinha sido!. O Alferes não estava interessado na Dohlman de Elaas, ou nas acomodações em Argelius, ou em qualquer outra história que ele tinha para contar. Tudo que Kane queria era terminar o que lhe fora ordenado e voltar às suas tarefas. — Desculpe ter tomado seu tempo, sim? disse o velho. O Alferes não se fez de rogado. — Não tem problema, senhor. Há mais alguma coisa que posso fazer? Scott balançou a cabeça, seu entusiasmo reduzido a zero. — Não, nada mais. Obrigado, senhor Kane.

O jovem não demorou mais que deveria. Um instante depois, a porta se abriu e se fechou atrás dele, deixando Scott só. Só, nesta suíte gigantesca, a bordo de uma vasta e desconhecida nave. Suspirou e se sentou na macia cama que lhe deram. Olhou em volta, suspirou de novo. Na *ENTERPRISE*, aquela pela qual dera sua vida, os zumbidos das máquinas eram audíveis em qualquer parte da nave, não importando onde estivesse. Depois de um certo tempo, começou a sentir dificuldades em dormir em outro lugar, pois sentia

falta do suave zunido da nave. Não achava que ia conseguir dormir bem aqui, pois o lugar era mais quieto do que uma tumba. Talvez tivesse zunidos das máquinas em algum outro lugar da nave, mas que não eram ouvidos nos alojamentos. Ou, o que suspeitava, em qualquer outro lugar que não fosse a Engenharia.

De repente, Scott se sentiu muito só, perdido, como uma criança que se perde de seus pais. Também sabia porquê se sentia assim: porque não havia nada para ele fazer aqui. Toda a sua vida orgulhou-se de sua utilidade. Se você quiser que algo seja consertado, dê para Scott consertar. As pessoas o consideravam um gênio, um mago com as máquinas, um abençoado fazer de milagres.

A questão era que ele ainda podia consertar coisas, isto é, se lhes dessem uma chance. E aqui... neste momento .... não havia nenhuma chance. Esta *ENTERPRISE* já tinha um Engenheiro, e mesmo que não tivesse, ele mal chegaria aos pés dos outros para a tarefa, não com seu incompleto e antiquado conhecimentos da moderna tecnologia. Droga .... ele confundiu um condutor de dados com o quadro de energia EPS. Em outros tempos não se perdoaria em cometer um erro desses.

Talvez, se tivesse formado uma família se tivesse se estabelecido em alguma lugar ... encontraria um outra forma de se definir; porém a única criança que poderia ser corretamente chamada de sua, eram os motores da nave de Jim Kirk, a *ENTERPRISE*, e esses motores não existiam mais, como tudo e todos que um dia ele havia amado.

*Fazer o quê, Montgomery Scott, fazer o que]* Scott pensou. Deus sabia que tinha que fazer algo ou estaria acabado. E não podia acreditar que só ele tinha sobrevivido, de todas aquelas pobres almas no *Jenolen*, só ele iria envelhecer pesarosa e vagarosamente.

Scott empertigou-se, desanuviando tais pensamentos. Ele sobreviveu, não é? E se essa era a questão, havia um propósito para sua sobrevivência. Talvez não fosse aparente no momento, contudo havia um propósito. — Sim, pensou alto. O velho Montgomery Scott não está acabado. Em algum lugar lá fora, no meio deste imenso mar de estrelas, talvez mesmo aqui nesta nave, exista uma peça de maquinaria que precise dos meus toques gentis — e se eu tiver paciência, encontrarei essa peça.

Palavras encorajadoras, pensou. E mesmo que não tivesse muita certeza, acreditava nelas, pois soavam muito boas.

## Cinco

Picard usou as costas de sua mão esquerda para limpar o suor que ameaçava cair nos seus olhos. Então, depois de tanto anos de prática, recolocou a máscara no rosto e saudou seu oponente com a sua espada.

Poucos metros adiante, Riker devolveu a saudação inclinando-se para frente. Talvez inclinado um pouco demais, pensou Picard, mas então seu Primeiro Oficial era um iniciante na fina arte da esgrima.

— *En garde*, Picard anunciou, dando um passo à frente.

Riker ficou no lugar, não se movendo num centímetro. Isto denotava disciplina, o Capitão sabia disso, uma rara qualidade nos iniciantes, mas ele não tinha nenhuma intenção de premiá-lo por isso. Dando um outro passo, Picard deu o bote, não num ataque sério, que significasse fazer seu oponente recuar e portanto, torná-lo vulnerável. Mas Riker deve ter descoberto sua estratégia, pois não cooperou. Ao contrário, arremessou rápido a espada do Capitão para o lado, não de verdade, só o suficiente para que ele perdesse o alvo, e lançou um contra-ataque. Começou como se parecesse ser um simples avanço, mas rapidamente se tornou um verdadeiro ataque e apanhou o mais experimentado dos dois se desviando deles. Era tudo o que Picard podia fazer, se desviar de Riker, se afastar ponta da espada.

Como o Capitão recuou além da linha de fundo, seu oponente deu um último e desesperado impulso, e chegou muito perto. Mais uma polegada ganharia a luta por toque. E foi uma bela luta, Picard pensou. — Bravo, gritou, enquanto dos dois abaixavam as armas, o Capitão recuando, seu Primeiro Oficial avançando. — Vejo que você andou praticando nas minhas costas. Riker sorriu através da tela de sua máscara. — O senhor faz parecer desonesto, disse rindo. — E é, Picard acrescentou. — Mas no amor e na esgrima, vale tudo, eu acho.

Quando retornaram às suas posições novamente, o Capitão se encontrou em desvantagem. De acordo com as regras, ele tinha que iniciar a luta perto da linha de fundo, um toque seria contado contra ele automaticamente, mas faria tudo para que isso não acontecesse. — *En garde!*, sugeriu Riker. Picard assentiu. — *En garde*. Mal disse essas palavras, tentou fazer com que seu oponente recuasse e lhe desse mais espaço, mas como antes, Riker não se deixou enganar. Ficou parado, recusando-se a recuar um centímetro. — Não é vergonha nenhuma recuar, Will, disse o Capitão. Riker riu. — E tampouco em ser agressivo. Sem aviso, o mais alto dos dois deu o bote. Porém dessa vez, Picard estava preparado. Tirando a espada de Riker para o lado com um floreio de sua espada, o Capitão se viu de volta às linhas delimitadas, bem a

tempo de tocar a ponta de sua espada no peito desprotegido de Riker. — Touché! gritou Picard, por um breve segundo se tornando o arrogante jovem francês dentro da caverna de seu mestre espadachim.

Riker suspirou à medida que tirava a máscara. Seu cabelo estava grudado na testa. — Belo toque, senhor. Removendo sua própria máscara, Picard inclinou sua cabeça levemente como um cumprimento. — Obrigado, Will, mas da próxima vez, seria bom você recuar um pouco ... para me dar um falso senso de segurança ... e aí você avança. O Primeiro Oficial assentiu. — Vou me lembrar disso.

O Capitão inclinou um pouco a cabeça na direção do replicador, no canto do ginásio. — Se importa em pararmos um pouco?

Riker pareceu que gostaria de continuar, mas disse: — Claro! Por que não? E guardou sua máscara debaixo do braço que segurava a espada, e seguiu seu superior ao replicador. — Chá, pediu Picard ao replicador. — Earl Grey. Quente. \*

\* Nota da Tradutora - Earl Grey. Famoso chá inglês. Mesmo no século 24.

Virou-se para o seu Segundo em Comando: — E você, Will? — Água bem gelada. No ponto, antes do congelamento...

Um instante depois, o replicador cumpriu o que lhe foi ordenado. O Capitão removeu as bebidas, deu a Riker o recipiente gelado e sorveu o seu chá. — Então, começou a conversa sub-repticiamente, — como o Capitão Scott está se saindo? Confio em que você o deixou em boas mãos. — Nas melhores, disse o Primeiro Oficial. — Solicitei que Geordi o colocasse sob suas asas! — Bom, Picard comentou. — Afinal, depois de tudo por que passou, ele merece toda e qualquer ajuda que possamos dar.

Riker havia caído na armadilha. Agora era hora de avançar, de atingir o motivo final de porquê trazê-lo aqui. — Will, eu recebi uma visita em meu escritório há pouco tempo. Do Alferes Kane.

Picard viu Riker retesar-se um pouco quando mencionou o nome do Alferes. — Então é por isso que estive me evitando, disse. — E o que foi que Kane lhe disse? — Acho que você sabe, disse Picard, mas continuou. — Disse que você está sendo injusto com ele, que está negando uma chance de melhorar suas qualidades, que você, por alguma razão, tem algum ressentimento contra ele.

O Primeiro Oficial encarou-o de volta. — Eu tenho ressentimentos contra ele, confessou. — E muito. Uma pausa. — Mas não é por isso que eu o trato diferente dos outros. O Alferes Kane tem muito que aprender quando se trata de respeito aos seus oficiais superiores. O Capitão tentou ler nas

entrelinhas. — Ambição não é crime, Will, senão, nós dois seríamos culpados também. E todos os Oficiais da Frota. — Não estou me referindo apenas a ambição, Senhor. Estou falando de arrogância, de falta de consideração à autoridade, à tradição.

Picard sorriu. — Faltas severas o suficiente para colocá-lo na escala de tarefas menores? — Sim, senhor, disse o Número Um, porém não estava disposto a dar detalhes, e o Capitão queria detalhes. — Como sabe, disse a Riker, eu me formei na Academia com o pai de Darrin Kane. Conheço o Alferes desde que era um garotinho... — Talvez não o conheça tão bem quanto pensa, senhor. O rosto de Riker ficou sombrio e levou um ou dois segundos para se recompor antes de falar. — Capitão... quando eu aceitei ser o Primeiro Oficial desta nave, era de seu conhecimento que eu acreditava firmemente em certas coisas. Agora, o senhor pode me questionar como lido com o Alferes Kane ou confiar no meu trabalho. Mas se é para me questionar... Riker não terminou a frase. Não precisou. Picard olhou-o: — Você tem certeza do que faz, não tem? — Tenho sim, senhor. Permaneceu tão firme quanto durante a luta de esgrima, e era decisão do Capitão permitir que se mantivesse na posição ou de removê-lo, com o risco de perdê-lo. Por fim, pensou: seria que deveria removê-lo? Será que era sua obrigação intervir? Picard tomou sua decisão, afinal. — Faça o que você achar melhor, disse ao seu Primeiro Oficial. Para mim o assunto está encerrado. Riker olhou-o com apreço. — Obrigado, senhor.

— *Alferes Kane!!!!..*

Primeiro, Kane pensou que estivesse num pesadelo. A voz de Riker parecia soar das profundezas de uma escura e agourenta paisagem, começando como um desabamento de terra e fazendo depois grandes penhascos e montanhas chacoalharem. E ele não podia escapar, não importa para onde corresse ou quanto tentasse se esconder. — *Alferes Kane!!!!..*

Parecia um trovão, soando como uma cascata abaixo, vindo de pesadas nuvens de tempestade... enormes nuvens, ensurdecedor, esmagando-o ... — *Alferes Kane!...*

Kane deu um pulo, olhou em volta, sua garganta seca e queimando de temor. Percebeu que se encontrava no quarto, no alojamento da *ENTERPRISE*, não num mundo de pesadelos de sua imaginação. E aquela voz... Tá certo, era de Riker. Do Riker real. Mas por que o Riker ....

E aí, viu o cronômetro na sua mesa, e teve a resposta. Estava 10 minutos atrasado para o seu expediente, e ainda estava na cama!. Jogando fora sua coberta, pulou para o chão. Droga, droga, droga... — Sim, senhor. Aqui é o Kane. Eu perdi a hora, senhor.

— É mesmo?, disse a voz de Riker vindo do intercomunicador. — Se você não me dissesse eu jamais iria adivinhar! Correndo pelo quarto em direção à cômoda, o Alferes pegou um uniforme limpo, seu coração batendo forte, quase pulando de dentro do peito. — Sinto muito, Comandante, gritou. Não sei como isso foi acontecer. Pensei que tivesse pedido ao computador para me acordar\_\_

— Você *não* pediu, Riker disse. — Eu chequei. Kane praguejou enquanto vestia seu uniforme vermelho e preto. Então é isso, já era mal que o Riker o odiasse; agora ele havia lhe dado mais uma desculpa. Quanto mais notas baixas o Primeiro Oficial colocava na sua ficha, mais fácil mantê-lo nas tarefas menores. Claro, isto não teria acontecido se ele tivesse ido dormir numa hora razoável, mas estava tão furioso com a tarefa de pajear o velho que ficou no Ten-Forward até altas horas... tomando sintheol e pensando em maneiras de retaliar.

— Asseguro que não acontecerá de novo, senhor. Estarei lá no compartimento de cargas em alguns minutos, senhor. Kane *odiava* a idéia de ter que se rebaixar diante de Riker.. de ter que ser simpático. Detestava isto, mas o homem tinha o destino dele nas mãos, não tinha como negar. — Não se incomode, disse-lhe o Primeiro Oficial. Kane já havia vestido uma das pernas de sua calça. Parou no meio, — Senhor? — Disse que não se incomodasse. Você não irá ao compartimento de cargas hoje. Um largo sorriso apareceu no rosto do Alferes. Não me diga que finalmente ele teve a conversa com Picard, pensou. Não me diga que finalmente terei o que sempre .... — Para onde vou então?... senhor. Terminou de vestir as calças, mas já não estava mais com pressa. Ele podia quase ouvir Riker dizer: *para a Ponte!*

De fato, estava tão seguro que ouviria estas três palavras maravilhosas, tão longamente esperadas que quase não ouviu as palavras que Riker realmente disse: — Hangar principal, deck quatro.

— O quê...? O alferes não queria dizer isso de sopetão. Mas disse, e alto o suficiente para ser ouvido pelo intercomunicador. — Hangar principal, Riker repetiu. Alguma coisa errada com seus ouvidos, Alferes? — Não ... nada errado, senhor. — Acredite-me, Riker acrescentou, eu não o tiraria de suas tarefas diárias se não houvesse uma boa razão. Mas Coburn teve uma crise de apendicite e alguém precisa substituí-lo. Pausa. — Não se preocupe, é só por um tempo. Quando Coburn estiver bem de novo, você poderá voltar ao seu trabalho normal.

No silêncio que se seguiu, Kane ficou lá, parado. Depois, esmurrou a mesa, feita de material sintético, e tão violentamente que lascou a mesa. O pesadelo não havia terminado, pensou, e sim apenas começado.

Scott sabia que era para descansar, mas não podia permanecer em sua suíte por mais tempo sem correr o risco de ficar louco. Sentia que tinha que sair... ver um pouquinho mais dessa nave monstruosa e o que ela podia oferecer. E enquanto o holodeck soava interessante, não era o que precisava no momento. De qualquer forma, não de imediato. O mesmo para o Ten-Forward, seja lá o que quer que seja, e tampouco a sala de ginástica. Ele não se exercitava há 75 anos, e não iria matá-lo se não fosse agora. O que ele realmente queria ver eram algumas máquinas. Máquinas que aproveitavam a energia, máquinas que usavam energia... máquinas que faziam coisas funcionarem e faziam coisas pararem de funcionar, máquinas sem as quais esta maravilha de nave não poderia existir. Eis o que ele ansiava, que fazia seu coração bater, e sempre fez.

Por outro lado, sabia que não estava autorizado a ver tais coisas. Ele deveria estar descansando, e não vadiando. Aparentemente, eles não o conheciam muito bem. Dizer para Montgomery não fazer algo era o mesmo que um convite aberto para fazê-lo. Por outro lado, queria permanecer perto de casa, perto de seu alojamento, no deck sete. Dessa forma, se ele fosse pego em algum lugar onde não deveria estar, poderia sempre dizer que se perdeu um pouquinho. E claro, a sua primeira escolha seria a sala de máquinas, mas teria muitas pessoas por lá agora, todos ocupados na análise da Esfera Dyson. Melhor escolher um lugar menos populoso, onde pudesse se isolar por um tempo. Um lugar como o Hangar Um. Se não podia colocar as mãos nos engenhos da *ENTERPRISE*, de qualquer forma ainda não, olhar as naves auxiliares seria a melhor coisa a fazer. Saiu do quarto e caminhou pelo corredor como se não houvesse uma razão para não fazê-lo. As pessoas olhavam a sua tipóia, mas se eles o reconheceram por isso, não disseram nada. Quando chegou ao turboelevador, entrou nele. Até aí, tudo bem, disse para si mesmo. — Hangar Um, disse ao computador, da mesma forma que viu o Comandante LaForge fazer quando se dirigiam para a Enfermaria. Pareceu-lhe que mal havia dado o comando e as portas já abriam novamente, no destino. Balançou a cabeça, admirado. Os elevadores da *sua ENTERPRISE* nunca foram tão rápidos e tão suaves. Saindo para o corredor, olhou para os dois lados... e achou o Hangar Um apenas a alguns metros. Novamente, dirigiu-se para lá, como se ele fizesse parte daquela imensa máquina do século 24. E, novamente, ninguém o parou. A entrada do hangar era fácil de achar. A porta abriu-se de par a par, com a sua proximidade, revelando um autêntico regalo para os olhos do engenheiro: uma enorme ala, tão grande quanto um deck inteiro da *Jenolen*, com quase duas dúzias de naves, algumas grandes, outras menores, brilhando sob a iluminação, como

uma horda celestial. — Diabos!..., disse sem poder evitar de sorrir à visão. Atravessando o imenso salão vazio no centro do Hangar, estendeu o braço e acariciou o metal na nave mais próxima. O toque era inesperadamente quente. E mais, era muito mais aerodinâmica do que as naves auxiliares do seu tempo. A máquina à sua frente era tão lustrosa, suas linhas tão limpas e agradáveis de se olhar, que parecia até natural que ficasse lá, quieta. Poderia ter estado solta no espaço, voando na atmosfera superior de algum planeta, da mesma maneira que as raras pérolas caem na água plácida. Scott leu o nome no seu flanco, que se revelava enquanto sua mão deslizava sobre ela. Chamava-se Christopher. Sorriu com gosto, feliz. Era uma homenagem a Sean Jeffrey Christopher, o homem que chefiou a primeira missão bem sucedida de sonda, da Terra a Titan, no início do século 21, filho do Capitão John Christopher, que foi por um breve tempo, mas não intencional, um inconveniente convidado da *ENTERPRISE*.

Mas se não fosse por Scott, que descobriu uma forma de devolver Christopher ao seu tempo antes que encontrasse a *ENTERPRISE*, não teria existido um Sean Jeffrey Christopher, e possivelmente, não teria existido uma Federação de Planetas Unidos. Se a expedição para o satélite de Saturno tivesse fracassado, o programa espacial terrestre poderia nunca ter evoluído para uma organização conhecida como Frota Estelar. E se a Frota Estelar não existisse, como poderia haver uma Federação?

Ouvindo um ruído de passos atrás dele, Scott virou-se, e viu um rosto familiar. Era o Alferes que, no dia anterior, havia-lhe mostrado o quarto, aquele que havia sido tão educado.

Como era mesmo seu nome? Crane? Não, outro nome... Estalou o dedo: Kane! O Alferes assentiu, olhando-o atentamente. — Isso mesmo, senhor. Fez uma pausa. Uh.. o senhor está autorizado a permanecer neste local? Scott piscou o olho para Kane: — Para dizer a verdade, jovem, não estou autorizado a cocar meu nariz nesta nave. Mas na minha opinião, você não pode ficar sentado no seu quarto, contando os rebites dos anteparos quando existe um mundo inteiro do lado de fora de sua porta. *Entende o que quero dizer!*

Kane franziu o sobrolho. — Kane para a segurança, disse, sem tirar os olhos do velho. — Tenho um intruso no hangar principal chamado Capitão Scott. Acho que ele precisa de uma escolta de volta para o quarto. Scott sentiu-se como se tivesse sido apunhalado pelas costas. — Agora escute, disse ao Alferes, isto não era necessário, não mesmo.

Kane deu de ombros. — Já tenho problemas suficientes sem me envolver com visitantes não autorizados. Sua boca moveu-se como um sorriso malicioso, um pouco amargo talvez, e completou: — *Entende o que quero*

*dizer?* Antes que Scott pudesse responder à impertinência do Alferes, o Tenente Worf chegava com dois Oficiais de Segurança. O velho se colocou na defensiva contra alguma atitude tipicamente agressiva do Klingon, e que nunca se materializou. As maneiras de Worf eram quase gentis quando disse: — Pode vir comigo, senhor? Scott grunhiu: — Bem, replicou lançando um olhar fuzilante para o Alferes Kane, quando se é convidado de forma tão gentil, jovem, é difícil recusar. E rodeado pelos Oficiais de Segurança, voltou para a sua enorme e vazia suíte. Mas já estava planejando sua próxima escapada. Agora que já tinha experimentado o gosto das coisas lá fora, ele não ia ficar sentado olhando as quatro paredes, não importa o que a Dra. Crusher dissesse.

Por algumas horas, decidiu, deitaria documento. E aí, quando ninguém esperasse, ele faria outro pequeno tour, e dessa vez iria onde queria realmente ir.

## ***Seis***

Lá embaixo, na Engenharia, um punhado de Engenheiros trabalhavam nos consoles checando dados, cada homem e cada mulher levando a cabo a série de testes designados para eles. No entanto, Geordi estava tudo, menos absorto na atividade em volta, pois ele próprio tinha a sua tarefa, para a qual planejava no computador à sua mesa. — Comandante LaForge? Levantou a cabeça e viu Kerry Bartel na entrada de seu escritório. — Entre, disse Geordi, só não se acomode confortavelmente, pois tenho um trabalho para você. — E o que é? perguntou Bartel, uma mulher alta, loira e muito eficiente, na avaliação de Geordi. O Engenheiro-Chefe girou o monitor para que Bartel pudesse ver os gráficos da tela. — A Ponte quer uma varredura espectrográfica completa da Esfera e vamos precisar que todos os sensores estejam sincronizados. Infelizmente, não posso recalibrar o conjunto da popa com os engenhos de dobra em operação. A mulher assentiu.

— Já entendi, o senhor quer que eu pare tudo. — É exatamente o que quero que faça. Bartel sorriu. — Sim, senhor. Considere feito.

Enquanto se dirigia para o núcleo do engenho, Geordi voltou ao seu trabalho no terminal. Para dizer a verdade, estava ansioso para realizar a análise espectrográfica. Ele estava tão curioso com a Esfera quanto qualquer outro, e estava tão concentrado em iniciar a varredura que mal ouviu a repentina balbúrdia do lado de fora da sala, que Geordi registrou na periferia de sua consciência; afinal, não era uma ocorrência costumeira quando se tinha tanto trabalho a fazer, e seus subordinados eram profissionais altamente treinados. As conversas terminariam em poucos instantes, e os homens e mulheres envolvidos retornariam ao trabalho.

Pelo menos, supunha que era isso que aconteceria. Infelizmente, não aconteceu. Não apenas a conversa não parou, mas a balbúrdia parecia estar se aproximando de seu escritório, e envolvendo cada vez mais, mais pessoas. Um pouco exasperado, Geordi ficou ouvindo. Era melhor que fosse realmente interessante, pensou, ou cabeças rolarão. — Posso ajudá-lo, senhor?, perguntou umas das vozes, que ele reconheceu como sendo de Bartel. — Acho que não, jovem, mas posso dizer se poderá me ajudar *mais tarde*, prometo. Geordi olhou zangado, pois reconhecia aquela voz também. Levantando-se, dirigiu-se até a soleira. Suas suspeitas se confirmaram. Capitão Scott caminhava entre os Engenheiros e agora se dirigia para o núcleo das dobras, acompanhado por uma Kerrel Bartel muito preocupada. Quando Geordi se aproximou deles para intervir, o velho homem estava olhando o núcleo pulsante da dobra com um prazer e uma afeição genuínas.

Um prazer e uma afeição distintivamente *paternal*. — Senhor, disse Bartel tentando se colocar entre Scott e o núcleo do engenho, esta área é estritamente para .... — Tudo bem, disse Geordi, interrompendo a jovem Engenheira. — Eu cuido disso, Bartel. A engenheira franziu a testa. — Se o senhor diz, Comandante. Geordi assentiu. Acalmado-se, Bartel saiu. Geordi considerou seu inesperado visitante, que caminhava vagarosamente em volta do núcleo da dobra, olhando tudo. Suspirou. Seja diplomático, dizia para si mesmo. Seja gentil, ele só está tentando nos ajudar, e lembre-se de que ele passou por uma experiência e tanto.

— Capitão Scott, aventurou-se, este é uh,.....realmente não é uma boa hora...

O velho homem virou-se para ele e sorriu afavelmente. Ele usava agora o comunicador-emblema da *ENTERPRISE*. — Estamos na Engenharia, jovem e na Engenharia você deve me chamar de Scotty. — OK, Scotty então. — Não é mesmo uma boa hora, estamos no meio de uma.....

Scott parecia absorto no que ele falava, ou tentava falar. — Vocês ainda estão usando *lathanide de cobalto nos enrolamentos do constritor*? perguntou. — Uh... estamos, Geordi projetando o queixo para frente. Senhor. *Scotty*, olha, estamos na execução da fase sete da pesquisa da Esfera Dyson, e eu *realmente* não tenho tempo para um tour agora. Scott virou-se e encarou-o como se Geordi acabasse de lhe oferecer uma xícara de antimatéria. — Não estou aqui para um tour, jovem, estou aqui para *ajudar*, explicou. Geordi ficou surpreso: — É muito gentil de sua parte, mas eu acho que podemos lidar com isso.

Scott dirigiu-se apressadamente para o monitor que mostrava tabelas da situação atual. Geordi o seguiu, imaginando o que o homem ia fazer agora. — Eu imaginei, disse o velho, que, já que sou a única pessoa aqui que teve qualquer experiência com a Esfera Dyson, podia ser de alguma ajuda. Você sabe, levar a pesquisa na direção certa.

Geordi hesitou. — Bem..., Por um momento considerou que Scott poderia estar certo. Ele era a única pessoa viva que havia feito uma investigação real na Esfera.

Scott olhou-o de soslaio. — Sr. LaForge, eu fui um Engenheiro da Frota Estelar por 52 anos! Acho que ainda posso ser útil, não posso? — O senhor está certo, Capitão Scott. Agradecemos qualquer ajuda que possa nos dar. Scott ficou radiante. Aquilo era um brilho de felicidade nos seus olhos, uma surpresa de que lhe era permitido ficar ali? Geordi não tinha certeza. — Bom! disse Scott, esfregando as mãos ansiosamente. — Então, vamos ao trabalho? e virou-se para o monitor. Enquanto Geordi juntava-se a ele, tinha a sensação de que ainda ia se arrepender.

*Diário do Capitão, data estelar 46125.3*

Ao meu pedido, o Comando da Frota Estelar despachou três naves de pesquisa científica para fazer um estudo abrangente da Esfera Dyson. No entanto, até que cheguem, a *ENTERPRISE* vai continuar a recolher as informações preliminares desta extraordinária estrutura.

De pé na Estação de Ciências onde estive trabalhando as últimas horas, Data apontou para o seu monitor, o qual revelava as seções que se cruzavam da Esfera Dyson. A seção revelava a existência de uma estrela cativa e uma fina atmosfera no interior dela. As informações do computador sobre as estatísticas vitais do objeto eram visíveis em forma de uma lista ao lado. — O Senhor está vendo?, perguntou o andróide. — As leituras dos sensores indicam a presença de uma estrela tipo G no centro da Esfera Dyson, e parece também haver uma atmosfera classe M aderente no seu interior.

Picard, que rondava o seu Segundo Oficial periodicamente, assentiu. — Existe uma possibilidade, concluiu, sua voz mostrando excitação. Os olhos do Capitão se estreitaram enquanto olhava as estatísticas no monitor. — Há alguma indicação de que a Esfera seja habitada? Qualquer evidência positiva de que ainda há vida lá dentro? — Ainda não, senhor, disse-lhe o andróide. — Nossos dados preliminares indicam que a Esfera é ainda capaz de suportar vida, mas ainda não fomos capazes de encontrar sinais de que a Esfera é habitada no momento. Picard murmurou pensativamente. Data raramente o viu tão intrigado com uma descoberta científica, e disse isso ao Capitão. — Intrigado?, o humano disse. — Eu digo que estou realmente muito intrigado. Eis porque em vim para o espaço, em primeiro lugar, Data. Eis porque passei mais de 20 anos na *Stargaze*, e porque concordei em servir como Capitão da *ENTERPRISE*. Foi pela possibilidade de vislumbrar uma forma de vida tão diferente que eu jamais poderia imaginar se não fosse vindo para o espaço. Picard virou-se para a tela principal, onde aparecia a Esfera, em toda a sua glória; Data seguiu seu olhar. — Quem quer que seja que tenha construído isto, pode ser qualificado como uma forma de vida, Data e se houver uma oportunidade de falar com ele, ela ou isto... para compreender o que aconteceu para que capturassem uma estrela para seu próprio uso... Picard deu de ombros. — Farei qualquer coisa ao meu alcance para perseguir esta oportunidade, adquirir conhecimento. Virou-se para o andróide e sorriu. — Este é, afinal de contas, o meu trabalho!

O andróide não sabia o que dizer. A sua sede de conhecimento era parte de seu programa. Ainda assim, achava que não poderia expressar a ânsia de conhecimentos usando as palavras que Picard tão bem usou. Picard focalizou

no monitor mais uma vez. Os músculos de sua têmpora tensionou devido a sua concentração. Finalmente, chegou a uma conclusão, uma plano de ação foi traçado.

— Envie uma série de sondas classe 4 para investigar o lado mais distante da Esfera, Sr. Data. Talvez tenhamos mais sorte com eles. — Sim, senhor, disse e andróide. E em um segundo, Data iniciou o lançamento da primeira sonda.

Inclinando-se para ver a situação no monitor, com o Capitão Scott ao seu lado fazendo a mesma coisa, Geordi imaginou se alguma vez na história da Frota Estelar, uma análise espectrográfica levou tanto tempo para ser realizada. Ou talvez não tenha levado tanto tempo como ele imaginou, apenas pareceu-lhe assim. Não que tivesse tido qualquer problema com o comportamento de Scott. O homem não poderia parecer mais alegre ou excitado, porém seus esforços para ser útil, estava dando nos nervos de todos ali. Tentando se concentrar no monitor e não na sua frustração, Geordi disse: — OK. Os sensores laterais estão ligados. Sr. Krause, ajuste a estabilização de frequência na defletor principal do disco. Está fora de sincronia com os sensores de popa. — Sim, senhor, disse Krause, fazendo o que lhe era ordenado. Enquanto Geordi olhava, Krause estabilizou a frequência e restabeleceu a sincronia aos sensores. — OK, disse o Engenheiro-Chefe, agora..... — Jovem, Scott interrompeu. Relutantemente, Geordi virou-se para ele. Scott tinha um olhar sério. — Sim, Capitão Scott... Scotty? — Você precisa travar a fase nos campos de dobra em três por cento, ou eles ficarão instáveis, disse Scott. Geordi balançou a cabeça como para clarear as coisas. — O quê? Trabalhando no console, Scotty mostrou-lhe o que queria dizer. — Aqui, vou lhe mostrar. Vê? o campo de dobra está.....

Porém, mal Scott tocou nos controles, e o alarme vindo da mesa do monitor começou a soar. O homem olhou em volta desamparado. Dirigindo-se rapidamente para o monitor, Geordi corrigiu a situação. Não foi grave, mas significava outro atraso, e ele não tinha todo o tempo do universo para fazer seu trabalho.

— Não entendo..., Scott falou.

Geordi explicou-lhe, tentando manter à tona o que restava de sua paciência. — Atualmente, usamos um campo de autocontenção fase-5. Isto significa que operamos com uma folga de 3% .

Scott pareceu aturdido, mas só por um momento. Em seguida tornou-se novamente cheio de confiança. — Ah!, replicou. Bem, isto faz toda a diferença do mundo, não é?

— Comandante LaForge?, Geordi virou-se para Bartel. Ela e outros dois

engenheiros estiveram trabalhando no núcleo da dobra. — Sim, La Forge respondeu. — Estamos quase no fim da recalibração, Comandante. Podemos religar as máquinas em 10 minutos. — Obrigado, disse LaForge, fico contente em ouvir isto. Olhou enquanto Bartel e os outros voltavam ao trabalho. — Você sabe,

Scott disse, falando sobre religar as máquinas\_\_ lembro-me de uma vez quando a velha *ENTERPRISE* estava se dirigindo a Psi 2000, completamente fora de eixo, em espiral. O Capitão, isto é, Capitão Kirk, queria tentar religar as máquinas, mas eu lhe disse que não era possível. Sem uma trava de fase apropriada, levaria pelo menos 30 minutos, eu disse. Suspirou. — E mesmo assim era provavelmente um atenuante. De fato,...

Enquanto Scott continuava com sua história, animado pela atenção que despertava naqueles que estavam à sua volta, alguém colocou bem na cara de Geordi o bloco de controle. Este olhou para quem lhe oferecia o bloco.

— Comandante? disse Moreno, uma pequena ruiva. LaForge assentiu e pegou o bloco. — Obrigado, — De nada, senhor, disse Moreno e ficou parada esperando pela sua reação. Enquanto estudava o relatório, tentando valentemente se concentrar, Scott continuava sua história.

— Você não pode mudar as leis da física, eu disse. Mas, naturalmente, ele não me ouvia. Então tivemos que propor uma rotina com o novo engenho... fácil de falar mas difícil de se realizar, considerando-se a situação em que nós\_\_

Finalmente Geordi conseguiu focalizar o bloco, resmungou. — A faixa alfa de radiação está bastante alta, não está? Fazendo uma anotação no bloco, olhou para Moreno. — Devemos fazer uma completa\_\_

Repentinamente, ouviu uma voz, que soou alto e de modo urgente: a do Capitão Scott, claro. — Sr. LaForge! Você sabe que os malditos cristais de dilithium estão prestes a se quebrar?

O velho homem moveu-se em direção ao núcleo das dobras enquanto Geordi estivera ocupado com Moreno. Tendo aberto a câmara de dilithium no centro do núcleo, Scott estava examinando os cristais com olhos críticos. — Desculpe-me, Geordi disse a Moreno, entregando o bloco a ela. Correndo em direção ao núcleo de dobras, fechou a porta da câmara, evitando encarar o olhar surpreso de Scott — Jovem!, o velho disse quase explodindo. Você sabe o que está ...

A paciência de Geordi estava se exaurindo. — Nós recompomos os cristais enquanto eles ainda estão dentro do sistema de articulação, explicou, num tom mais tenso do que pretendia. Scott franziu as sobrancelhas; parecia atrapalhado. — Sim, jovem... Isto economizaria um bocado de tempo. Mas como vocês conseguiram. ...

Isto foi o bastante. Geordi havia tentado, tentado mesmo. Mas era absolutamente impossível fazer a vontade de Scott e ao mesmo tempo trabalhar. — Sr. Scott, disse, *por favor*. Gostaria de explicar-lhe tudo, gostaria mesmo. Mas o Capitão quer esta análise espectrográfica feita dentro de algumas horas, portanto, se me der licença...

Com estas palavras, deu as costas para o velho e se retirou para o seu escritório. Com o canto dos olhos, viu Scott olhando para ele por um momento, então, mesmo sem ser convidado, caminhou até ficar ao seu lado. Será que isto não tinha fim? perguntou-se o Engenheiro-Chefe. Ele não ia dar uma folga?

— Você se importaria de lhe dar um pequeno conselho?, perguntou Scott. Geordi decidiu que se importaria. Não queria conselho nenhum, porém segurou a língua, desejando que uma vez que Scott lhe desse o conselho, o deixaria em paz. — Capitães de naves estelares são como crianças, disse o velho, em um tom autoritário. Eles querem tudo para ontem e da sua maneira. O segredo é dar-lhes o que precisam e não o que querem.

A atitude de Scott realmente provocou Geordi. Pior, o conselho em si era completamente contra a natureza de sua personalidade. — Eu lhe disse que teria a análise pronta em uma hora, disse Geordi com firmeza. — Scott sorriu com cumplicidade. — E quanto tempo vai levar realmente? Geordi pareceu confuso agora, genuinamente confuso. — Uma hora!, replicou.

O outro pareceu chocado. — Você não lhe disse quanto tempo *realmente* ia levar?

Geordi ficou irritado, e ia ficando cada vez mais a cada segundo. — É claro que disse!. Scott moveu os olhos num claro desapontamento. — Jovem, jovem, jovem,,,, Você tem muito que aprender ainda se quiser que eles pensem que você é um engenheiro fazedor de milagres. Aprenda comigo, você tem que....

Todo homem tem seu limite, uma linha de tolerância que não pode ser ultrapassada. Geordi acabava de chegar no seu limite. Virou-se para Scott: — Olhe, senhor, disse, tentei ser paciente, tentei ser educado. Mas tenho um trabalho a fazer aqui e o senhor está me atrapalhando!

A última coisa que esperava era que Scott se enfurecesse, mas ele se enfureceu... Todos os engenheiros presentes viraram-se e olharam espantados enquanto a voz de Scott crescia, tremendo de emoção. — Pois vou lhe dizer que estive dirigindo naves espaciais enquanto seu avô ainda usava fraldas. Pensei que você fosse ficar agradecido com uma pequena ajuda...

Geordi já havia ouvido o suficiente. Era embaraçoso. Era estúpido, e tinha que ser parado agora antes que fosse longe demais. Ao invés de

inflamar ainda mais a discussão, afastou-se de Scott... focalizando em seu monitor e ignorando o velho. Foi um erro. Scott tomou aquilo como um insulto e sua voz aumentou ainda mais para uma última palavra. — Então, Sr. LaForge, vou deixá-lo trabalhar! E com isso, o homem saiu como um furacão da Engenharia. Todos o olharam partir, e na esteira, deixou em todos uma sensação de que as coisas poderiam ter sido melhor contornados. Geordi praguejou suspirando. Já lamentava o incidente, lamentava profundamente, mas era tarde demais, o erro já estava feito.

## **Sete**

Pouco tempo atrás, o alojamento de Scott parecia tão grande que ele não sabia o que fazer. Agora, sentia que era pequeno demais, como uma jaula, que vagarosamente mas com firmeza, se fechava sobre ele, enquanto caminhava de um canto para outro. — De certa forma, murmurava não pela primeira vez, ele realmente disse que eu estava atrapalhando! Resmungava alto. — Antigamente tinha-se mais respeito dos outros por ser um engenheiro, por ter passado a vida inteira no interior de uma nave e nunca...

Abruptamente, a campainha da porta soou. Scott virou-se — O que você quer? gritou.

Scott não tinha certeza o que esperava, mas não foi o que teve. Quando a porta se abriu, apareceu uma das mais belas mulheres que já teve o prazer de encontrar. O sorriso em seu rosto de pele macia era agradável, tão sereno que ele se sentiu compelido a aplacar sua raiva. — Cheguei em má hora?, perguntou, com seus grandes olhos negros dançando suavemente sob a pequena franja de cabelos negros. — Uh... não, disse Scott. Estendeu a sua mão. — Capitão Montgomery Scott ao seu dispor. O que posso fazer por você?

Ela pegou sua mão e apertou com firmeza. — Deanna Troi, Conselheira da nave. E na verdade, estou aqui para ver se há algo que *eu* possa fazer por *você*.

Scott não sabia o que fazer, mas ela era bonita demais para ser dispensada de cara. Apontando, ofereceu-lhe uma cadeira e pegou outra para si. — Agradeço sua preocupação, moça. Mas já estou alojado, e este alojamento é mais do que adequado. E o replicador é uma maravilha....

Scott sorriu para ela, e ela retribuiu o sorriso. Mas ele ainda não entendia porque ela estava ali. E talvez, ponderou, nem se importava, enquanto ficasse por lá. — Fico feliz de que esteja confortável, disse Troi. Mas na verdade, estou mais interessada em saber como se *sente*.

Por um breve momento, Scott teve a ilusão de que aquilo era mais do que um encontro amigável, mas ele mal acabava de conhecer aquela mulher!. E embora ele ainda fosse um homem bonito, apesar de ser opinião própria, não podia imaginar que ...

— Como eu me *sinto!* repetiu sem convicção. — Sim, disse Troi. Seria perfeitamente normal que se sinta desorientado, confuso ou mesmo assustado depois da experiência por que passou.

Scott ainda não entendia. — Acho que foi um tanto.... atordoante, sim. Houve uma pausa incômoda enquanto Scott tentava desvendar até onde isto

ia chegar. Troi endireitou-se na cadeira, como se estivesse considerando uma estratégia diferente. — Tenho certeza de que o senhor tem muitas perguntas a fazer sobre o que aconteceu nestes últimos 75 anos, declarou. Se quiser, posso ajudá-lo a acessar alguns arquivos históricos... talvez ajudá-lo a descobrir o que aconteceu à sua família... ou amigos.

Scott se retraiu à sugestão, surpreendendo a si mesmo. Família? Amigos? — Não acho que esteja pronto para isso, disse. — É muito difícil aceitar o desafio de enfrentar a realidade... Quero dizer, o fato de que todos que você conheceu uma vez estejam provavelmente ...

Sua voz dissipou-se quando repentinamente, se deu conta do rumo que a conversa tomava. Olhou para Troi cheio de suspeitas. — Desculpe por perguntar, começou a dizer, mas diga-me, o que é exatamente uma ... Conselheira da nave? — Estou aqui para observar o bem estar emocional da tripulação, explicou. E sorrindo este incrível sorriso, acrescentou: — E, é claro, de nossos convidados também.

Scott sentiu seus olhos se estreitarem: — E você é uma Oficial? Troi assentiu.

— Sim. A Frota começou a designar Conselheiras na nave há uns 40 anos atrás, quando perceberam as pressões existentes em longas viagens espaciais ...

As suspeitas de Scott se confirmaram. — Você é uma Psicóloga! disse. — Entre outras coisas, Troi respondeu, tão calma e ponderada como sempre. Como disse, estou aqui para assegurar ...

Scott fez uma careta. — LaForge mandou-a para cá, não foi? Ele a mandou! Posso estar velho, mas não estou louco!

Scott se levantou, aborrecido com toda a situação. O que se iniciou como algo agradável, estava se tornando uma outra forma de humilhação. Diabos, ele estava se tornando um *expert* em humilhações. — Droga, você está certa, disse a ela.

— E se estamos de acordo neste ponto, deveria saber que não preciso de nenhuma Conselheira, ou Psicóloga, ou o que quer que seja. Fez uma pausa, sentindo seu rosto queimar. E numa voz que era um sussurro que o surpreendia, disse: — Sei o que preciso, e não é o *aqui*.

Tanto quanto podia dizer, nem seria, jamais. O peso dessa descoberta caiu sobre ele quase como um impacto físico. Por um instante, Troi parecia que tentaria convencê-lo de outra forma, então, pensou melhor, porque se levantou de sua cadeira e cruzou os braços sobre o peito. — Espero que mude de idéia, Capitão Scott. Neste meio tempo, estarei à sua disposição se decidir a conversar comigo.

Scott resmungou. Muito provavelmente não mudaria, ponderou,

enquanto a via sair de seu quarto e desaparecer pela porta. Enquanto Deanna Troi se encaminhava pelo corredor, senta as trevas do seu íntimo dissipar vagarosamente. As trevas de Scott. Suspirou. Tanto desespero. Ela já havia visto homens sucumbir sob pesos menores, já havia visto homens sendo devorados internamente pelo sofrimento até não restarem nada a não ser um grande vazio. No entanto, Scott não parecia estar em perigo; estava carregando seu peso com uma notável força e uma coragem extraordinárias. Troi só podia admirá-lo. Claro, teria sido melhor para ele se ele se abrisse com ela. Ela teria aliviado seu peso, talvez mostrado a ele um futuro que ele pensasse ser impossível. Esperança, era isso que oferecia, porém ele não havia permitido que ela lhe oferecesse. A mesma coragem que o manteve são psicologicamente no estranho ambiente, não havia permitido a aceitar a sua oferta. Nem ela podia pressioná-lo. Se Scott quisesse sua ajuda agora, pediria. Balançando a cabeça, sentindo-se ligeiramente derrotada, entrou no turboelevador e se dirigiu à Ponte.

Oh, nervos, por todos os malditos e condescendentes nervos! Só em sugerir que ele, Montgomery Scott, poderia precisar de uma psicóloga, um maldito escarafunchador de mentes! Não havia ele passado por muito mais experiências penosas através de toda a galáxia do que havia pessoas nesta *ENTERPRISE* versão século 24? E não havia ele conseguido manter corpo e mente sãos? Scott não sabia exatamente para onde estava indo quando saiu pelo corredor. E mais, não se importava. Ele tinha apenas que andar, manter seu sangue correndo, entender as coisas.

Se ao menos estivesse de volta à sua *ENTERPRISE*. Aí, poderia se recolher no seu alojamento com uma garrafa do melhor whisky e aos poucos chegar a alguma perspectiva sobre o que havia acontecido ... o que ainda estava acontecendo a ele. Scott meneou a cabeça. Realmente, uma psicóloga! Tudo de que ele precisava era de um refúgio onde pudesse beber um pouco e pensar.

À medida que fazia uma curva no corredor, não podia evitar os olhares das pessoas que passavam por ele vindo de direção oposta. Será que essas pessoas sabiam sobre ele? Será que haviam ouvido sobre ele? E será que essas pessoas também iam lhe oferecer algum conselho? Algum empolado conselho psicológico do século 24?

Scott estava tão ocupado em evitar os olhares das pessoas no corredor que quase não perceber o único olhar que não estava encarando-o. Se não fosse por sua cor, de um vibrante amarelo-ouro, e a palidez de sua pele, ele jamais olharia pela segunda vez. Mas ele olhou. E o que viu, aguçou tanto sua curiosidade que o fez virar-se por inteiro.

Sua primeira conclusão foi de que o *espécimen* em questão fosse um alienígena, um representante de alguma raça que se uniu à Federação em algum tempo desses 75 anos em que esteve fora. Mas aí, o sexto sentido, aquele sexto sentido que fez dele o melhor Engenheiro da Frota em seu tempo, dizia-lhe o contrário.

Este era um homem mecânico, uma forma de vida artificial. Um andróide, ou pelo menos, era assim que eram chamados há um século atrás. E ele estava usando um uniforme da Frota, com patente de tenente no colarinho, não menos. Esta ... *estrutura*... era um oficial da *ENTERPRISE*. Primeiro um Klingon, e agora isso! Intrigado, Scott acelerou um pouco e se aproximou do andróide. Imediatamente, aqueles olhos dourados olharam em sua direção. — Posso ser lhe de alguma assistência?, perguntou. Scott sorriu intimamente. Ele até soava artificial, seu padrão verbal exato demais, perfeito demais... desprovido demais de emoção para vir de um par de cordas vocais. — Pode ser me de alguma assistência? a voz humana repetiu. Sim, pensou. Você pode me assistir sacudindo sua maldita cabeça, e aí poderei dar uma espiada por dentro de seu pescoço e ver o que o mantém ereto. Porém, Scott não expressou seus sentimentos alto. Não achava que fosse correto falar daquela forma a um Oficial, mesmo que ele fosse uma coisa feita de porcas e parafusos. O andróide inclinou a cabeça para um lado, num movimento sutil, mas perceptível. — O senhor é o Capitão Scott, observou.

Então ele o conhecia! Mas, então, era um Oficial da nave, era sua obrigação saber tais coisas. — O senhor está certo, disse Scott, e quem é o senhor? — Meu nome é Data, replicou simplesmente. — *Data*, é? Um nome interessante, observou o humano. — Sou um andróide, continuou, como se reconhecesse que deveria dar uma explicação. — Posso ver isto, Scott disse. — Já vi minha cota de andróides antes, você sabe. Em Exo Três, tínhamos um que se parecia com nosso Capitão sentado na cadeira de comando. E aí, havia aqueles andróides de Harry Mudd atijando sobre nós, embora há muito tinha desejado jamais tê-los conhecidos. E claro, havia aquela pobre coisinha adorável em Holberg Nove-Um-Sete-G ... Suponho que não preciso continuar.

Data Assentiu. — Contudo, o senhor não esperava encontrar nenhum andróide servindo como Oficial na *ENTERPRISE*. Correto?

Scott olhou-o. Ele era perceptivo, não era? Será que ele tinha sido tão óbvio quanto a isso? Ou será que Data apenas chegou a uma conclusão lógica com as informações que possuía? —É, é por aí, admitiu o humano. — Então ... como chegou a ser um Oficial aqui? Foi construído com essa finalidade? Outra questão lhe ocorreu. — Todas as naves possuem um

andróide a bordo hoje em dia?

Era uma idéia arrepiante, Scott pensou. Máquinas não podem ter a custódia de naves estelares. Isto já foi provado há 100 anos atrás, na época em que a Frota Estelar impôs a unidade M-5.

— Sou o único andróide servindo atualmente na Frota Estelar, Data respondeu. Tampouco fui criado para isso. Originalmente fui projetado e construído pelo Dr. Noonian Soong, um cibernetista, que não tinha idéia de que um dia eu ia me tornar um Oficial numa nave estelar. Quanto ao meu ingresso na *ENTERPRISE* ... Minha carreira não foi incomum. Como qualquer um, freqüentei a Academia da Frota Estelar e servi em tarefas menores em várias outras naves.

O humano assentiu. Havia algo estranhamente simpático neste homem mecânico. Ele era tão acessível, tão honesto, tão franco... amigo. E sem dúvida, uma excelente fonte de informação. Afinal, seu nome era *Data* \* não era?

\*Nota da Tradutora: Data, plural de Datum, quer dizer dados, referências. Fonte: Dicionário Inglês-Português da Enciclopédia Britânica.

Posso utilizá-lo como uma fonte de informação, Scott disse para si mesmo, especialmente uma que não se importa com as inúmeras perguntas que tenho, ao contrário daquele arrogante do LaForge . E ele ainda tinha um monte de perguntas sobre os engenhos de dobra, as unidades de teletransporte, os bancos de phaser, os sensores.....e claro, sobre o próprio Data.

Scott colocou sua mão no ombro do andróide: — Gostaria de conversar com você alguma outra ocasião, com mais tempo, disse. Suponho que não estará de folga logo, não é?

— Por falar nisso, Data disse, eu estou de folga agora.

Uma grande sorte, uma daquelas poucas que Scott teve desde que subiu a bordo desta nave. — Está de folga agora? Esplêndido! Então, talvez haja algum lugar onde possamos bater um papo!

O andróide olhou-o, seus olhos dourados estreitaram-se um pouco, e abruptamente pareceu entender. — Bater um papo, repetiu. Conversar, iniciar uma discussão. Pausa. — Vou gostar disso, concluiu. E acredito ter um lugar apropriado, chama-se Ten-Forward. — Qualquer lugar que queira, jovem, disse Scott Nunca havia ouvido falar em Ten-Forward. Provavelmente era algum tipo de laboratório, mas então, não tinha a menor importância, não é? Afinal, eles iam trocar informações, e não trocar histórias com uma garrafa de licor sauriano na frente.

Data mal havia escoltado Capitão Scott para o Ten-Forward quando

entendeu que havia tomado a decisão correta. Era óbvio pelo sorriso do homem e pela forma que esfregava as mãos que Scott se sentia em casa naquele lugar.

— Por que não me disse que vocês tinham uma taverna a bordo?, perguntou ao andróide.

Data olhou-o. — O senhor não me perguntou, replicou. Essa resposta fez Scott soltar uma gargalhada. — Ah, Sr. Data, tenho que admitir que tinha minhas dúvidas sobre você, mas você não é nada parecido com aqueles andróides que conheci. Deu um tapa nas costas de Data. — Atacar, Macduff!

O andróide olhou-o e levou um momento para que seu cérebro positrônico encontrasse a referência. E mesmo depois de ter encontrado, não conseguia fazer a conexão. — Macduff era um personagem de William Shakespeare, Macbeth, disse. O que isto tem a ver com ....

— É só uma expressão, jovem, só uma expressão. Agora, aquilo ali parece um balcão. O que você acha de irmos até lá?

E sem esperar pela resposta, pegou o Segundo Oficial pelo braço e levou-o na direção necessária. Quando se sentaram nas banquetas próximas, um garçom se aproximou deles. — Posso ajudá-lo senhor?, perguntou a Scott, que se encontrava mais próximo. — Sim, jovem, whisky. Puro. — E o senhor?, perguntou a Data. — Quero o mesmo, o andróide respondeu. Scott olhou-o com nova admiração. — Bom menino, Sr. Data, embora não pensasse que você fosse um bebedor de whisky. — Não sou um bebedor de whisky, o andróide explicou. Na verdade, esta é a primeira vez que peço um. — É mesmo?, bem, então, você está prestes a ter uma bela surpresa. Fez uma pausa. — A menos, é claro, que o álcool não lhe faça efeito. Então virou os olhos e riu intimamente. — O que estou pensando? Se não fizesse efeito em você, não teria me trazido aqui, não é?

Enquanto Data se mostrava confuso com as observações de Scott, o garçom trouxe as bebidas, e como seu companheiro havia solicitado, sem gelo e em copos baixos. — Obrigado, jovem, disse Scott vendo o líquido de seu copo com óbvia afeição. — Estou em débito com você para sempre.

De repente, com o copo a meio caminho de seus lábios, notou algo errado, ou pelo menos foi o que pareceu ao Data. Por um instante, segurou seu drink contra a luz e inspecionou.

Talvez não fosse a qualidade do whisky que o homem estivesse acostumado, pensou o andróide. De qualquer forma, Scott não levou muito tempo na inspeção. Dando de ombros, virou-se para Data. — Bem, disse, numa tempestade qualquer porto serve, não é? E, com suas dúvidas aparentemente superadas, tomou um grande gole de sua bebida. O andróide fez o mesmo, mas mal havia engolido quando ouviu o som de algo batendo

com força no balcão. — Você está tentando me envenenar? Scott gritou. Havia um olhar de desgosto em seu semblante enquanto limpava a boca com as costas da mão. — Que diabos é isso?

O garçom chegou ao lado deles em tempo recorde. — Algo errado? perguntou. — Eu digo que há algo errado, gritou o velho. Você não trouxe o que pedi! — O senhor não pediu whisky? perguntou o garçom completamente confuso. — Foi o que pedi, disse Scott devolvendo o copo para o homem. O garçom olhou o copo. — Mas .... foi o que lhe trouxe, senhor. Whisky! Scott inclinou-se para mais perto do homem e disse numa voz tensa de frustração. — Jovem, eu venho bebendo whisky há cerca de 100 anos antes de você nascer e posso dizer-lhe uma coisa: o que quer que isto seja, definitivamente *não* é whisky,

O garçom se sentia perdido, e ficou ali desconcertado por um instante. Porém, Data já havia entendido tudo. — Creio que posso oferecer-lhe assistência, disse. Sabe, Capitão Scott não está ciente da existência do *synthelol*. O velho homem virou-se para ele. — *Synthelol!* perguntou, fazendo com que soasse como uma praga. — Que diabos é isso? — E um substituto do álcool, respondeu o andróide. Synthelol simula a aparência, o cheiro e o gosto do álcool, mas seus efeitos intoxicantes podem desaparecer nos humanóides com um esforço mental. Assim, pode-se beber à vontade, sem sofrer qualquer consequência negativa posterior. Embora tenha sido desenvolvido originalmente pelos Ferenguis, é atualmente servido a bordo de qualquer nave da Federação.

Scott apenas olhou-o. Não parecia feliz. — Synthelol, repetiu. — Correto, respondeu Data.

— E os Ferenguis....? começou a perguntar, mas rapidamente com um gesto da mão, apagou a pergunta. — Não me diga, não quero saber.

O andróide respondeu mesmo assim. — A Aliança Ferenguis se constitui de vários sistemas planetários com um governo central. Os próprios Ferenguis são mercadores intergalácticos, cuja motivação principal é o lucro. São baixos em estatura, escuros, humanóides cheios de energia com grandes e desproporcionais...

— Sr. Data, gritou Scott, eu disse que não queria saber!.

—..... orelhas, terminou o andróide, e ficou quieto. Obviamente, o humano havia dito que não queria saber literalmente e não coloquialmente.

Scott suspirou. — Whisky sintético e comandantes sintéticos. Estou começando a *odiar* o século 24, disse com arrebatada sinceridade. — Sinto ouvir isto, replicou uma voz feminina. Data e seu amigo viraram-se ao mesmo tempo, seguindo a fonte da voz. — Guinan, declarou o andróide. — Ao vivo, ela disse, e ao Capitão Scott: — Não creio que fomos apresentados,

Você é o\_\_— Montgomery Scott, o humano respondeu, um pouco aborrecido, Data pensou. — Prazer em conhecê-lo, Montgomery Scott. Escute... você não é o homem que recolheram do *Jenolen!*. Ele assentiu. — O próprio, moça. E estou começando a pensar se valeu a pena. Guinan sorriu placidamente. — Não acho que tenha falado a sério, Montgomery Scott. Acho que não tem dito muitas coisas a sério. Scott olhou para ela, estreitando os olhos. — Não me diga que você é outra dessas *Conselheiras*], e disse as palavras como se elas deixassem um gosto amargo na boca. Guinan balançou a cabeça. — Não, não sou uma dessas conselheiras. Eu dirijo este lugar, e com um gesto amplo mostrou o Ten-Forward. Os olhos do homem arregalaram-se de indignação. — Entendo, então você é a responsável em servir essa coisa sintética ao invés do verdadeiro whisky! Guinan deu de ombros. — Nunca ouvi uma queixa sequer. — Bem, Scott disse-lhe, agora você está ouvindo uma. Deixe-me dizer-lhe uma coisa, moça. Bebo whisky há cerca de 100 anos antes de você nascer... — Duvido, ela replicou. Ele olhou para ela, incrédulo. — Como? — Você não esteve bebendo whisky 100 anos antes de eu nascer, corrigiu. E por falar nisso, tampouco seu bisavô. Mas é claro, esta é uma outra história.

Scott estudou-a por um instante ou dois e virou-se para Data. — Ela fala sério?

Data assentiu. — Eu vi a veracidade da história em primeira mão. — Certo, disse Guinan, chamando a atenção do humano de novo, assim como a atenção de Data. — De qualquer forma, Capitão Scott, já que não gosta do que estamos servindo aqui....

Andou rodeando o balcão, inclinou-se para pegar algo e quando se levantou de novo, tinha na mão uma garrafa muito velha e poeirenta, cheio de um líquido esverdeado. Soprando a garrafa, retirou uma considerável quantidade de poeira. Então, com um gesto como um floreio, colocou a garrafa perto de um copo limpo sobre a superfície polida do balcão. Os olhos de Scott eram uma interrogação e Guinan respondeu. — Eu guardo um ... como direi.....um suprimento limitado de bebidas não syntheholizados em baixo do balcão. Talvez este aqui seja mais do seu gosto, Capitão.

Data tentou ler o rótulo, mas não foi possível. Estava muito apagado pelos efeitos do tempo. Scott olhou para a garrafa e depois para Guinan, e de volta para a garrafa. Curioso, Data pegou a garrafa, removeu a tampa e cheirou o seu conteúdo. — O que é? perguntou o humano. Data respondeu a única coisa que tinha certeza. — É verde. Scott olhou novamente a garrafa e deu de ombros. — Bem, declarou, eu acho que é bom o suficiente para mim. Data não podia discordar da observação. Entregando a garrafa para Scott, viu o homem derramar dois dedos no copo. Depois levantou-o e saudou Guinan

e o andróide. — Saúde!, disse Scott E aí, com uma expressão determinada, bebeu.

## Oito

Scott se encontrava no corredor, do lado de fora da porta do holodeck. Estava segurando a garrafa de líquido verde e o copo do Ten-Forward, e estava mais do que um pouco bêbado. Ativou os controles do terminal do computador. — Por favor, entre com o programa, disse a voz suave e sintética do computador. — O andróide no bar disse-me que você podia mostrar-me minha velha nave, portanto deixe-me ver a velha amiga. — Dados insuficientes. Por favor quantifique parâmetros. — A *ENTERPRISE*. Mostre-me a Ponte da *ENTERPRISE*, sua tagarela... — Houve cinco naves da Federação com este nome, informou o computador. Favor especifique o número de registro.

Scott praguejou. — NCC Um-Sete-Zero-Um. Sem nenhum maldito A, B, C ou D! — Programa completo, anunciou com suavidade o computador. Entre quando estiver pronto.

Scott deu um passo em direção à estranha porta do holodeck, e aí, parou. O que estava segurando-o? A possibilidade de que a fantasia não estivesse à altura do que tinha sido a realidade? Algum temor vago, supersticioso, de estar acordando os mortos, e, pela *ENTERPRISE* sem sufixo, certamente estaria. Ele sabia, ele mesmo havia visto sua morte com seus próprios olhos. — Ah, ao diabo, disse para si mesmo. Corações fracos nunca conquistarão belas damas. E com isso, seguiu em frente. As portas se abriram. E um instante mais tarde, como por uma passe de mágica, Scott se encontrou na Ponte de sua velha nave!. A velha nave de Kirk. Todos os monitores brilhavam e piscavam e o som dos velhos *scanners* enchiam o ar. Por um segundo ou dois, enquanto se dirigia para o lugar ao lado da cadeira do Capitão, Scott sentiu como se ele tivesse voltado para a casa. Indo para a sua velha estação, ao lado do turboelevador, ele virou-se e deu uma olhada em volta. E estava inesperadamente deprimido. Não havia ninguém lá. Absolutamente ninguém. Não parecia certo estar sozinho num lugar onde uma vez foi uma colméia de atividade. Sem seus velhos amigos manejando os consoles e as estações, sem Spock e sem McCoy trocando farpas e o Capitão rindo dos dois, a *ENTERPRISE* era como uma nave fantasma. Um navio fantasma, ( *The Flying Dutchman* ) \*, Scott pensou.

Não, *The Flying Scotsman*, corrigiu.

\* (Nota da Tradutora: O autor faz um jogo de palavras neste trecho. *The Flying Dutchman* quer dizer: um navio fantasma, sendo que *Dutchman* quer dizer holandês. Porém, Scott é um escocês, então ele mesmo se corrige dizendo *The Flying Scotsman*, sendo *Scotsman*, escocês. O jogo de palavras

é intraduzível).

Fonte: Dicionário Inglês-Português da Enciclopédia Britânica.

Condenado a vagar perpetuamente pelo Universo, ninguém mais a queria ou tinha necessidade dela, assim como Scott. Suspirou. Maldição!.

Ele não tinha vindo para cá para sentir pena de si mesmo. Tinha vindo para cá para lembrar um tempo em que precisavam dele e queriam-no. Scott sorveu a bebida encorajadora, tentando dispersar seus sentimentos de melancolia. Levantando seu copo, saudou as pessoas ausentes. — Saúde a todos vocês, jovens, disse, como para acordá-los. Bebeu. E aí percebeu.... Este holodeck podia recriar mais do que lugares e coisas, se é que ele havia entendido corretamente. Também podia recriar *pessoas*. — Computador, disse, preciso de companhia aqui; de algum rosto familiar. — Favor especificar, veio a resposta. Riu intimamente e se endireitou na sua cadeira. — Capitão James T. Kirk. Primeiro Oficial Spock. Oficial Chefe Médico Leonard McCoy.

Sentiu-se bem só ao dizer seus nomes. Parecia dar-lhe realismo antes mesmo que o holodeck fizesse a sua mágica. — Tenente Sulu no leme, Alferes Chekov na navegação. E na comunicação, a moça mais adorável que já usou um uniforme, Tenente Uhura.

— Informações das missões de todas essas pessoas estão no arquivo. Favor selecionar a época.

Ah, claro, a época. Pessoas não são com as Pontes das naves. Elas mudam ligeiramente de ano a ano, de mês a mês até de dia a dia. Pensou por um instante. Tem que ser pelo menos o terceiro dos cinco anos originais da missão, ou Chekov não estaria lá, e *queria* que Chekov estivesse lá. De todos aqueles que sentaram na estação de navegação, DeSalle, Bailey, Stiles, etc. etc., Chekov foi o que mais se aproximou dele. — Vamos ver, disse cocando do queixo. Que tal logo após aquele probleminha com os pingos? Sorriu para si mesmo, lembrando aquelas criaturinhas fofas e de todos os problemas que causaram. Não que ele tivesse se importado muito com os problemas, tinham lhe dado a chance de se engruvinhar com os Klingons e liberar um pouco as energias...

Aqueles é que eram os dias, está certo. Aqueles é que eram os malditos dias. Muito mal que coisas como essas não possam mais acontecer. Hoje os Klingons e a Federação são aliados, não havia mais brigas entre eles, não havia mais socos e pontapés naqueles bárbaros de cabeça de cavalos, não havia mais necessidade de defender a honra da *ENTERPRISE* ou da Frota Estelar.

Mau, pensou Scott, outro fenômeno cultural valioso perdido nas ruínas do tempo. Sentiu a força do silêncio ao seu redor; parecia querer gritar por

um alívio, por ... vozes. — Eu sei, eu sei, disse. Você está esperando.

O computador permaneceu em silêncio, mas sua impaciência era quase palpável. Está certo. Uma época. Uhm... ..

Aí, se lembrou. Claro! Por que não pensou nisso antes?

— Data estelar 4534.7, disse ao computador. E tanto quanto diz respeito aos meus amigos, devo parecer agora como eu era no passado. Entendido?

— Processando, a máquina respondeu.

Um segundo mais tarde, Scott já tinha companhia. Não tinham exatamente *aparecido*, ao menos não da forma como tinha esperado. Estavam lá, como se estivessem sentados ou simplesmente de pé, na Ponte, todo o tempo. Resmungou um palavrão. Eles estavam lá, de verdade. Todos os seus amigos, no lugar onde sempre estavam quando pensava neles. Todos, exceto o Dr. McCoy, e sem dúvida logo estaria também.

— Quanto tempo, Sr. Sulu?, perguntou a pessoa sentada no centro. — Estamos bem no horário, Capitão, replicou o timoneiro. Estaremos nos aproximando do alcance das docas da Base Estelar 9 em duas horas, vinte e cinco minutos e trinta segundos. — Excelente, Tenente. Podemos todos descansar, depois de todo o trabalho em Triskelion. E ninguém faz um steak au poivre como o Comandante Tattinger.

O navegador virou-se para o Capitão. — *Steak au poivre* é na verdade um prato russo, senhor. Minha mãe fazia para nós quando éramos crianças, com uma pitada de páprica.

A figura no centro pigarreou: — Entendo, Sr. Chekov. Tenho que me lembrar de dizer isto ao comandante.

Olhando para a cadeira de comando, Scott inclinou-se na sua direção: — Capitão Kirk? perguntou.

O Capitão virou-se e levantou-se para ver seu Engenheiro-Chefe. O Capitão parecia jovem, vital, impetuoso, de uma maneira que Scott já havia se esquecido. Pareceu-lhe que o holodeck se lembrava de Kirk melhor do que seu velho colega.

Havia algo de errado com aquilo, não é? Uma máquina se lembrando de um homem melhor do que os seus amigos? — Sim, Scotty? disse Kirk. Há algo ....?

Repentinamente parou no meio da pergunta, seu olhar se dirigindo para a garrafa na mão de Scott. Olhou para cima até seus olhos se encontrarem. — Sr. Scott, disse firme mas calmamente, em nome da sanidade mental, o que você está fazendo aqui com esta garrafa?

De fato! — Pare o programa, Scott ordenou. O programa parou, mas os olhos de Kirk ainda o repreendiam. Scott colocou a garrafa e o copo no chão ao seu lado.

— Computador, disse, pode esconder essas coisas para mim?, disse apontando os itens no chão.

Abruptamente, eles sumiram, desapareceram no ar. — Bom. Agora, continue com o programa.

Quando Kirk readquiriu vida, ele piscou: — Que estranho! disse. — O quê, senhor? perguntou Scott. O Capitão meneou a cabeça. — Por um segundo, eu pensei ter visto... — Uma garrafa, Scott lembrou-o. O senhor disse algo sobre uma garrafa, senhor. Kirk apertou os olhos. — Eu podia jurar... — Sim, senhor? O Capitão sorriu. — Nada, Scotty. Mudou sua conduta, tornando-se mais rígido: — O senhor já terminou aqueles diagnósticos nos engenhos de dobras? — Já terminei, sim, disse Scott. Já havia terminado, de fato, cerca de 100 anos atrás. — Estão funcionando tão suavemente como o licor Sauriano.

Kirk inclinou a cabeça para um lado, apertando seus olhos. Provavelmente pensando sobre a garrafa. — Uma analogia interessante, comentou. — Obrigado, senhor, Scott assentiu.

Puxando a blusa de seu uniforme, o Capitão olhou para a sua Ponte. Engraçado, pensou Scott. Seus uniformes pareciam um pouco pobres diante de seus olhos. Teria o computador errado ou eles tinham sido sempre assim? Spock, que tinha estado vigiando seu monitor de ciências, escolheu este momento para endireitar-se e virar-se para o Capitão: — Senhor?

— Sim. Sr. Spock. As feições do Vulcano eram até mais severas do que Scott lembrava, seu comportamento mais frio e distante, mais ... *alienígena*. — Sensores indicam um fenômeno bastante incomum a boreste da proa. De acordo com os meus arquivos, já encontramos este fenômeno antes, mas nunca nesta magnitude.

Kirk resmungou. — E este fenômeno tem nome, Spock? — De fato tem, disse o Primeiro Oficial. No entanto, acredito que o senhor o reconhecerá sem qualquer ajuda de minha parte.

Com isto, Spock virou-se para o seu painel de controle e fez alguns ajustes necessários para projetar o que havia achado, na tela panorâmica. Todos os olhares se dirigiram para a tela, aguardando a visão do que Spock vira.

Naturalmente, Scott sabia o que era. Por ele, tudo aquilo era *dejá vu*. Mas não ia deixar que eles percebessem, ou estragaria a surpresa.

Mesmo antes que a imagem aparecesse na tela, Chekov estava rindo, incapaz de se conter. Finalmente, todos viram o tal do fenômeno. Era uma massa iridescente de energia, em forma de serpente, retorcido em todas as cores imagináveis, e que mostrava uma simples mensagem: Feliz Aniversário, Scotty!

Seu aniversário com a Frota Estelar, era isso. Um reconhecimento de um romance que se iniciou quando colocou os pés pela primeira vez na Sala de Engenharia de Chris Pike. Era a deixa. A porta do turboelevador abriu de par em par, permitindo a entrada de McCoy que trazia um grande bolo branco com um bonito desenho enxadrezado em cima. — Espero que todos vocês gostem, disse. Afinal, sou um médico e não um doceiro.

O queixo de Scott caiu. — Por todos os ...

Olhou em volta, para Kirk e Spock e depois para todos os outros, acusando-os com intensa zombaria. Eles riam como pessoas que tivessem guardado um segredo por mais tempo do que conseguiam. Todos riam exceto Spock, naturalmente. Mas aí, ele também riu, por dentro.

— Que atores danados vocês são! Exclamou, e o sorriso deles aumentou. E há quanto tempo estão planejando isso?

Kirk deu de ombros, lançando um olhar conspirador para McCoy. — Não muito tempo, disse, só desde o seu último aniversário!.

Scott olhou para o Primeiro Oficial. — E como eles conseguiram sua cumplicidade, Sr. Spock? Pensava que os Vulcanos não soubessem como enganar os outros.

Spock arqueou uma das suas sobrancelhas: — De fato, sabemos, explicou. Simplesmente preferimos não fazer, a menos que não haja outra opção. Lançou um olhar de soslaio para a Ponte. — E acredite-me, disse a Scott, que estava completamente estático, na ocasião, não havia nenhuma outra opção aberta para mim.

Com esta observação, todos caíram numa gargalhada. E antes que terminassem, Uhura levantou-se de sua Estação de Comunicação, colocou seu braço em volta de Scott e deu-lhe um beijo no rosto. — Que esta data se repita muitas vezes, Scotty, disse-lhe, com seu hálito tão doce quanto balas de leite.

Scott podia sentir seu rosto arder embaraçado, como tinha acontecido quando ela lhe concedeu pela primeira vez um daqueles célebres beijos. Carinhosamente, lembrou-se um uma vez em que Uhura quis beijá-lo, e de uma forma totalmente diferente.

— Obrigado, moça, disse-lhe. Este foi o melhor presente de todos. — Muito obrigado, disse Sulu. E nós não merecemos nada? — É isso aí! Chekov concordou. Você pensa que foi fácil programar a tela para mostrar aquilo? Especialmente sem seu conhecimentos?

Scott concordou. — Agradeço a todos vocês, disse. Por isto, e indicou a esplêndida mensagem na tela. E por serem os melhores amigos que um homem poderia querer.

Kirk assentiu em aprovação. — Bem dito, Sr. Scott — De fato, disse

McCoy. E agora, antes que tenhamos mais desses sentimentalismos que já tivemos, acho que é hora de comermos o bolo.

E no que se seguiu, pouco bolo foi consumido, para o desapontamento do Médico-Chefe. Como se evidenciou, McCoy estava certo. Ele era um médico e não um doceiro.

Mas isso não impediu que se divertissem pra valer. De fato, se divertiram tanto, que Montgomery Scott se lembraria com carinho para o resto de sua vida. E então, à medida que a festa ia chegando ao fim, e podiam prestar atenção à atracação na doca da Base Estelar 9, Jim Kirk acompanhou-o até a sua estação na Ponte. — Scotty... , o Capitão começou a dizer. — Sim, senhor? respondeu Scott se sentado à sua cadeira. A esta altura não podia lembrar-se exatamente o que disse Kirk, mas tentava "ouvir" de novo. Afinal, o Capitão foi um dos homens mais brilhantes que Scott teve a honra de conhecer. — Scotty, Kirk começou de novo, sobre aquela garrafa...

Antes que o Capitão pudesse terminar, repentinamente, ele congelou-se no seu lugar, enquanto a porta do holodeck se abria e entrava um outro Capitão. Na verdade, o Capitão da *ENTERPRISE*. No entanto, este estava no comando da *ENTERPRISE*, conhecida com o sufixo D.

E quando a porta se fechou atrás dele, Picard olhou em volta da Ponte e para os seus ocupantes. Depois, virou-se para Scott e sorriu em desculpas. — Espero não estar interrompendo, disse o Capitão. Acabei de entrar de folga e quis ver como está se saindo. — Sem problemas, disse Scott. Indicou seus antigos colegas com um gesto de mão: — Estes são os homens e as mulheres com quem eu servi.

Picard assentiu. — Sim, eu imaginei. Seu olhar pareceu se fixar em Jim Kirk. — E esse era o seu Capitão, estou certo?

O velho concordou. — De fato, era. James T. Kirk. Espero que tenha ouvido falar dele, porque se não ouviu, então há algo de errado nos arquivos de história.

Picard sorriu. — Eu ouvi sobre James Kirk ... mesmo antes de assumir a *ENTERPRISE*. Examinando-o com olhos frios, avaliou o Capitão, até Kirk pareceu reviver ao exame.

— Embora, de alguma forma, sempre imaginei-o como sendo um pouco mais alto.

Scott resmungou, instintivamente lançando-se na defesa do amigo. — Ele era grande o suficiente para indicar o caminho da Terra até os limites da galáxia, posso lhe assegurar.

Novamente, Picard sorriu. Não aquele sorriso de menino maroto de Kirk, mas um que desarmava igual e efetivamente.

— Estou certo disso, Capitão Scott. Não era minha intenção dizer o contrário. Por um momento mais demorado, Picard julgou seu predecessor de um século atrás, talvez lembrando as histórias contadas nas aulas da Academia ou nas salas de descanso, sobre o legendário Kirk. Estes dois Capitães eram homens diferentes, Scott notou. Mesmo congelado neste momento casual, Kirk tinha algo de mais dinâmico, mais temerário, mais disposto a aceitar riscos, tinha mais o tipo de energia necessária para enfrentar a fronteira final. E Picard? Picard era um homem calculista e controlado, um homem que parecia ter mais facilidade em assumir grandes responsabilidades inerentes ao comando de uma nave estelar. Um homem com as habilidades de conduzir sua nave através dos perigos alienígenas mais bizarros. Certo, eles eram homens diferentes. Mas aí, eram produtos de épocas diferentes. No tempo de Kirk, a galáxia era uma imensidão aberta, cheio de perigos e de pessoas que escravizariam ou explorariam seres mais primitivos. No tempo de Picard, e agora de Scott também, quer queira ou não, as coisas pareciam ser mais complicadas. Até onde podia ver, os perigos eram menores, mas a necessidade de uma mão forte na condução do leme não era menor.

Virando-se para Scott, Picard indicou com a cabeça em direção a Jim Kirk e perguntou: — Posso? Scott levou um segundo ou dois para compreender, mas uma vez que entendeu, não mostrou objeções. — Vá em frente, disse. Picard continuou: — Computador ... Vou assumir o papel de um capitão visitante, a convite do Capitão Kirk para uma inspeção à Ponte. Nenhum dos personagens presentes neste programa deve considerar minha presença ou meu traje, como algo incomum. — Programa alterado de acordo com o solicitado, veio a resposta. — Excelente!, disse Picard. Virou-se para Kirk novamente. — Reiniciar o programa.

Um segundo mais tarde, a Ponte voltou à vida. Os olhos de Jim Kirk se estreitaram ligeiramente quando se deu conta da presença de Picard, dessa vez de verdade. Ou pelo menos tão real quanto permitia essa caixinha de sonhos que era o holodeck.

— Capitão, disse Kirk. Sorriu. Estou feliz que tenha vindo à festa, afinal.

Picard sorriu de volta. — Não perderia por nada neste mundo. Olhou em volta. — Embora devo admitir que acho um pouco impróprio participar de uma festa na Ponte de uma nave estelar.

— Bem, disse Kirk, às vezes temos que quebrar regras. Afinal, continuou, estas pessoas têm trabalhado muito e por muito tempo nesta viagem. Arriscaram suas vidas por mim. Olhou de relance para Scott. Este homem provavelmente mais do que os outros. Uma celebração como esta é o mínimo que podemos fazer por ele.

Scott sorriu. — Obrigado, senhor. O senhor é muito gentil. — Capitão? chamou Spock de sua estação de ciências. Duas cabeças, a de Kirk e a de Picard, viraram-se simultaneamente. — Sim, Spock? replicou o Capitão em comando. — Senhor, disse o Vulcano, devemos nos preparar para nossa aproximação à Base Estelar, o qual alcançaremos em ... olhou monitor, em exatamente vinte e quatro minutos e nove segundos. — Claro, disse Kirk, pegando o braço do visitante e levando-o até à estação de Spock. — Mas primeiro, gostaria de apresentá-lo ao Capitão Jean-Luc Picard. Capitão Picard, este é o Sr. Spock, meu Primeiro Oficial.

Enquanto Scott observava, Picard e o Vulcano trocaram cumprimentos. — Um prazer conhecê-lo, Sr. Spock, disse o Capitão da *ENTERPRISE-D*. A sobranceira do Vulcano se levantou ligeiramente: — Senhor.... conheço-o de algum lugar? Há algo no senhor que me parece .... Fez uma pausa, um pouco embaraçado. — Familiar, concluiu, um pouco titubeante, pensou Scott

Picard meneou a cabeça. — Não, o senhor nunca me encontrou antes desse momento, assegurou a Spock. Mas eu me sinto como se o conhecesse. Vamos dizer que... sua reputação o precede.

Havia algo mais do que só encontro de olhares, concluiu Scott. Afinal, Picard propositadamente evitou responder perguntas de Spock da maneira como elas tinham sido formuladas. E mais, o Vulcano pareceu ter consciência disso, embora fosse muito educado para insistir mais na questão.

— Estou ... honrado, disse Spock. — O senhor serviu a Federação com muita honra. E Espero realmente que continue assim. E isto foi tudo. Em algum lugar, Picard havia encontrado Spock ... o verdadeiro Spock, não aquele criado pelo holodeck. Tampouco havia razão para que não tivesse encontrado. Os Vulcanos são conhecidos também por ter vida mais longa, e mesmo nesta época, Spock estava longe de ser um idoso. Spock ... vivo!. Era uma idéia estimulante, apesar de provavelmente não ser o caso dos outros colegas de Scott. Olhou ao redor da Ponte de novo, e viu-os sob uma nova prisma.

Kirk, Spock e McCoy. Uhura, Sulu e Chekov. Quantos deles sobreviveram e como estariam? Qual deles viveu para ver esta época de *chips* de dados óticos e campos de auto-refreamento de cinco fases? E qual deles não?

Pelo canto dos olhos Scott notou um reflexo, seu reflexo, em uma das tela dos monitores da sua Estação de Engenharia. Virando-se para ela, estudou a sua imagem.

Não era como a de Kirk, ou a de McCoy, ou a de Uhura. A sua imagem não era a de um jovem, mas de um velho. Um idoso, lhe pareceu. Ele não pertencia mais àquele grupo, e eles não eram daqui, de uma nave que

nenhum deles iriam reconhecer como a bem amada *ENTERPRISE*. Repentinamente, achando que havia perdido o gosto pelo programa, Scott chamou: — Computador, apague essas pessoas.

Instantaneamente, mais rápido do que sua mente era capaz de registrar, eles se foram do programa. Não havia ninguém na Ponte a não ser Scott e Picard.

O Capitão virou-se para ele, seus olhos em interrogação. O velho deu de ombros. — Já era hora, disse. Então lembrou-se de algo. — Gostaria de ter de volta a minha garrafa, disse ao computador. Antes que se desse conta, sua garrafa com o líquido verde e o copo eram entidades visíveis novamente. Inclinando-se para pegá-los, indicou significativamente para Picard. — Quer beber comigo, Capitão?

Por um momento, Picard encarou a garrafa cheia do líquido esverdeado, como se imaginasse a sua tolerância a ele. — Por que não? disse finalmente.

Derramando um pouco da garrafa, Scott ofereceu ao Capitão. O conteúdo brilhou na luz. — Peguei-o na Ten-Forward, explicou o velho. Não tenho certeza do que seja exatamente, mas se eu fosse o senhor, teria um pouco de cuidado. Esta bebida tem o verdadeiro.....

A voz de Scott desapareceu aos poucos ao ver Picard beber todo o conteúdo num único gole. E não teve no Capitão o efeito esperado por Scott. Ao contrário, Picard não parecia estar nem um pouco cambaleante. — Whisky de Aldebarã, disse o Capitão com apreço, enquanto devolvia o copo. — Norte do continente, data estelar 36455, um bom ano. Não choveu muito naquele ano. Scott devia estar de queixo caído, pois Picard riu de sua expressão. — Diga-me uma coisa, Capitão Scott, quem você pensa que deu esta garrafa para Guinan?

Scott sentiu o riso explodir dentro de si, e não via razão para não externá-lo. Deus sabia o quão pouco tinha rido desde que havia deixado o século 23 para trás! — O senhor é cheio de surpresas, Capitão Picard! Picard deu de ombros.

— Tento não ser previsível demais, mantenho meus subordinados alertas. Uma pausa. — Não, é mentira. Sou muito previsível.

Deu mais uma olhada na antiquada Ponte. Desde que não havia mais ninguém lá, o Capitão tinha que se ater a seus detalhes técnicos. — Classe Constituição, disse por fim. — Sim, disse Scott. Está familiarizado com ela? — Existe uma no museu da Frota, o Capitão replicou. Bem preservado, também. E completou: — Esta é a *sua ENTERPRISE!*

Scott assentiu pensativamente. — Uma delas. Na verdade servi em duas naves com este nome tão imponente. Esta foi a primeira, aquela em que passei mais tempo a bordo. Foi também a primeira nave que servi como

Engenheiro.

Picard sentou-se na estação mais próxima da Ponte, perto do Console de Engenharia. Era um gesto que dizia: conte-me mais.

Scott inclinou-se para ele com cumplicidade. — O senhor sabe, disse o velho homem, viajei a bordo de 11 naves em toda a minha carreira. Cargueiros, cruzadores, naves estelares, o que quiser. Mas esta é a única em que penso ... a única que realmente sinto falta. Engraçado, não é? — E engraçado, Picard concordou. Olhou para cima. — Computador, outro copo, um como o do Capitão Scott. Instantaneamente, apareceu um copo na mão do Capitão, que estendeu significativamente para Scott. — Vamos lá, disse, enchendo o copo de Picard e o seu próprio. Dessa vez, brindaram antes de beber.

— Ahnnn, disse Scott, sentindo o líquido descer. Por um instante, um silêncio agradável caiu entre eles, um silêncio que não exigia nada de nenhum dos dois. Tampouco era um completo silêncio; ao fundo havia um ruído baixinho dos vários sistemas da *ENTERPRISE*.

Funcionando no pico de sua eficiência, naturalmente. Scott não toleraria outra coisa. Finalmente, o silêncio foi quebrado. Virando-se para Picard, perguntou:

— Qual foi a primeira nave em que serviu? Quero dizer, como Capitão? — Era chamada de .... Stargazer. — Você disse que era como um encantamento, Scott notou. O Capitão sorriu: — Não havia nada de mágico, asseguro. O Stargazer era uma nave de pouca potência e trabalhava acima de suas possibilidades, sempre prestes a se desmanchar nas junções. Em todas as formas possíveis, minha *ENTERPRISE* é uma nave superior. Fez uma pausa. — E ainda assim, tem horas em que sinto falta daquela velha Ponte sacolejante, mais do que posso dizer.

Scott ficou radiante. Aqui está um homem que era muito parecido com ele, que podia compreender o que estava se passando com ele.

— É como se apaixonar pela primeira vez, disse a Picard. Você não amará novamente da mesma forma como amou pela primeira vez. Aqui, tome mais. Scott derramou mais um pouco do líquido no copo do Capitão. Como antes, o líquido brilhou à luz, e Scott também derramou um pouco no seu copo. — Um brinde, sugeriu. — A *ENTERPRISE* e à *Stargazer*, velhas paixões que nunca mais veremos.

Tocando os copos, beberam. Dando um suspiro satisfeito, Picard virou-se novamente para seu companheiro. — E por falar em naves,... o que acha da *ENTERPRISE-D*? — Ah!, disse Scott, certamente ela é uma beleza. Um sonho em *duranium*, e tanto quanto posso dizer, com uma boa tripulação. Picard podia sentir uma certa reserva em sua voz. — Mas?... Scott fez um

gesto amplo para a Ponte: — Quando eu estava *aqui*, disse, eu podia dizer qual a velocidade com que viajávamos só pelo trepidar do chão, e podia sentir quando saíamos da dobra, e lhe dizer para onde estávamos indo mesmo sem olhar. Na sua nave ... balançou a cabeça: — na metade do tempo não consigo reconhecer o avesso do direito! Repentinamente, Scott ficou triste, com uma sensação de perda. Virou-se novamente para a tela do monitor e olhou para a sua imagem refletida. Ele estava velho. E como os colegas que ele recriou instantes atrás, estava fora do lugar, como uma estaca redonda dentro de um buraco quadrado!. O tempo passou por ele, como um dinossauro, como uma Relíquias de algum tempo pré-histórico.

Talvez tivesse sido melhor se ele tivesse se perdido no teletransporte como o pobre Franklin. Aí, teria se perdido numa fase normal da vida, e seria lembrado pelo que foi, e não por algum patético "tinha sido".

Picard colocou a mão sobre seus ombros. — Sentindo-se um pouco desorientado? perguntou suavemente. Scott suspirou — Sentindo-me ... errado! replicou. Sou um incômodo! Nada do que deveria sen... nem estar onde deveria estar! Droga, sinto-me terrivelmente .... inútil.

Picard olhou-o com simpatia. — Setenta e cinco anos é um longo tempo, meu amigo. Um grande intervalo. Não espere cobrir esta brecha em apenas um dia. Se quiser estudar alguns manuais técnicos ... Scott meneou a cabeça com firmeza. — Não tenho mais 18 anos, Capitão. Não posso recomeçar como se fosse um cadete amador. — Você não precisa recomeçar, Picard disse-lhe, não completamente.

O velho homem meneou a cabeça. Levantando-se titubeante, dirigiu-se à cadeira do Capitão, e daí, virou-se para Picard. — Há um tempo, disse, quando o homem acha que não pode mais se apaixonar novamente... quando sabe que é tempo de parar. Deu uma boa olhada em volta. — Eu não pertencço a essa sua nave, Capitão, e sim a esta nave. Este é o meu lar. Aqui eu tinha um propósito.

Mas esta ... e indicou com o copo toda a Ponte... não é real. É só uma fantasia gerada por um computador, e eu sou só um velho homem, vivendo de memórias passadas.

Por um momento, Picard pareceu que ia argumentar o contrário, mas não fez. Apenas permaneceu sentado. Vendo a tela do computador acima, Scott chamou: — Computador, desligue esta maldita coisa. Já é hora, é mais do que hora, de eu viver a época atual.

Instantaneamente, a velha Ponte desapareceu, deixando os dois homens parados rigidamente no meio do holodeck vazio. Scott resmungou à vista da tela amarelo-preta do computador. Então era com isso que se parecia o sonho depois que era despido de todos os adornos e enfeites. De alguma forma, se

sentiu mais vazio do que antes do holodeck. Assentiu para Picard que lhe retribuiu. E sem qualquer outra palavra, Montgomery Scott se dirigiu para a saída.

## **Nove**

Quando Souza entrou na sala de recreação, viu Kane sentado sozinho. Trahn e os outros também estavam lá mas do lado oposto da sala. De alguma forma, isto não parecia correto. Kane pertencia ao grupo, sempre no centro de alguma conversa. Afinal, ele era o líder informal, um daqueles para quem todos se voltavam. — Andy!, disse Trahn, acenando para Souza. — Venha e sente-se aqui.

Kane levantou os olhos por um momento e tomou nota mentalmente. Depois virou-se de novo. Souza foi até o grupo e sentou-se, mas não podia evitar de lançar um olhar em direção de Kane. — O que está acontecendo? perguntou. Por que Kane está lá, sozinho?

Trahn deu de ombros. — Ele quis assim, ninguém mais. Nós pedimos que se juntasse a nós, mas ele se recusou. E então, abaixando a voz, completou: — Se você me perguntar, ele está é envergonhado. Depois de todo aquele papo de que era o mais com o Capitão, ele foi designado para a pior tarefa que se possa imaginar. — Não foi culpa dele, disse Souza. — Ninguém disse que foi, replicou Trahn. Pessoalmente me simpatizo com ele, mas não acho que ele queira a minha simpatia. Souza se decidiu. — Desculpe-me, sim? disse, e se levantou, atravessou a sala até onde Kane estava sentado. Seu colega levantou os olhos, não parecia nada diferente. Ainda tinha aquele ar de autoconfiança, aquela arrogância que havia feito com que Souza o invejasse. Droga, ainda o invejava, apesar do fato de que o destino de Kane estava indo de mal a pior. — Hei, disse, se importa se eu me sentar aqui? Kane deu de ombros. — Sinta-se a vontade, timoneiro de araque. Souza se sentou. — Como estão indo as coisas no hangar? perguntou.

Seu amigo sorriu, mas não o seu sorriso habitual. Neste sorriso não havia o velho charme de Kane; ao contrário parecia artificial, falso, como se Kane estivesse escondendo algo, algo que não ousava permitir que alguém mais soubesse. — Estão indo bem. Como vão as coisas lá na Ponte? Souza deu de ombros. — Não tenho queixas.

Kane resmungou. — Claro que não tem!. Pausa. — Este é o seu problema. Falta de ambição. Você pensa que conseguindo a Ponte, conseguiu tudo!. Sua expressão se tornou carrancuda. — Mas é um longo caminho, sabe? E o vencedor não é sempre aquele que começou na frente.

Souza meneou a cabeça. — Não estou apostando corrida com você, Kane. Você é meu amigo!. Inclinou-se para mais próximo. — Se você está magoado, eu também estou. Se você se zanga sobre a maneira como está

sendo tratado por eles, eu também me zango.

O outro homem olhou-o por um segundo ou dois, e começou a rir. Era um riso curto, para fazer o outro sofrer. E conseguiu.

— Grande, Souza! Como se eu acreditasse nisso! Como se você realmente se interessasse com o que acontece nesta disputa!

Souza franziu a testa. — Escute aqui, eu sei o que você está sentindo. Você está deprimido, desapontado. Mas isto não vai durar para sempre, certo?

Kane sorriu intimamente com ironia. — você está errado, cara. Muito errado. Não estou deprimido nem desapontado. Levantou-se. — Eu sou Darrin Kane e não preciso de você nem de ninguém, entendeu?

De repente, Souza ficou zangado. Aqui estava ele, tentando ajudar o pobre bastardo, e olhe só o que estava ganhando! Levantou-se também. — Sabe, Kane, eu costumava achar que você era o maioral, mas você quer me provar que estou errado, não é? Você fica sentado aqui, num canto, com pena de si mesmo. Não pense que não estou te olhando, não pense que ninguém está te olhando.

A boca de Kane torceu-se e ele agarrou a blusa de Souza, mas este foi mais rápido e agarrou o pulso de Kane primeiro. A coisa poderia ter ido mais longe, mas havia uma multidão de tripulantes em volta dos dois e antes que se desse conta, alguns destes tripulante separavam os dois. Souza e Kane se encaravam como se quisessem mesmo brigar, mas a briga tinha terminado. — Vamos, alguém sussurrou no ouvido de Souza. — Vá embora antes que isto pare nos arquivos de alguém.

Souza foi embora. Não imediatamente, claro. Estava bravo demais; mas antes que se desse conta, estava sendo empurrado em direção à mesa onde havia visto Trahn e os outros. Alguém trouxe-lhe algo para beber. Quando pensou em olhar para Kane novamente, este já tinha saído.

Geordi estava impressionado. Havia completado aquela análise espectrográfica na noite anterior. O Capitão mal teve tempo de estudá-lo a fundo, e muito menos tempo para chamar seu Engenheiro-Chefe para a sua sala para discutir o assunto. Mas chamou. E quando Capitão Picard chama, ninguém questiona nada, apenas faz-se o que lhe é pedido. Antes que Geordi desse conta, as portas do turboelevador se abriram, revelando a simetria da Ponte principal da *ENTERPRISE*. Riker e Troi estava em seus lugares costumeiros um a cada lado do Centro de Comando, mas a cadeira central estava vazia. Worf, que manjava a Estação Tática como sempre, deu-lhe uma rápida olhada enquanto este saía do elevador. Os olhos negros do Klingon interrogavam a razão de sua presença lá, e Geordi deu de ombros.

Sem dúvida, na saída, quando passasse pelo Klingon de novo, já teria a resposta. Atravessando a Ponte, parou em frente à porta da sala e pensou ter ouvido a campainha que anunciava ao Capitão que alguém estava do lado de fora aguardando para ser atendido, embora achasse que fosse só a sua imaginação. Afinal, a sala fora projetada para dar privacidade.

Um momento depois, a porta se abriu e Geordi atravessou a sala até o Capitão. Este desviou seu olhar do monitor e indicou a cadeira do outro lado da mesa. — Por favor, sente-se, Sr. LaForge, disse. Geordi sentou-se, ouvindo a porta fechar atrás de si. — Senhor?

Picard recostou-se na sua cadeira, colocou os cotovelos no braço da mesma e tamborilou os dedos nele. De imediato, Geordi soube que não se tratava da análise espectrográfica ou coisa semelhante. O assunto era algo mais delicado que o Capitão preferia discutir pessoalmente. — Estive pensando sobre o nosso método de investigar a *Jenolen*, Picard disse por fim. — Entendo que sua tripulação conduziu uma extensa pesquisa da Esfera Dyson antes de colidir com ela.

Geordi assentiu. — Sim, Capitão, é verdade. — Podemos acessar estes dados?

O Engenheiro deu de ombros. — Tentamos acessar o núcleo da memória, mas este se encontra muito danificado devido o impacto. Até agora, não conseguimos muitas coisas. — Entendo, disse Picard. E acrescentou: — Talvez o Capitão Scott possa nos ajudar em acessar este material.

Capitão .... Scott? Por que ele não pensou nisso antes? Isto teria dado ao homem algo melhor para fazer do que ficar interferindo nos trabalhos da Engenharia. ,

— É possível, disse Geordi. — Ele conhece esses sistemas melhor do que qualquer um de nós. Mentalmente listou as pessoas de sua seção que estavam de serviço. — Pedirei a Tenente Bartel que desça com ele, e trabalhem juntos no núcleo da memória, decidiu.

Era só isso? Será que ele interpretou mal a intenção do Capitão de discutir algo mais delicado? Ou havia ainda mais coisas por vir?

— Isto é tudo, Senhor? cutucou.

Picard fixou nele seu olhar. — Não, Sr. LaForge. Fez uma pausa. — Para ser franco, eu gostaria que o *senhor* acompanhasse o Sr. Scott.

A primeira reação de Geordi foi de surpresa. — Eu, Senhor?, e depois percebeu do que se tratava. O Capitão deveria ter sabido da pequena discussão que teve com ele na Engenharia, e queria dar a Geordi a chance de consertar as coisas.

Picard inclinou-se para a frente. — Isto não é uma ordem, Geordi, é um

pedido, que o senhor está livre para recusar.

LaForge sorriu. — Eu não recusaria, senhor. Mas por que é tão importante para o senhor que *eu* acompanhe o Capitão Scott? Se o senhor quisesse que eu me desculpasse por ter sido rude, ficaria mais que feliz de me desculpar, aqui em cima. Ainda tenho algumas análises para fazer, e Bartel está mais do que qualificada para.....

Picard levantou a mão pedindo silêncio ... e o Engenheiro atendeu. Por um segundo, pareceu juntar as idéias, para encontrar um jeito melhor de abordar. — Geordi, começou. — uma das coisas mais importante na vida de um homem é a sua necessidade de se sentir útil. Capitão Scott é um oficial da Frota Estelar, mesmo depois de todos esses anos. Eu gostaria de que ele se sentisse útil novamente, se isso for possível.

Ah, finalmente Geordi entendia o que o Capitão estava dizendo. Era evidente, em cada palavra que dizia.....em cada olhar que lhe dava.

Ele falava não apenas por Scott, mas por si mesmo. Por Geordi. Por todos que serviram em naves estelares. Um dia, dizia, chegaria a vez deles também serem considerados ultrapassados, e se eles quiserem ser tratados com dignidade, eles devem dar o melhor exemplo hoje, agora. Geordi sorriu com serenidade. — Irei com ele, Capitão.

Picard assentiu com aprovação. — Obrigado, Sr. LaForge. Se não tiver mais nada, está dispensado. — Obrigado, senhor, disse LaForge. Ao deixar a sala, já estava matutando a melhor forma de se desculpar com o Capitão Scott.

Will Riker se encontrava, por acaso, ao lado de Worf no Tático, quando Geordi saiu da sala do Capitão. O Engenheiro-Chefe parecia ter o semblante de quem ficou preso depois das aulas, e por uma boa razão. Riker já sabia, melhor do que se tivesse perguntado, sobre o que foi a conferência. Se fosse importante que ele soubesse, Picard teria lhe contado, e desde que ele não contou ....

Com um aceno de cabeça, Geordi atravessou em direção ao turboelevador e entrou. As portas se fecharam. A única resposta de Worf foi algo entre um resmungo e um rosnar; porém, como o Primeiro Oficial estava ciente, este som produzido abrangia uma ampla gama de comentários.

— Exatamente o que penso, Riker disse-lhe. Então, satisfeito que a análise do Klingon estava se processando como deveria, desceu para o Centro de Comando e se postou no seu lugar costumeiro.

— Comandante Riker? O Sr. Data, que estava na Operações, havia se virado para falar com ele. — Sim, Data? Algo interessante? — Só posso falar por mim, disse o andróide, mas eu acho muito interessante! Creio que

encontrei algo na superfície da Esfera que pode ser um mecanismo de comunicação.

Esta informação fez com que Riker se levantasse de novo e enquanto se colocava ao lado de Data, este iniciou uma varredura no Console de Operações.

— Há uma pequena antena, aproximadamente 500,000 quilômetros ao sul de nossa presente posição, explicou o andróide. — Está emitindo sinais de baixa subespacial de baixa intensidade o que sugere que ainda pode estar ativo. — Pode abrir um canal? perguntou o Primeiro Oficial.

Data balançou negativamente a cabeça. — Não da nossa órbita atual, Comandante. A antena está apontada para o outro lado.

Riker virou-se para Rager, que estava manejando os controles. — Você tem as coordenadas, Alferes?

Rager trabalhou no controle por um segundo ou dois: — Sim, senhor. Eu tenho, sim. — Bom, disse o Primeiro Oficial. Prepare-se para nos levar à posição acima dessas coordenadas.

Enquanto o Alferes voltava ao seu trabalho, Riker se perguntava se este não era um momento correto para informar o Capitão sobre o que estavam fazendo, e respondeu para si mesmo afirmativamente.

— Riker para Capitão Picard, disse. A resposta veio quase instantaneamente. — Sim, Número Um? — Senhor, encontramos o que parece ser um dispositivo de comunicação no lado externo da Esfera. Achei que gostaria de saber. Uma pausa. — Estarei aí imediatamente, disse o Capitão.

Quando Geordi entrou na Sala de Teletransporte, não havia ninguém lá, exceto O'Brien. Atravessando a plataforma, o Engenheiro deixou cair pesadamente sua caixa de equipamentos que carregava e deu de ombros. — Acho que cheguei cedo, disse. O'Brien consultou seu painel de controle: — Só trinta segundos mais, ou menos, julgou. — Isto faz que com que toda a equipe de desembarque..... — Bem na hora, disse Scott, enquanto atravessava a porta da Sala de

Teletransporte. Estava pálido, quase esverdeado, o que fazia com que as bolsas abaixo de seus olhos parecessem mais escuros ainda.

— Está se sentindo bem?, Geordi perguntou.

Um pouquinho irritado, Scott respondeu: — Nunca fique bêbado a menos que se disponha a enfrentar o próximo dia desse jeito. Eu consigo agüentar isto, obrigado. — OK, disse Geordi. Naquelas circunstâncias, não ia ficar sondando ou se intrometendo. Com um pequeno esforço, o velho subiu na plataforma. Virando-se para O'Brien, assentiu indicando de que estava pronto. Geordi pegou sua caixa de equipamentos e se dirigiu para o

lado de Scott. — Tudo certo, disse, acionar.

Picard olhou a tela principal, que mostrava um *dose* da superfície da Esfera. Havia um grande contorno redondo no exterior metálico, com várias pequenas antena em volta do perímetro. — O que é aquela forma circular? perguntou.

Data, que se encontrava sentado à sua frente nos Controles de Operações, virou-se para olhá-lo: — Leitura dos sensores indicam que é uma escotilha ou uma câmara de compressão, senhor, possivelmente algo que nos leva ao interior da Esfera. — Entendo, disse o Capitão. Trocou olhares com Riker, que estava perto dele. — E você disse que achou uma antena de comunicação? — Sim, senhor, replicou o andróide. — Está localizada na periferia da escotilha, aproximadamente 17 graus relativos.

Picard inspirou fundo e lentamente deixou o ar sair. — Fascinante, observou.

— Absolutamente fascinante. — Isto parece a porta da frente, Riker notou. — Devemos tocar a campainha?

O Capitão pensou por um momento e decidiu: — Vamos tocar a campainha, Número Um. Sr. Worf, tente abrir um canal para esta antena de comunicação.

— Sim, senhor, disse o Klingon, iniciando o trabalho no seu Console Tático. Depois de alguns segundos, relatou: — Nada ainda, senhor. — Mantenha, disse

Riker. — Pode ser que leve algum\_\_ — Capitão!, gritou Rager, levantando seu olhar do controle, com o rosto alarmada. — Intensa emissão de grávitons na superfície da Esfera! E está se dirigindo para esta...

Antes que a Alferes pudesse terminar a frase, a nave foi sacolejada, e bem sacolejada. Picard foi arremessado ao chão como se fosse um boneco de pano. Finalmente, encontrou-se na base do anteparo, sofrendo o impacto direto em suas costas. Por um momento, lutou contra a perda da consciência. Depois, com um esforço físico, pôs-se de pé.

O que ele viu era uma versão lusco-fusco da Ponte, pois a iluminação da mesma estava fraca. Vários dos consoles estavam danificados, e seus oficiais, com exceção de Data, haviam se espalhado de uma extremidade a outra da sala. Como ele próprio, seus oficiais estavam surpresos... e começando a se recompor.

— Alerta vermelho, gritou, tentando ser ouvido no meio dos murmúrios de dores e surpresas. Depois, foi titubeando até Moreno, que havia caído de braços perto de uma das estações de popa e lá permanecia imóvel. Sentiu pulsar a veia no seu pescoço, que estava mais fraco do que deveria estar e viu um corte profundo na testa que sangrava e necessitava de socorro médico

imediatamente.

— Dra. Crusher, gritou, esperando que o intercomunicador não estivesse danificado.

A resposta da doutora foi quase imediata. — Eu sei, disse. — Houve baixas na Ponte. E sofremos baixa em toda a nave. Fez uma pausa. — Estou mandando uma equipe aí. Crusher desligando. — Capitão Picard? Era Data, que permanecia sentado na sua estação, como se ele tivesse sido pregado na cadeira. — Fomos pegos em algum tipo de tração, senhor, e está nos puxando para a superfície externa da Esfera.

O andróide disse aquilo tão casualmente, sua voz tão sem emoção, que o perigo parecia quase irreal. Mas era real, tão real quanto o sangue que escorria do rosto de Moreno.

Nestas alturas, Riker já havia voltado à sua cadeira no Centro de Comando. — Navegador, gritou, tire-nos daqui! Empuxo de ré a toda força! — Perdemos força principal, relatou Rager, que também se encontrava ferida. Seu rosto estava terrivelmente dilacerada. — Força auxiliar caiu para 20%!

Picard rangeu seus dentes, como se considerasse a ironia do destino: eles estavam lá para resgatar a *Jenolen*, mas agora eram eles que precisavam de ajuda.

Será que iriam sobreviver ao choque, como Scott havia sobrevivido? Ou a enorme massa da *ENTERPRISE* condenaria a todos?

— Retire a força de empuxo dos engenhos auxiliares, Riker ordenou. — Se não podemos recuar, pelo menos vamos tentar diminuir a velocidade.

Mas era tarde demais para qualquer coisa. O Capitão podia sentir no fundo de sua alma! Ao se aproximarem da superfície da Esfera Dyson, a velocidade aumentava. Mesmo à força total, estavam tendo grandes dificuldades. A Esfera se assomava cada vez mais perto e cada vez maior ... E depois, como por uma decisão Divina, a superfície da Esfera começou a rachar ... começou a se partir, como uma risca de cabelo. Primeiro como uma fissura, depois uma brecha e a brecha acabou se tornando um verdadeiro canyon. — É uma comporta, murmurou Riker. — De fato...confirmou Picard.

Repentinamente, uma luz intensa quase cegou-os com seu brilho amarelo-esbranquiçado, um brilho que não podia contrastar mais vividamente com a superfície escura da Esfera. Protegendo seus olhos, o Capitão achou que sabia do que se tratava.

Um momento mais tarde, o filtro de luz da tela automaticamente foi acionado e todos puderam ver de onde se originava a explosão de luz. Picard estava certo. A estrela ao centro da Esfera, a estrela que os construtores

havam capturado e isolado do resto do Universo, como se ela fosse uma escrava gigantesca, como um Leviatan sobrecarregado, como Prometeu, o condutor do fogo da mitologia.....amarrado para toda a eternidade!

Worf encarou a tela, seus olhos refletindo apreensão e raiva. — O raio é forte demais, não vamos resistir! — Não é apenas *um* raio trator, observou Data, o contraponto perfeito da intensidade de emoções do Klingon. — Há *seis* deles, senhor.

O Capitão podia vê-los agora, meia dúzia de tênues tentáculos de luz, emanados em intervalos da sombria e insossa escotilha, inexoravelmente levando a *ENTERPRISE* ao seu destino.

— Estamos sendo arrastados para o seu interior, Worf rosnou.

E estavam sendo arremessados em direção à poderosa escotilha, caindo no buraco que se abria cada vez mais para devorá-los, levando-os fatalmente ao seu fim. E não havia nada que pudessem fazer. *Nada*.

## **Dez**

Riker ignorou o gosto de sangue que tinha na boca e tentou verificar o que havia acontecido na *ENTERPRISE*. Não era fácil.

Segundos atrás, a escotilha da Esfera Dyson se fechou sobre eles, enclausurando-os no seu interior. E no mesmo instante, as estrelas desapareceram, sendo substituídas por um céu azul-esverdeado.

Porém, a velocidade não diminuía. Riker podia dizer isso pelas leituras do monitor que eram projetadas no braço de sua cadeira. Eles ainda estavam se precipitando em direção ao centro da Esfera, e no seu centro havia aquela imensa e gloriosa estrela.

Os engenhos de impulso lutavam bravamente contra as forças que os arrastavam. A nave era sacudida pelo esforço, as luzes piscavam na Ponte, enquanto a Engenharia desesperadamente absorvia a pouca força que restava. Mas era incapaz. Apenas instantes atrás, o Primeiro Oficial ficara feliz ao ver a brecha se abrir na Esfera, pois significava que eles não iriam se espatifar na sua superfície. Agora, tinha uma sensação diferente. Pelo menos numa colisão haveria alguma esperança de sobrevivência. Droga, a *Jenolen* havia se colidido e ficara praticamente intacta, não é? Porém, ser arremessado ao centro de uma estrela, seja ela cativa ou não, era uma sentença de morte da qual nunca iriam escapar.

— Perdendo força auxiliar, disse Rager. Havia gotas de suor na sua testa, que ela limpou com a manga da blusa. — Temperatura do casco aproximando-se no nível máximo de tolerância, anunciou Worf. Seus lábios se projetaram sobre seus dentes numa expressão de desafio. — Estamos atravessando a atmosfera interior da Esfera, disse Data. — A fricção resultante é que causa o aumento da temperatura no casco. — Levante os escudos, ordenou Riker, temendo a resposta. — Força de escudo no mínimo, rosnou Worf. — Temperatura do casco atingiu ponto crítico.

Data virou-se para olhar o Capitão, que se encontrava ainda ajoelhado ao lado de Moreno. — A frequência de ressonância do raio trator é incompatível com o nosso sistema de potência. Dobras e engenhos de impulso estão sobrecarregados. Estou tentando compensá-los.

Neste momento, Moreno gemeu levemente, virou-se e tentou levantar-se, mas Picard a impediu. — Você tem um ferimento na cabeça, disse para ela. Fique quieta até que a Dra. Crusher possa examiná-la.

A garota olhou para ele. — Sim, senhor, disse, retraindo-se com a dor que o ferimento lhe causava.

O Capitão virou-se para Data novamente. — Quanto tempo,

Comandante? — Difícil de dizer, senhor, replicou o andróide. Seus dedos voavam sobre o painel de controle tão rápidos quanto o computador podia responder. — Isto depende de quanto os circuitos foram danificados.

O Capitão franziu a testa e olhou para seu Primeiro Oficial. Riker devolveu o olhar. Ambos sabiam que os esforços de Data se provariam inúteis. Mesmo que ele conseguisse reencaminhar as conexões, eles não tinham força de engenho para lutar contra o raio trator da Esfera.

Riker sentiu uma gota de suor descer pelo rosto. Droga, pensou. Estava ficando quente aqui, não estava? Pensou que não era nada comparado com a temperatura naquela estrela ali em frente. Ao som da porta do turboelevador se abrindo, virou-se e viu Beverly Crusher emergir com algumas enfermeiras e uma maça. Ajoelhando-se ao lado de Moreno, num movimento contínuo, a doutora passou seu tricorder sobre a cabeça e o pescoço da garota. — Pequena concussão, concluiu. — Pode andar? — Eu .... eu acho que posso, disse a paciente. E para demonstrar, colocou-se de pé, com a ajuda de Picard. Então, dirigindo-se para o Capitão, perguntou: — Senhor, .... se o senhor permitir, posso permanecer na Ponte para ajudar? A voz do Capitão sou firme. — Eu creio que será mais útil saber que você está recebendo os cuidados de que precisa. — Concordo, disse Crusher. — Venha. E colocando seu braço em volta de Moreno, conduziu-a em direção ao turboelevador. Porém, antes de sair, a doutora deu uma olhadela na tela panorâmica, e a bola de fogo na qual eles iriam colidir. Depois, deparou-se com o olhar de Riker e sentiu o seu rígido olhar. — Boa sorte, disse-lhe. Um instante depois, ela e seu pessoal entraram no elevador e as portas se fecharam atrás deles.

Devia haver algo que pudessem fazer, disse para si mesmo o Primeiro Oficial. Eles já não tinham estado em situações como essas antes? E não haviam eles conseguido escapar de alguma forma? Se ao menos....

Antes que pudesse terminar a frase, a *ENTERPRISE* foi sacudida violentamente e eles foram atirados de suas cadeiras novamente. Dessa vez, Riker estava melhor preparado, e se agarrou ao seu monitor, ou teria sido lançado pelo chão pela segunda vez.

A sacudida parou tão violentamente como começou. O Primeiro Oficial levantou-se e olhou em volta. Ninguém parecia ter sofrido ferimentos graves, e como antes, somente Data permanecia sentado em sua cadeira. Virou-se para a tela panorâmica, desejando ver alguma pista do que tinha acontecido. Não se decepcionou. O azulado do céu havia se enfraquecido e dado lugar à visão clara da estrela cativa. A superfície interna da Esfera podia ser vista vagamente à distância. — Passamos pela atmosfera, relatou o Tenente Worf. — Temperatura do casco está caindo aos níveis de segurança.

— Mas ainda estamos indo em direção à estrela, lembrou o Capitão. Esticando a blusa, desceu para o Centro de Comando e postou-se ao lado de Riker. — Sugestões? — Que diabos..., exclamou Rager.

O Primeiro Oficial olhou para ela. — Alguma coisa, Alferes?

Rager meneou a cabeça não acreditando no que via. — Estamos livres do raio trator, senhor, disse com um sorriso. Estamos livres!

Isto era possível? Riker checou no seu monitor. Com certeza, não havia mais evidência do raio trator da Esfera. Sorriu. Um golpe de sorte, e não reclamava.

— Mantenha posição, disse a Rager. — Pelo menos até que verifiquemos nossa situação.

Precisavam de tempo para se reorganizarem, reagruparem, curar suas feridas e descobrir qual o próximo passo.

Picard dirigiu-se ao seu Segundo Oficial. — Uma varredura de sensor completa, Sr. Data. Onde estamos? — Estamos a aproximadamente 90 milhões de quilômetros da atmosfera da Esfera, veio a resposta. Data fez uma pausa, alguns ajustes no seus controles: — Sensores registram ...

De repente, Rager interrompeu: — Senhor, .... o impulso inercial do raio trator ainda está nos arrastando para frente.

Riker trocou olhares com o Capitão, enquanto este descia para o Comando. Rager estava balançando a cabeça. — Os engenhos de impulso estão desligados, disse, e o sistema de manobras estão inoperantes. Olhou para Riker desamparadamente. — Não posso parar nosso movimento, senhor.

Poderia ter contado com isso, pensou o Primeiro Oficial. Eu deveria saber que era bom demais para ser verdade. Eu deveria ter *cheirado* isso. — O movimento inercial do raio trator está nos levando diretamente à estrela, Data acrescentou, tão calmamente como se ele estivesse recitando um poema. Porém, aqueles que ouviram suas palavras não estavam tão calmos assim. De repente eles estavam de volta à linha de fogo.

— Vamos lá, disse Scott, gentilmente Geordi achou. Talvez gentil demais. — Você pode fazer isto, sabe que pode.

Scott falava com o painel aberto do computador no Centro de Operações da *Jenolen*, tentando adular o sistema a voltar a funcionar. LaForge checou as leituras no dispositivo de diagnóstico que havia trazido na valise com seus equipamentos. Enganchado no console, o dispositivo brilhava e piscava em resposta às maquinações de Scott — Não me deixe na mão, agora, disse o velho homem, ou deixo você aqui, juntando poeira por outros 75 anos!

Mas apesar da brincadeira, Scott não parecia acreditar no que fazia.

Faltava algo ... o entusiasmo que o tinha tornado um chato lá na Engenharia, o cara cheio de auto confiança que tinha feito Geordi explodir. Não era necessário adivinhar que ele estava desmoralizado e, embora não tinha sido totalmente sua culpa, o jovem tinha um parte dela.

LaForge queria ter se desculpado com Scott, tão logo vieram a bordo da *Jenolen*, queria mesmo, mas havia algo na atitude do velho que dizia que ele não queria ouvir nada disso.....e que na verdade o faria sentir-se pior.

Assim, Geordi reprimiu-se em mencionar o incidente na Sala de Engenharia, mas não significava que ele não tentaria se desculpar. Ele apenas esperaria uma outra hora e numa deixa apropriada.

— Ah, disse Scott, assentindo aprovadamente. — Aqui vamos nós. Virando-se para seu companheiro, acrescentou: — Os dados primários do computador devem estar conectados agora. Tente agora, Comandante.

Geordi fez alguns ajustes e olhou novamente as leituras. Alguns flashes de luz brilharam no dispositivo.

— OK, disse, tenho três Unhas de acesso ao núcleo central agora. Franziu a testa, desejando ter melhores notícias. — Porém, não tenho dados ainda.

Scott praguejou baixinho. — Pensei que nestas alturas os dados apareceriam.

Pensando por um instante, ajustou o painel novamente. — Aqui, talvez isto ajude. Diabos, é melhor que ajude. Depois de alguns minutos de reajustes do circuitos, sentou-se nos calcanhares. — Vamos ver o que acontece.

Geordi seguiu as instruções, mas nada aconteceu. — Nada?, perguntou o velho — Nada, *ainda*, corrigiu LaForge. Mas a excelência parecia ter se perdido em Scott. Ele meneou a cabeça, irritado demais para continuar.

De mansinho, disse: — Um monte de velho e inútil lixo ... — O quê? perguntou Geordi.

Scott suspirou. — Disse que está velho, Sr. LaForge. O controlador não pode lidar com o interface de seu novo conversor de energia.

Scott abriu outro painel e começou a consertar, com toda a concentração. Depois de um certo tempo, no entanto, desistiu.

— Os equipamentos foram projetados para épocas diferentes, Scott continuou. — Agora, é apenas um monte de ferro-velho. O velho homem parecia deprimido.

Geordi percebeu que ele se referia mais do que apenas equipamentos,. Ele se referia a si mesmo. — Eu não sei, disse Geordi, a mim me parece que algumas partes permaneceram intactas.

Scott olhou para ele não acreditando no que ouvia. —Vamos lá, disse,

não fala a sério. Isto está ultrapassado em um século. Como pode fazer uso de algo tão antiquado? E apenas ... fechou com raiva o painel, — obsoleto.

Geordi queria atingir o velho de alguma forma. Considerou o console em que esteve trabalhando e correu a mão sobre ele. — É interessante, Sr. Scott.. porque eu estava pensando que muitos desses sistemas permaneceram quase imutáveis nestes 75 anos.

Scott mal prestava atenção, pois estava absorto em seus próprios pensamentos. Geordi dirigiu-se para o Console do Teletransporte. — Deixando de lado alguns poucos melhoramentos, continuou, este teletransporte é virtualmente idêntico daqueles que usamos na *ENTERPRISE*. Gesticulou para o outro console. — O sinal subspecial de rádio e os sensores operaram nos mesmos princípios básicos, e os engenhos de impulso não mudaram muito em quase duzentos anos. Se não fossem pelos danos estruturais, esta nave poderia ainda estar em serviço nos dias de hoje.

Scott considerou o que Geordi disse. — Talvez sim, replicou. — Mas quando se pode construir uma nave como *ENTERPRISE*, com a maravilhosa tecnologia do século 24... quem iria querer pilotar um ferro velho como esta nave? — Eu não sei, Geordi respondeu com afeição. — A *ENTERPRISE* tem a sua força, mas também as suas fraquezas. Conserte esta máquina e aposte com você que esta nave dará voltas por aí à velocidade de impulso.

Uma aposta. — Só porque é velho, não quer dizer que se tem que jogar fora.

Olharam-se por um momento. Geordi podia sentir que havia alguma coisa entre eles. Estava se formando um vínculo entre eles, talvez uma amizade. Scott finalmente dissolveu o momento, dirigindo-se para o console do computador. — Nós costumávamos usar uma coisa chamada *modelo dinâmico de conversor*, pensou alto. Você não teria nada parecido nesta sua versão extravagante da *ENTERPRISE*, teria?

Geordi pensou por um segundo ou dois. — Faz muito tempo que não vejo um desses, mas posso ter algo parecido. Acionando seu emblema-comunicador, disse: — LaForge para a *ENTERPRISE*. Não houve resposta. LaForge chamou de novo. — LaForge para a *ENTERPRISE*, responda, por favor.

Nada ainda. Que estranho...

Scott dirigiu-lhe um olhar preocupado. Geordi foi até o console do sensor. — Interferência? perguntou Scott.

Geordi mexeu nos controles do sensor. — Não, infelizmente.

Um instante depois, os monitores dos sensores mostraram aos dois uma verdade estarrecedora. — Droga!, sussurrou. — O que foi?, Scott

pressionou.

Geordi virou-se para Scott: — Eles sumiram!

— Vamos entrar na fotosfera da estrela em três minutos. — Controle do leme ainda inoperante, relatou Rager.

Picard tentou se manter calmo, manter a cabeça fria. Mas era mais fácil falar do que fazer. A estrela cativa enchia toda a tela à medida que a *ENTERPRISE* ia à sua direção, como se estivesse ansiosa por sentir seu abraço de fusão nuclear. Tinha que ter uma maneira de escapar, ele simplesmente não aceitaria derrotas, não enquanto tivesse cabeça e tempo para usar.

De repente, veio a resposta. Dirigiu-se para Riker, que havia substituído Moreno na Estação de Engenharia de popa, onde Geordi estaria se não tivesse descido para a *Jenolen*.

— Número Um, os impulsos de manobras estão operantes? perguntou. Embora sua expressão dissesse que não havia entendido onde o Capitão queria chegar, Riker trabalhou furiosamente nos controles. Depois de alguns segundos, assentiu. — Temos 30% de força de estibordo. 15% de impulso a bombordo, mas não serão suficientes para quebrarmos a nossa inércia. — Não, concordou Picard. Mas pode ser suficiente para nos colocar em órbita e manter distância da estrela.

Por um breve momento, Riker sorriu. Depois, virou-se para o monitor, preparando-se para o que vinha a seguir.

Depois, o Capitão dirigiu-se para o seu Segundo Oficial: — Sr. Data, calcule a mudança de trajetória mínima necessária para evitar a estrela.

A resposta de Data pareceu que veio antes que Picard pudesse terminar de falar. — Uma rotação de vinte graus permitirá que a nave entre numa órbita segura ao redor da estrela.

O Capitão dirigiu-se à Estação de Engenharia. — Ouviu isto, Número Um? — Sim, senhor, veio a resposta. — Vinte graus...

Houve um mudo "se" suspenso no final da frase, como um *se eu puder fazer isto*. Mesmo uma variação de vinte graus seria uma tarefa prodigiosa sob estas condições. E se eles conseguissem apenas dezenove graus? Não sobrariam nada deles senão cinzas....

— Força de impulso de bombordo à frente, de estibordo para trás! — Sim, senhor, disse o Primeiro Oficial, seguindo as ordens de Picard.

Enquanto Riker se inclinava na sua tarefa, o Capitão olhou de relance para a tela. A estrela estava terrivelmente perto, podia quase sentir sua fúria no rosto. Se seu plano não funcionar, eles estariam perdidos. Simplesmente perdidos. — Nossa rota está mudando, anunciou Data. — Exatos dez ponto

sete graus ... insuficiente para nos livrar da fotosfera. Riker olhou para a tela do comunicador. — Ponte para Engenharia. Tenente Bartel, desvie toda a força dos sistemas auxiliares para os impulsos de manobras. — Nosso ângulo defletor está aumentando ... observou o andróide. — Atingindo agora quinze graus ... dezoito graus ... atingindo agora vinte e um graus .

Picard olhou para a tela panorâmica. Será que era o suficiente? Será que Data podia errar nos cálculos? O sol no centro da Esfera estava brilhando cada vez mais e mais ....

E então, enquanto o Capitão segurava a respiração, a gigantesca imagem da tela finalmente foi ficando cada vez mais no canto esquerdo ... mais .... e mais .... enquanto a nave desviava dela. Finalmente, passaram da margem externa da fotosfera para estibordo.

Houve um suspiro de alívio coletivo, quase como se a Ponte estivesse expirando. Picard percebeu que suas mãos estavam suadas. Relaxou.

À sua frente, Riker soltou os ombros. — Estamos em órbita, Capitão. Mantendo 150.000 quilômetros acima da fotosfera. — Vou ver se consigo ter a força principal de volta, Riker disse. — Muito bem, disse Picard. Enquanto Riker deixava a Ponte, sentou-se na sua cadeira e se inclinou nela. Como dizem, dessa vez foi perto: — Sr. Data, inicie uma varredura no interior da superfície. Veja se há formas de vida. Quero saber quem nos trouxe aqui .... e por quê. — Sim, senhor, disse Data, já seguindo as ordens do Capitão.

O Capitão desejava falar com a *Jenolen*, de qualquer forma. Mas Geordi e Scott estariam bem, pelo menos no momento.

## Onze

Fazia muito tempo desde que alguém tinha tentado usar os controles de sensores no Centro de Operações da nave de transporte *Jenolen*. Considerando todas as coisas, eles se encontravam em estado extraordinário bom.

Trabalhando ao lado de Scott, Geordi levou os sensores de varredura da nave nos seus limites. Mas por mais que tentasse, não captava um único sinal.

— Não consigo encontrá-los em nenhuma ponto da órbita, disse alto. — Tampouco estou com sorte aqui, replicou seu companheiro. — Eles não subiriam e partiriam simplesmente, Geordi insistiu. — Nem mesmo numa emergência? perguntou Scott O jovem meneou a cabeça: — Eles nos levariam de volta a bordo primeiro. Ou pelo menos nos avisariam o que está acontecendo! Scott concordou. — Sim, eu acho que eles não fariam isso. De repente enrugou a testa: — Você não acha que eles colidiram com a Esfera... como a *Jenolen*? Geordi rejeitou a idéia. — Não. Nós teríamos indicações de radiação e vestígios se eles tivessem se colidido. Mordeu seus lábios. — Mas então, onde eles estão? Eles não podem simplesmente desaparecer no ar.

Por um instante, nenhum deles falou. Então, Scott apertou os olhos pensativos. — Há uma outra possibilidade, pensou. — Eles podem estar *dentro* da Esfera!

Geordi encarou-o. À primeira vista, soou absurdo. Ridículo. Mas quanto mais considerava a questão... — Talvez, disse, é, talvez. — Não *apenas* talvez, disse seu companheiro. Eles estão lá, é o único lugar onde podem estar, jovem!

Geordi inspirou e deixou o ar ir saindo aos poucos. — O quer que tenha acontecido, temos que encontrá-los. Se pudermos ativar estes engenhos, podemos seguir os rastros da *ENTERPRISE* por suas trilha de íons.

De repente, Scott se tornou lívido, e com as palmas das mão voltadas para cima, num sinal que mostrava desânimo, disse: — Você é bobo? perguntou. — O sistema principal de energia está completamente danificado, os indutores derreteram-se e a força de engate está arruinada. Precisamos de uma semana apenas para começar!

Geordi sentiu a raiva crescer dentro dele, se agarrando na sua garganta, pronto para explodir. Primeiro, não podia se livrar daquele cara, agora não conseguia convencê-lo a ajudar. Não importa o que havia prometido ao Capitão, mas tinha feito tudo ao seu alcance. — Espere um minuto, disse Scott. Cocou seu queixo por um segundo ou dois ... e depois falou como o

homem mais razoável e racional que alguém gostaria de encontrar. — Não temos uma semana, temos? Então não adianta ficar chorando por causa disso. Vamos, vamos ver o que podemos fazer com aquele conversor de energia que você tanto preza.

Então, afastando-se de Geordi, Scott se dirigiu para os Engenheiros, deixando o mais jovem um pouco surpreso. Com uma expressão confusa, seguiu seu amigo.

Tão frágil quanto era a sua situação enquanto orbitavam a estrela cativa, Picard não podia evitar de lembrar sua missão. Como havia dito a Data não muito tempo atrás, eles estavam no espaço para procurar novas vidas e novas civilizações, e os construtores desta Esfera Dyson prometiam ser os representantes da mais estranha de todas as civilizações. Pelo menos esta era uma parte da razão porque solicitou ao seu Segundo Oficial examinar o interior desta construção do tamanho do sistema solar. A outra parte estava baseada numa motivação mais egoísta: a sobrevivência.

Alguém os havia levado para dentro desta coisa. Era incumbência deles encontrar este alguém, caso tivessem sérias esperanças de reabrir a escotilha e ganhar a liberdade.

Infelizmente, Tenente Worf já tinha analisado a composição da Esfera e descoberto que era composto de carbo-neutrônio, uma das substâncias mais duras conhecida da Federação. Mesmo com força total, eles não poderiam gerar uma barragem de phaser forte o suficiente para abrir um buraco no casco externo.

— Capitão?

Picard seguiu a fonte do chamado: uma das Estações de Ciência. — Sim, Data? Conseguiu algo? — Sim, senhor.

Era difícil dizer pela expressão do andróide, que era tão inexpressiva como sempre, o que ele tinha conseguido. Contendo sua curiosidade por mais um pouco, o Capitão se juntou ao seu Segundo Oficial.

— Completei a varredura biológica no interior da superfície da Esfera, informou Data. Picard olhou para o monitor, onde podia-se ver as evidências. Suas esperanças desapareceram. — Não há sinal de vida, concluiu.

O andróide pareceu quase simpático. — Correto, senhor. A Esfera parece estar abandonada. No entanto... e pediu outro gráfico, um que tinha mapeado a superfície da Esfera em termos de eficiência dos sensores. —.....nossos instrumentos parecem incapazes de sondar uma pequena área ... bem *aqui*.

Picard seguiu o dedo de Data enquanto este apontava para o ponto em questão. O Capitão resmungou. — Em outras palavras, disse, não sabemos

se há vida neste local ou não. — Não sabemos, confirmou o andróide. — Naturalmente, pode-se concluir que desde que o resto da superfície é aparentemente deserta ...

— que esta seção também está deserta, o Capitão observou, completando o pensamento do seu Segundo Oficial. — por outro lado, se esta área está protegida dos nossos sensores, ela pode estar protegida por alguma razão. Refletiu sobre esta possibilidade. — Se um grupo escolheu permanecer na Esfera quando os outros se foram, e desejavam permanecer escondidos de qualquer um que pudesse entrar aqui. — Correto, senhor, disse Data. — Tampouco saberemos com certeza de uma forma ou outra, a menos que enviemos uma grupo para investigar.

Picard virou-se para ele: — Você está defendendo esta idéia, Data? — Estou meramente expondo os fatos, disse o andróide.

O Capitão ponderou sobre a conveniência de se enviar uma equipe. As reservas de energia ainda estavam baixas e com vários sistemas inoperantes, a nave não estava tão eficiente quanto ele esperava.

No entanto, a área protegida da Esfera estaria abaixo deles em menos de uma hora, e esta poderia ser a sua única chance, não apenas de fazer contato com uma raça obviamente superior, mas também de se salvarem da Esfera. Não podiam deixar a oportunidade escapar.

Finalmente, levantou os olhos. — Comandante Riker, aqui é o Capitão.

Um momento depois, o Primeiro Oficial respondeu: — Ainda temos algum trabalho a fazer, senhor. Alguns dos relês explodiram e levaremos algum tempo para substituí-los. — Entendido, Número Um. Mas não foi por isso que o chamei. Fez uma pausa. — Gostaria que reunisse um time para desembarque. Houve um silêncio do outro lado. Finalmente, Riker disse: — Uma equipe para desembarcar, senhor? — Sim, Picard virou-se para o monitor de Data. — Preciso que você faça uma exploração, Will, e preciso que faça já.

Darrin Kane estava no Hangar Um, um lugar que estava começando a odiar, tanto quanto odiava a tarefa com as cargas, quando ouviu seu nome ser chamado no sistema de intercomunicação, e pela pessoa que mais "apreciava": Will Riker. Que tortura estaria tramando agora o Primeiro Oficial para ele? Será que teria que se apresentar no Ten-Forward e começar a servir as mesas? — Kane falando, senhor, disse reprimindo sussurrar um praga. Com a sua sorte, o intercomunicador seria capaz de ter a sensibilidade de captar um pensamento. — Apresente-se na Hangar 3, disse Riker. Estou reunindo uma equipe de desembarque e você está convocado.

O Alferes mal podia acreditar no que ouvia. — Uma equipe de terra,

senhor? repetiu. Será que era algum tipo de brincadeira? Será que ao chegar no Hangar 3, diriam para ele que a missão estava cancelada? Ou que Riker teria partido sem ele?

— Sr. Kane, não me diga que está *dormindo* aí agora! — Uh ... não, senhor!, replicou Kane.

— Cinco minutos, disse o Primeiro Oficial. — Não se atrase. — Não, Comandante! Isto é, sim, Comandante. Quero dizer ... Abruptamente, percebeu que estava falando com a nave auxiliar. Riker já havia desligado.

Kane meneou a cabeça e viu a Tenente Bridges, que estava encarregado do Hangar neste turno. Bridges estava levando a cabo uma inspeção rotineira quando ele se aproximou. — Algo errado?, ela perguntou. — Não tenho certeza, Kane disse. — O Comandante Riker quer que eu participe de uma equipe de terra. Ela olhou para Kane com desconfiança: — Uma Equipe de Terra? Para onde?

O Alferes ia responder quando percebeu que ele não tinha uma resposta. — Eu não sei, respondeu. — Mas preciso ir. E deixando-a lá, ele se dirigiu ao Hangar 3.

Souza permaneceu no Hangar entre o Comandante Riker e a Conselheira Troi. Bartel e Krause, da Engenharia, também estavam lá. Agora, a única pessoa que ainda faltava era Darrin Kane.

Um instante depois, as portas do corredor se abriram e Kane entrou quase correndo. Estava muito sério, mas sem dúvida feliz por ter sido designado para um missão tão interessante, depois de ter sido relegado às tarefas mais insignificantes.

Quando se juntou ao grupo, olhou de relance para o resto da equipe, e olhou uma segunda vez quando viu seu amigo Alferes no meio deles. Souza sorriu como uma saudação, tentando mostrar a Kane que não havia ressentimentos por parte dele. Mas não obteve resposta. Kane apenas tomou seu lugar e encarou Riker. Era como se ele e Souza jamais tivessem sido amigos. — Pronto, senhor, disse Kane.

O Primeiro Oficial assentiu, olhando para cada rosto. — Eis como as coisas vão funcionar. Normalmente, nós seríamos teletransportados para baixo, mas a nave não está em condições de deixar a órbita, e já que a superfície está muito longe, a única maneira de chegarmos lá será pela nave auxiliar. Fez uma pausa. — Infelizmente, nossos sensores mostram que não há nenhum lugar perto de nosso destino que seja grande o suficiente para acomodar uma nave. Assim, vamos ficar pairando algumas centenas de metros acima do local de desembarque, e desceremos dois a dois usando o teletransporte de emergência. Perguntas?

Souza tinha uma: — E como vamos voltar? — Uma conexão de controle remoto permitirá que nós voltemos via teletransporte. Também temos a opção de trazer a nave para baixo, se tivermos algo muito grande para teletransportar. Souza assentiu. — Entendido, senhor.

— Então, disse o Primeiro Oficial, vamos subir a bordo.

No Centro de Operações na *Jenokn*, Geordi estava deitado de costas com suas pernas esticadas para fora do Console de Controle. A menos de um metro, Scott estava na mesma posição sob um Console vizinho. Várias ferramentas e dispositivos de diagnósticos estavam espalhados no chão, esperando para ser usados ou reusados.

Muito tempo já havia se passado depois que Geordi concordou em ajudar a religar os engenhos da *Jenokn*. Mas agora, ele e Scott haviam feito mais progressos do que ele imaginaria ser possível. Cada condutor de energia e circuito de relês voltaram a operar. Se os engenhos não tinham sido danificados além do que podiam consertar, eles realmente tinham uma chance de voltar a fazer a nave funcionar. Um homem pode não ter uma perfeita compreensão da moderna tecnologia, LaForge pensou consigo mesmo. Mas quando se trata dos princípios da Engenharia e do século 23, Scott realmente sabia do assunto. De fato, se surpreenderia se alguém de sua época soubesse mais que ele. — Desvie o deuterium da bomba principal para o tanque auxiliar, recomendou Scott. — O tanque não agüentará com toda essa pressão, Geordi disse, colocando a cabeça para fora por um instante.

O mais velho também colocou a cabeça para fora: — Onde você aprendeu isto, jovem? Geordi deu de ombros. — Está nas Especificações dos Engenhos de Impulso. — Regulamento 42 barra 15 Alfa? Variações de Pressão no Tanque de Estocagem IRC? — Certo!. — Esqueça, disse Scott. — Fui eu que escrevi aquela droga. Retirando novamente a cabeça de debaixo do console, continuou a fazer comentários enquanto trabalhava. — Um bom engenheiro é sempre um pouco conservador, Comandante. Sorriu para dentro. — Pelo menos no papel. Apenas desvie a válvula de expansão secundária e aumente o fluxo. Vai funcionar, acredite.

Sorrindo para si mesmo, Geordi se pôs de pé e fez os ajustes necessários no painel de controle. — OK, disse, estou desviando o deuterium.

Era melhor que isto funcionasse, pensou, ou vamos virar pequenas lufadas de gases livres flutuantes. Um instante se passou. Mais um tempo. Se tiver que ter algum problema no tanque auxiliar, ele já teria se manifestado por ora. — Bem? perguntou o velho. — Até aqui, tudo bem, Geordi reportou. — Parece que você estava certo!. Scott riu. — Naturalmente, jovem. Arrastando-se para fora de seu console, estalou os nódulos de seus

dedos, e com um pequeno floreio de gestos, apertou alguns botões. — O que está fazendo? perguntou Geordi. — Nós não estamos prontos ainda... estamos? Pareceu-lhe que ainda havia alguns testes para serem feitos. Mas então, os métodos de Scott eram um pouco diferentes dos seus.

— Bem, disse o velho, deixe-me colocar dessa forma: se fizemos nosso trabalho de maneira apropriada, os engenhos deveriam estar voltando a funcionar

..... *agora*. Por um instante, eles observaram o monitor e nada aconteceu. E então, vagarosamente, console por console, o que restou do Centro de Operações voltou à vida. O lugar estava cheio de luzes que piscavam.

Geordi riu, tão deliciado quanto uma criança que acabava de aprender um truque novo. Checou seus níveis: — E o tanque auxiliar está agüentando.

Scott sorriu para ele e depois indicou a pequena cadeira de comando da *Jenolen*. — A Ponte é sua, Comandante!. Geordi levantou a mão em objeção. — Uh, Uh, você é o Oficial Sênior aqui. — Posso ter a patente de Capitão, Scott reconheceu, mas nunca quis ser nada mais do que um Engenheiro. Fique com o comando, Geordi.

Por um momento, Geordi se achou admirando incrivelmente o Capitão Montgomery Scott. — Está bem, disse finalmente. — Vou assumir o comando.

Dirigindo-se para a cadeira de comando, sentou-se nela, enquanto Scott se dirigia para o painel de engenharia. — Ok, disse examinando as leituras no monitor do braço da cadeira. Vamos sair daqui, temos que ir ao encaço de uma nave. — Sim, senhor, disse o velho.

—Força total, disse Geordi. — Força total, Scott repetiu. E eles decolaram.

— Acionar.

Coisa engraçada os teletransportes, pensou Riker. A primeira vez que usou um, esperava ter alguma tipo de sensação passageira... alguma sensação de ser gradualmente retirado de um lugar e aparecer em outro. Mas não, nada disso. Num momento, você está na sala de teletransporte, e em seguida você está num planeta ou numa estação espacial ou numa outra nave. Não havia nada nos entremeios, não havia período de ajustes. Você apenas está de repente, *lá*.

E foi assim também, dessa vez. Exceto que dessa vez, *lá* era um lugar que Riker provavelmente nunca havia visto. E sem sentido, também, disse. — Se for de algum consolo, Troi comentou, não se parece com nada que tenha visto também.

Souza olhou em volta, primeiro para o platô perfeitamente redondo onde se encontravam, e que havia sido escolhido como um ótimo sítio para rematerializarem. Imensas torres se sobressaíam no céu azul-esverdeado em torno deles, estendendo-se num campo infinito até o horizonte estranhamente curvo. Rampas de várias larguras corriam de torre a torre, todas no mesmo nível do platô onde estavam, e profundos abismos se abriam nos intervalos entre as torres.

Tudo se encontrava numa sombra escura púrpura. Tudo era artificial, não havia brisa, nuvens, plantas, vegetação.... nem uma poeirinha. E, pelo menos neste local, nenhuma evidência de vida. Mas, então, eles não esperavam exatamente um grupo de boas vindas. O sítio onde se materializaram era uma área que eles já haviam feito uma varredura biológica sem sucesso. Era a área na qual os sensores não puderam sondar, talvez uns duzentos metros dali, a qual ainda mantinha a possibilidade de ter vida.

— Vamos, disse Riker, dando uma última olhada na nave. Gesticulando com seu tricorder, indicou a direção na qual eles tinham que ir. — Vamos embora, e tomem cuidado onde pisam.

Felizmente, muitas rampas davam acesso para onde iam. Esta era uma boa notícia. A má notícia era que as rampas eram estreitas e em ziguezague naquele local, como se alguém quisesse dificultar o acesso. Porém, isto era ridículo, Sousa pensou consigo mesmo. Nem todo mundo ia começar a caminhar do ponto onde eles estavam, certo? E se os construtores queriam prevenir que alguém fosse lá, então por que havia rampas lá?

Devagar, cuidadosamente, começaram a atravessar um dos abismos, um dos mais estreitos. Sousa não tinha nada em particular contra alturas, mas mesmo assim tentou não olhar para baixo. E não precisava olhar para a beirada para saber que o abismo era muito fundo.

Enquanto andava, o Alferes se maravilhava com o silêncio fantasmagórico do local. Mesmo o som dos seus passos pareciam ser "engolidos", como pedregulhos que caem num grande lago escuro.

Finalmente, chegaram numa das torres, com várias entradas em arco, uma para cada rampa de acesso, mas não havia portas. Sousa tentou olhar seu interior, mas estava escuro lá, como se estivesse escondido do sol, sob as sombras, e o contraste luz-sombra, era grande demais para que ele visse alguma coisa.

Riker foi o primeiro a entrar no lugar, com Troi bem atrás dele, e em seguida o resto do grupo. Mesmo depois que saíram da luz do sol, o Alferes levou um certo tempo que seus olhos se ajustassem ao lugar.

A primeira coisa que notou foi uma bancada numa das paredes

interiores, que se parecia com uma máquina monstruosa. Depois, à medida que perscrutava as outras paredes, ele viu a mesma coisa. Máquinas que subiam pela torre, tão alta que se perdiam na escuridão e na distância.

Sousa observou que não havia chão acima desse nível, não havia poço de escadas nem elevadores. Apenas o espaço vazio, e, claro, as máquinas.

— Como você acha que elas vieram parar aqui em cima? perguntou Krause, sua voz ecoando pelo lugar. — As máquinas? perguntou Sousa, seus ecos sobrepondo à primeira pergunta.

Krause balançou a cabeça, — Quero dizer, os construtores. Não há escadas, elevadores, nada!

— Não tenho a menor idéia, disse Bartel, a menos que eles voem.

Sousa olhou-a: — Voem?, repetiu, você quer dizer, como se tivessem asas?

Bartel deu de ombros. — Com ou sem asas. Talvez eles apenas apareçam onde querem, qual é a diferença? A questão é, eles chegaram aqui por seus próprios meios.

E era uma boa questão, admitiu. Mas agora, não havia ninguém lá, com ou sem asas, ou o que quer que fosse. Já que as máquinas também estavam mudas, não havia porque demorar-se por lá. Uma vez que registraram o que puderam nos seus tricorders, deixaram o local.

Uma vez mais caminharam pela rampa em ziguezague, uma rampa mais longa dessa vez. Porque não havia espaço para que mais de dois deles caminhassem

lado a lado, o grupo automaticamente seguiu em fileira de três pares. Andavam com espaços entre os pares, para minimizar a possibilidade de que um problema inesperado os atingisse todos eles de uma só vez. Como obra do acaso, Kane caminhou ao lado de Sousa.

Virando-se para ele, Sousa disse em voz baixa: — Um pouco mal-assombrado, não é?

O outro encarou-o, mas não respondeu. Ao contrário, fez um sinal para o seu tricorder que registrava todo o local por onde caminhavam. — Ah, o que é isso, Sousa sussurrou. — Vamos esquecer o que dissemos, tá bom?

Mas Kane não se deu por vencido. Sua única resposta foi um olhar de interrogação.

Sousa suspirou. Que assim seja. Não dou a mínima.

Mas quando Sousa olhou para as torres silenciosas ao redor e para o abismo que se abria ao seu lado, desejou que tivesse pelo menos uma pessoa com quem conversar, pois teria feito com que aquela caminhada fosse um pouco mais tolerável.

## **Doze**

Jean-Luc Picard conhecia seus oficiais seniors como a palma de sua mão. Ele sabia quando havia algo que preocupava um deles, mesmo quando não podia adivinhar os detalhes. E o Comandante Data, a despeito de sua falta de emoção humana, não era uma exceção.

Assim, quando o Capitão viu Data focalizando com mais intensidade do que o usual no seu Controle de Operações, e a sua sobancelha artificial se arqueou levemente com a concentração, dirigiu-se para o lado do andróide imediatamente. Para Data, aquilo era o equivalente a um grito de pânico.

— O que é? perguntou Picard.

Data olhou para ele: — Um problema, senhor.

Trabalhando nos consoles, apresentou um diagrama esquemático da Esfera e de sua estrela cativa. Várias seções da estrela estavam em evidência e aumentadas. — Nossos sensores mostram que esta estrela é extremamente instável, explicou o andróide. — É também propensa a explosões de radiação e ejeções de matérias.

O Capitão franziu os sobrolhos. — Isto explicaria porque a Esfera está abandonada.

Olhou para a tela principal ornamentada pela estrela cativa. — A equipe de terra está em perigo?, perguntou ao Segundo Oficial. — Não creio, senhor, disse Data. — Enquanto a radiação solar a longo prazo fez com que a Esfera ficasse inabitável, ela não apresentaria uma perigo a curto prazo. Fez uma pausa. — Pelo menos, não à equipe de terra.

Picard olhou seu Segundo Oficial. — Então, para nós?

Data assentiu. — A equipe de terra está muito mais longe do sol do que nós. Na nossa distância atual, com nossos escudos virtualmente inoperantes, uma labareda solar traria um perigo significativo para a tripulação.

O Capitão concordou, aceitando o conselho do andróide. — Mais do que o necessário para levantar os escudos a toda força novamente, tão cedo quanto possível.

Data assentiu, inexpressivamente, exceto pelo leve levantar da sua fronte. — isto seria sábio, senhor.

Riker deu uma pancadinha no seu intercomunicador uma última vez e esperou. Finalmente, balançou a cabeça: — Nada, disse. Absolutamente nada.

Troi concordou. — O que quer que esteja impedindo que nossos sensores sonдем, também esteja impedindo nossas comunicações com a

nave. Não era inesperado, disse.

— É verdade, concordou. Mesmo assim, não é bom descobrir que erramos, pelo menos a esse respeito. Não gosto da idéia de ter as comunicações cortadas com a Ponte. Olhou em volta. — Especialmente uma selva como essa.

A Conselheira sorriu. — Vai dar tudo certo. — Você está apenas encorajando-me, perguntou, ou está fazendo um jogo de adivinhações? Ela deu de ombros. — Nós, Betazóides, temos todos os tipos de talentos.

Riker resmungou. — Você é que está me dizendo! Troi olhou para ele com um olhar enigmático, mas não resistiu a um sorriso. Era bom fazer uma brincadeira ou outra, pensou Riker, pois até agora, sua missão tinha sido sem resultados e frustrante. Em todas as rampas que andaram, o resultado tinha sido o mesmo. Todas as torres estavam tão vazias quanto aquela primeira que exploraram: um monte de máquinas enormes que não desvendavam nenhum dos seus segredos. Não havia pistas do que aconteceu aos construtores. Nada que realmente indicasse sua raça, ou evidência de que ainda estivessem vivos.

Alguns minutos atrás, eles haviam chegado a um enorme platô redondo dentro da seção protegida dos sensores, e não era diferente da estrutura onde haviam se materializado. Riker fez uma parada enquanto tentava se comunicar com a nave. Porém agora, tinham que continuar. — Vamos lá, apontou para um agrupamento de torres logo em frente, vamos permanecer juntos e de olhos abertos.

Picard ainda estava ao lado de Data, observando a imagem da estrela cativa na tela principal. Meneou a cabeça: — Raios tratores automáticos, é?

O andróide assentiu. — Sim. Creio que foram projetados para guiarem as naves dentro da Esfera. — E nossas tentativas de comunicação acionou-os. — Precisamente, senhor. Depois a frequência de ressonância dos raios interferiram com a integridade de nosso sistema principal de energia, temporariamente tornando nossos engenhos inoperantes.

O Capitão deu um profundo suspiro. — Certo, isto faz sentido. Você se arriscaria a conjecturar em como podemos usar esta informação para nos tirar daqui?

Data não pareceu esperançoso. — Infelizmente, esta é uma outra questão ....

Repentinamente, Worf entrou na conversa. Sua voz tinha um tom de terrível emergência, e os Klingons não demonstravam esse tipo de preocupação facilmente.

— Senhor, os sensores mostram uma grande turbulência magnética na

superfície da estrela.

— Turbulência magnética?, Picard repetiu.

Data trabalhou nos controles numa velocidade que só ele podia ter. — É uma explosão solar, Capitão. Magnitude 12, Classe B. Picard virou-se para Worf. — Escudos, Tenente? O Klingon rosnou. — Escudos levantados, mas só temos 23%

— Amplie a imagem, ordenou o Capitão. Queria ver contra o quê lutavam.

Abruptamente, a tela mostrou uma enorme labareda de fogo, se dirigindo diretamente para a *ENTERPRISE*. Picard sentiu os músculos da face tensionar. A esta distância, 23% pode não estar a altura da tarefa que tinha à sua frente.

— A estrela entrou num período de crescente atividade. — Assim? De repente?, perguntou o Capitão.

Data assentiu. — Aparentemente, senhor. E a leitura de nossos sensores indicam que a chama solar tende a crescer. Em três horas nossos escudos não serão suficientes para nos proteger. — Droga, sussurrou alguém numa das estações. *Estes são exatamente meus sentimentos*, pensou Picard.

Estavam fundos numa das áreas protegidas agora. E ainda não havia nada a relatar, Riker pensou. As torres que investigaram aqui eram muito parecidas com aqueles que eles já tinham visto antes. Droga, tanto quanto podia dizer, eles eram *exatamente* iguais àqueles que tinham visto.

Virou-se para Troi, que ainda andava ao seu lado. Como antes, ela focalizava seu poder telepático no seu próximo destino. O Primeiro Oficial observou a sua face, procurando por algum sinal de descoberta. Não havia nenhum.

— Estamos num mato sem cachorro, disse gentilmente. — Não é?

— Ainda é cedo para dizer, ela replicou. — Não, não é não. Não para você, pressionou. — Se tivesse alguém aqui, você já teria sabido. Você teria pressentido.

A Conselheira mordeu os lábios. — Há mentes as quais não tenho acesso, lembrou a ele. — Os construtores podem estar nesta categoria. Eles podem ser diferentes de nós, tão sem emoções, talvez, que simplesmente eles não me registram. — Mas mais provavelmente, sugeriu, eles não estejam mais por aqui. Indicou uma torre em frente deles com um gesto da mão. — Se você morasse aqui, e seis estranhos aparecessem, você reagiria de outra forma? Sairia para cumprimentá-los? Atiraria neles? Qualquer coisa? — A menos que estivessem se escondendo, Troi disse, a menos que tivessem medos de nós. Não se esqueça, eles esconderam este lugar. Riker concordou.

E esta era uma possibilidade real. — Mas você não acredita nisso, acredita? Não do fundo do seu coração.

Troi devolveu o olhar. — Odeio dizer isto, mas .... Balançou a cabeça: — Não, não acredito. O que quer que tenha acontecido com o resto da população, deve ter acontecido aqui também.

Riker suspirou. — É a vida, acho. Às vezes você ganha, outras perde. Mas não parará de andar, tampouco Troi. — Vamos ainda em frente? perguntou apenas para confirmar o fato. — Uh, ainda precisamos checar este lugar de cima a baixo. Estas são as nossas ordens, disse. — Além disso, já viemos tão longe, não faz sentido voltarmos agora.

Scott olhava de um monitor para o outro. O primeiro mostrava uma representação gráfica de uma trilha de íons que eles estiveram seguindo. O segundo mostrava uma seção da Esfera Dyson bem abaixo deles. — Este é o fim do arco-íris, Geordi notou. Olhava intensamente para o monitor do braço da cadeira do Capitão. — Sim, concordou Scott. — O fim. — E não há nenhum pote de ouro. Nem a *ENTERPRISE*.

Scott apontou para um detalhe no seu monitor. — Olhe para a distribuição dos íons, disse. — Precisaria de um impulso com força total de ré para se deixar uma trilha assim. — Assim, onde quer que tenham ido, Geordi disse seguindo o raciocínio, não foram de livre e espontânea vontade. Isto faz sentido. Digo-lhe o que\_\_ eu procuro na espaço adjacente, e você procura na superfície da Esfera.

— Você vai ter um trabalhão, o homem concordou.

Enquanto trabalhavam, Scott balançava a cabeça. Ele ainda acreditava que a *ENTERPRISE* havia desaparecido dentro da Esfera, não havia outra explicação. Mas se era esse o caso, como isto aconteceu? Não havia sinais visíveis de alguma entrada ... e sem uma, sua teoria, ao contrário da Esfera, tinha um enorme buraco.

— Alguma coisa? perguntou Geordi depois de um tempo.

Scott deu de ombros. — Alguma radiação de baixo nível. E um monte de escombros de meteoros. De repente, seus olhos viram algo. — Espere, disse, o que é isto?

Alojado numa porção limitada da Esfera, Scott mapeou o lugar com o sensor. E certamente, a superfície da Esfera não era uma coisa lisa e ininterrupta como primeiro pareceu.

— Venha cá, jovem, disse a Geordi, tenho aqui algo que você talvez gostaria de ver.

Colocando-se ao seu lado, o mais jovem dos dois surgiu por sobre o ombro de Scott. — Aquela linha circular, disse, parece com algum tipo de

entrada. Ou ... fez uma pausa, uma escotilha de entrada. — Sim, confirmou Scott, e olhe isto.

Olhando para o seu painel de controle, superpôs a imagem da trilha de íons sobre a imagem da escotilha. A trilha terminava bem em cima da linha circular. Scott e Geordi trocaram olhares. — Aposto com você duas garrafas de whisky que a *ENTERPRISE* está dentro da Esfera neste exato momento, disse Scott, e que eles atravessaram exatamente por esta escotilha. — Sem apostas, disse Geordi. — A questão é ... Como vamos abrir a porta para *nós!*

Sim, pensou Scott Esta era uma *boa* pergunta. Juntos examinaram a imagem por um momento, então Geordi disse: — Olhe aqui. Isto parece com algum tipo de sistema de comunicação.

Parecia familiar. — Sim, disse o velho. — Encontramos centenas deles quando iniciamos nossa pesquisa há 75 anos atrás. — Tentaram se comunicar? perguntou Geordi. — Claro! Este era o procedimento padrão na minha época, não que nos tenha feito algum bem. Nunca houve alguma resposta. Franziu os sobrolhos. — Aí, os enrolamentos explodiram.

O jovem resmungou. — Tentar se comunicar ainda é o procedimento padrão hoje....

De repente, seu rosto ficou tenso: — Espere um minuto, Scott. E se isto *não* for um sistema de comunicação? E se for algum tipo de terminal remoto de acesso ... que é acionado por um sinal subespacial de uma dada frequência?

Scott sentiu um suor frio descer pela sua espinha. — Frequências como o nosso padrão de comunicação? — Exatamente! Quando a *ENTERPRISE* viu este terminal, eles provavelmente fizeram a mesma coisa que vocês 75 anos atrás, ou seja, abriram um canal de comunicação. Só nesta hora, foi acionado algo, que por sua vez, ativou a escotilha e puxou a nave para dentro da Esfera!

Scott pensou por um momento. — Mas por que a *Jenolen* não foi puxada para dentro também? E então, Scott respondeu sua própria pergunta: — Ah, por que não estávamos perto de uma escotilha. — Não, disse Geordi, não estavam. Mas vocês podem ter ativado um mecanismo semelhante, um projetado para afastar naves indesejáveis das escotilhas. Exceto .... exceto que talvez a *Jenolen* não fosse grande o bastante ou forte o bastante para sobreviver a este mecanismo de afastamento, e seus enrolamentos acabaram explodindo.

O velho assentiu com admiração. Este Geordi LaForge prometia, afinal. — Uma boa dedução, jovem. De fato, muito boa.

Geordi sorriu em agradecimento. Mas o sorriso desapareceu depois de um momento, quando lembrou do dilema em que se encontravam. — Vamos

assumir por um momento, que estejamos certos, disse a Scott. — Como isso nos ajuda a ajudar a *ENTERPRISES* Se tentarmos abrir a escotilha, podemos ser puxados para dentro como eles foram. — Sim, jovem. Isto é algo para se considerar. E Scott considerou. De repente, achou a resposta. Estalou os dedos: — Por outro lado... talvez tudo que precisamos é colocar nossos pés na porta.

Geordi parecia obviamente confuso. — Nossos .... pés na porta?, repetiu. — Não entendi.

Repentinamente, sentindo-se cheio de energia, Scott explicou. — Olha só, aqui vai. Você vê, nós acionamos o terminal com uma transmissão subespacial .... — Acionamos? Mas então seremos puxados por o que quer que tenha puxado a *ENTERPRISE*!

Scott meneou a cabeça. — Não se estivermos longe, digamos uns 500.000 quilômetros. Cocou o queixo, imaginando o cenário. — Então, quando a escotilha começar a se fechar de novo, wham.! corremos e usamos a Jenolen como encaicho para manter a coisa aberta e a *ENTERPRISE* poder escapar!

Geordi olhou para ele como se o homem estivesse completamente maluco. Mas Scott não se importou. Já estava se dirigindo para o Console de Engenharia. Afinal, quanto mais cedo começasse, mais cedo eles poderiam colocar seu plano em ação.

— Você não pode estar falando sério, disse Geordi, seguindo-o para o console. — Aquela escotilha ... pode nos esmagar como se fossemos casca de ovo, e um bem frágil. — Deixe isto comigo, disse Scott. — Posso aumentar a força do escudo para a força de dobra através da tela do relês.

Geordi meneou a cabeça. — Não tem condição. Esses engenhos mal estão se agüentando! Se você forçá-los eles explodirão.

Scott desconsiderou a possibilidade. — Eles vão agüentar, jovem, não se preocupe com isso. Eu sei como conseguir *gigawats* extras dessas crianças.

Geordi suspirou. — Scotty, isto é suicídio! Não vou permitir que você nos mate! Tem que haver outra coisa que possamos fazer, algo menos... bem, menos *maluco*!

Mas Scott não era fácil ser convencido. Quando olhou para Geordi, sua voz era um misto de convicção e súplica. — Geordi, meu jovem, eu passei minha vida inteira descobrindo como fazer coisas malucas funcionarem. Seus olhos fixaram-se no visor do homem. — Estou lhe dizendo, de um engenheiro para outro, *eu posso* fazer isto!.

Por um momento, encararam-se. Scott quase podia ver Geordi remoendo-se por dentro, à procura de seus instintos, para agir. Finalmente, chegou a uma decisão. — Tá bem, disse, vamos em frente.

Sorrindo amplamente, de orelha a orelha, Scott deu um tapinha nas costas de Geordi: — Grande, menino!, disse com verdadeira afeição. — Bem vindo ao clube!

E juntos, unidos numa proposta, voltaram a atenção para o árduo trabalho que os esperava.

Na Ponte da *ENTERPRISE*, Picard preparou-se para o impacto da colisão com a labareda solar. À sua volta, seus oficiais fizeram o mesmo.

— Impacto em vinte e dois segundos, anunciou Worf. O Capitão franziu a testa. Eles haviam sobrevivido a quase todo o tipo de investida possível. Haviam resistido à maioria dos horripilantes fenômenos cósmicos, e aqui estavam eles,

virtualmente impotentes diante de uma simples tempestade solar. Seria a suprema ironia se algo tão absolutamente comum consumisse o que os Ferenguis, os Romulanos e os Borgs tinham falhado: a destruição da melhor nave da Frota Estelar.

— Dez segundos, contava o Klingon

Picard rangeu os dentes. Recusava-se a acreditar que terminaria daquela forma. A *ENTERPRISE* sobreviveria, se dependesse apenas da força de vontade de seu Capitão.

— Cinco, disse Worf, quatro, três, dois, um.

Como o desabrochar de um plasma flamejante explodindo contra os escudos remendados da *ENTERPRISE*, a nave foi sacudida como uma folha numa tempestade. Picard se agarrou na beira do console de Data, mal se mantendo em pé.

Mas antes que essa fração de tempo de impacto terminasse, Picard soube que sua nave sobreviveria. E enquanto escutava a voz de Worf, sua suspeita se confirmou.

— Escudos agüentando, rosou o Klingon. — Mas perdemos outros 15%, senhor.

Droga! Outra explosão igual a esta, pensou Picard, e não teremos mais escudo nenhum. Estava começando a achar que o prognóstico de Data, que lhe soou austero, era na realidade otimista demais.

Abruptamente, o andróide virou-se para ele: — Senhor?, permissão para falar.

O quer era agora? Mais notícias ruins? — Vá em frente, Sr. Data. — Controle de leme restaurado, reportou seu Segundo Oficial. — Força de impulso em 60%. Picard sorriu. — Excelente!

Sob aquelas circunstâncias, 60% soou ótimo. Talvez a sorte deles estivesse mudando. — Alferes Rager, disse, tire-nos daqui a meia força.

Dobre a nossa distância da estrela. — Sim, senhor, disse Rager. — 300.000 quilômetros.

Alcançaram o objetivo em segundos. E a esta distância, o Capitão julgou, estavam razoavelmente seguros das chamas, mesmo com os escudos enfraquecidos.

Postando-se ao lado de Data, acrescentou: — Agora, tudo que precisamos é sair daqui. O andróide olhou para ele: — Posso conduzir uma procura para outra escotilha ou portal que possa estar ainda aberta. — Boa idéia, observou Picard, faça isso. — No entanto, Data continuou, a área da superfície interna da Esfera é maior do que 10 a décima sexta potência de quilômetros quadrados. Levará mais de 7 horas para fazermos uma varredura completa da superfície.

A nave balançou novamente, bem mais de leve dessa vez. Aparentemente, eles ainda estavam ao alcance das chamas. Picard encarou o andróide significativamente. Data assentiu: — Vou me esforçar para apressar o processo, senhor, prometeu. — Obrigado, disse o Capitão. E quando desviou sua atenção para a tela principal, imaginou como estaria se saindo a equipe de terra.

## Treze

Enquanto Kane andava ao lado de Sousa em direção à próxima torre, resmungava. Algo tinha desmanchado seu cabelo. Virando-se para aquela direção, sentiu uma brisa. Que tal isto? Havia um vento soprando! Bom! Isto faria com que aquele lugar parecesse menos com uma tumba.

Seu companheiro pareceu notar o vento, também. Por um momento, seus olhares se encontraram, e Kane viu remorso nos olhos de Sousa. Mas apenas por um instante, pois em seguida desviou o olhar e dirigiu-o ao objetivo. Parecia que terminaria aqui a dupla que fazia com Sousa, depois do que havia acontecido entre eles. E parecia também que ele se acabaria nesta equipe de terra.

Finalmente, havia saído da nave, pensou, e acabou numa das missões mais enfadonhas da história da Frota Estelar. Encarou Riker, que estava numas das rampas paralelas, se dirigindo para uma outra torre. Obrigado por nada, Comandante. Depois que Riker havia finalmente concluído a inutilidade desta missão, dividiu o grupo para apressar o fim. Pelo menos isto, Kane disse para si mesmo, pelo menos, terminariam a missão logo.

E, depois? Ele não tinha muito a fazer de volta a nave, tampouco. A menos, é claro, que ser incluído nesta equipe de terra fosse um presságio para o que estava por vir, e o Primeiro Oficial tivesse decidido dar-lhe um tempo....

Mas primeiro, havia aquela próxima torre. A última torre. Suspirando de impaciência, Kane seguiu uma ladeira tortuosa, e se dirigiu para uma entrada em arco. Sousa seguia-o passo a passo, como se fossem ainda amigos, um olhando pelo outro. E de quem era a culpa se não eram mais amigos? De Sousa, pela sua virtude de sentir pena dele? Ou de Kane, por seu defeito de humilhar os outros? Uma coisa era se exibir para pessoas como Andy Sousa quando se estava em ascensão, e poder se sentir bem em lançar a eles as migalhas. Mas quando você está por baixo, você não os quer por perto, nem vê-los. Você não quer ser lembrado o quanto decaiu e, certamente, não quer aceitar pena deles, porque pena é algo que *você* tem que ter por *elas*, e não o contrário.

Assim, talvez fosse culpa dele que ele e Sousa não fossem mais amigos. E daí? Quem se importa?

Enquanto pensava nestas coisas, haviam mergulhado no interior da torre. Mas não levou mais do que um segundo antes que Kane notasse que esta torre era igualzinha às outras. Um monte de máquinas e nada mais.

Sousa pareceu ter chegado à mesma conclusão. Kane podia dizer pelo

seu olhar que ele estava pronto para partir. Repentinamente, Kane achou que queria ficar, pelo menos por mais um instante, se não por uma razão, mas a de ser do contra.

E para ser mais do contra ainda, tirou seu phaser. E chamou a atenção de Sousa, que arregalou os olhos na fria escuridão da torre. — O que está fazendo? perguntou. Kane deu de ombros. Usando a ponta do phaser, indicou a barreira de máquinas dos construtores. — Nada de mais, replicou, apenas dando uma olhada de perto nestas coisas, para ver o que há por dentro. E com isto, ajustou o seletor de sua arma perto da última posição.

— Não, disse Sousa. — Você está louco! — Talvez, Kane admitiu. — Ou talvez, eu encontre algo aqui que acabe dando graça a esta missão. E mesmo que eu não encontre, quem vai se importar? As pessoas que construíram essas coisas estão mortos como poeira.

Sem muita pressa, apontou o phaser para a parede mais próxima e atirou. Um raio vermelho foi lançado bem no meio da maquinaria alienígena, criando um buraco de vapor sibilante, do tamanho de um punho. O ar na torre ficou de repente rarefeito com o cheiro acre de metal queimado.

— Kane, gritou Sousa. — Droga, pare com isto!. Você não sabe os estragos que pode causar!

O Alferes riu internamente. — Esta é a questão, timoneiro de araque. E qual a melhor maneira de descobrir o que estamos perdendo .... do que cortar as entranhas e checar o que há por dentro?

Enquanto levantava novamente seu phaser, o vapor crescia em extensão. Mais e mais. Claro, não dava para ver todo o conjunto a não ser as pretas e retorcidas colunas que pareciam vidros quebrados, mas que não impedia que Kane continuasse. Se Kane realmente tinha alguma curiosidade científica, esta desapareceu, pois agora eles eram o bode expiatório de Kane, o objeto no qual ele focalizava todo seu ódio e frustração que esteve guardando dentro de si.

— Eu disse ... pare com isto! berrou Sousa, por sobre o silvo do phaser. Kane ignorou-o. Afinal, o que Sousa podia fazer? O que ....

De repente, o Alferes sentiu algo duro na sua mandíbula. Caiu, enquanto o mundo se tornava quente e vermelho. Quando teve o controle de seus sentidos vacilantes, viu que escorregava para trás, sobre o chão macio da torre.

Sousa estava de pé no centro da torre, com as pernas separadas, como se esperasse por Kane. E o phaser veio escorregando pelo chão perto de seu dono, tendo se desligado quando caiu da mão de Kane.

Quando o Alferes escorregou para parar contra uma parede mais distante, Kane notou que havia algo errado. Talvez fosse a interação da luz

com a sombra, talvez fosse outra coisa, e quando percebeu o que havia de errado, já era tarde demais para evitar.

Com um som terrível, como o grito de algum grande animal ferido, um pedaço da maquinaria alienígena veio abaixo da parede. Kane viu Sousa se voltar e olhar para cima, para tentar escapar. Mas não pôde, não totalmente. O pedaço em forma de cunha da maquinaria atingiu-o ao cair no chão, prendendo-o sob seu terrível peso.

Kane tentou dizer algo, mas as palavras não saiam. E finalmente, gritou: — Sousa! e de novo, mais alto, de tal forma que o grito ecoou por todo o imponente edifício alienígena: — Sousaaaaa!

Levantando-se, Kane pegou sua arma e arrastou-se até seu companheiro caído. Por favor, fique vivo, pensou. Por favor, fique vivo. E quando chegou até ele, suas preces foram atendidas, pois o homem ainda respirava. Porém, a perna de Sousa estava debaixo da maquinaria, esmagado, com certeza. E talvez estivesse machucado em outros lugares, pois seus olhos permaneciam fechados.

Droga, pensou Kane. O que foi que eu fiz? O que foi que eu fiz?

— Kane! O grito veio detrás dele. Girando, viu Will Riker parado na entrada em forma de arco da torre.

— Comandante!, chamou o Alferes, sinceramente feliz por vê-lo. Diabos, precisava de ajuda, não precisava? — E o Sousa. Está ferido!

Franzindo a testa, o Primeiro Oficial atravessou o espaço intermediário em três passadas e ajoelhou-se ao lado de Sousa. Usando seu tricorder, checkou as condições do homem.

— Está em choque, Riker concluiu. — E perdendo sangue. Pela primeira vez, avaliou o pedaço da máquina. — Temos que tirar isto de cima dele.

— Certamente, disse Kane, pegando ansiosamente uma dos lados recortados da peça. — Vamos fazer isto!

Nessa hora, chegou ajuda de Troi, Krause e Bartel. A expressão da Betazóide estava torcida em agonia, como se ela fosse a vítima sob o peso. E os outros estavam apenas ligeiramente menos angustiados. — Meu Deus, cochichou Krause. — O que aconteceu aqui?

Mas, felizmente para Kane, não havia tempo para responder a pergunta. Eles tinham que concentrar todos os seus esforços para levantar a pesada máquina alienígena.

— Pronto, disse Riker, levantem!

Com esforço, conseguiram erguer a cunha, e tão gentilmente quanto possível, Troi puxou Sousa para fora. Então, eles baixaram novamente a peça ao chão.

Porém, Sousa parecia horrível, seu rosto parecia cera, seu cabelo

emaranhado de suor. Kane se ajoelhou ao lado do amigo, enquanto Troi verificava a perna com o tricorder. Afinal, era ela que mais se aproximava de um médico naquela equipe de terra. — Ele ... vai ficar bom? perguntou Kane.

A Conselheira olhou-o ... e suas sobrancelhas se uniram sobre seus escuros e penetrantes olhos. Ela sabe que sou o responsável, pensou Kane. Ela pode ver a culpa se contorcendo nas minhas entranhas.

Porém, Troi respondeu mesmo assim: — O osso da perna foi esmagado e há algum ferimento neurológico. Mas nada que a Dra. Crusher não possa dar um jeito.

Graças a Deus!, pensou Kane. Ele vai sair desta.

— Isto é, Riker acrescentou, se pudermos levá-lo de volta à nave. Infelizmente, não podemos apenas teletransportá-lo, mas temos que levá-lo de volta com a nave. — Mas não podemos nos comunicar com a nave através dos escudos, lembrou-o a Betazóide.

O Primeiro Oficial franziu a testa. — E é um longo caminho de volta ao ponto onde começamos, especialmente porque tão temos uma maça.

Troi balançou a cabeça. — Com maça ou sem ela.... Eu preferira não movê-lo se houver uma outra maneira. Precisamos voltar à nave e trazê-lo para cá nós mesmos. Kane praguejou intimamente, pois isto levaria tempo e Sousa parecia cada vez mais pálido.

O Primeiro Oficial concordou. — Vamos começar com isto. Virou-se para Bartel: — Tenente, você....

— Comandante? Kane falou antes que se desse conta. Riker olhou-o: — Sim, Alferes?

Kane engoliu em seco. — Senhor, eu quero ir com o senhor. Eu quero\_\_

O que queria dizer era *compensar o meu erro*, mas sua voz simplesmente sumiu.

Mas o Primeiro Oficial não compreendeu. — Ele é seu amigo. Compreendo a sua situação. Virando-se para Bartel disse: — Não importa. E então, mesmo sem ver se Kane estava seguindo-o, Riker dirigiu-se para a rampa. O Alferes seguiu-o de perto.

Aquilo ia ser mesmo um trabalho complicado, Geordi pensou consigo mesmo. Muito engenhoso.

Infelizmente, não era como se eles tivessem muitas alternativas, nem tampouco uma questão de tentar ou não o plano de Scott, ou deixar a *ENTERPRISE* para sempre aprisionada na Esfera Dyson.

Movendo-se com meia força de impulso, a *Jenolen* lentamente se aproximava cada vez mais do lugar onde supunha-se estar a escotilha. Se é

que havia uma escotilha.

Não, Geordi pensou. Não podia ter dúvidas, não agora.

Consultou seu monitor: — Estamos a 500.000 quilômetros, disse para Scott, que no console, assentiu. — Sim, jovem. Manejando os controles como um virtuoso, parou a nave completamente.

Geordi suspirou profundamente. E então, com um supremo esforço de concentração, fez os arranjos necessários para a próxima cartada. — Como vão indo os engenhos?, perguntou. — Estão prontos, anunciou Scott.

Geordi encarou-o. Parecia ser tão frio quanto andar sobre o éter. Ou Scott acreditava em sua estratégia muito mais do que ele, ou ele estava louco. Quem sabe, um pouco das duas coisas!

— OK, disse LaForge. — Fique com os dedos cruzados. Aqui vamos nós. Rangendo os dentes, lançaram-se em direção à escotilha.

O monitor de Geordi mostrava a superfície da Esfera. Por um momento, nada aconteceu. E então, lentamente, milagrosamente, surgiu uma rachadura, que se abriu e assim permaneceu.

Geordi deu um soco no ar: — É isso aí!

Scott murmurou: — Você não devia se mostrar tão surpreso, observou.

Das redondezas da escotilha completamente aberta, seis raios tratores vasculhavam o espaço à procura da nave para atraí-la ao seu interior, mas nada encontraram.

— Vamos lá, disse Geordi. Não há nada aqui para você. Desista. Mantinha seus dedos prontos sobre os controles. — Ainda não consigo abrir um canal para a *ENTERPRISE*, disse Scott. — Há muita interferência! Temos que esperar até chegar bem na porta. — Tudo bem, jovem. Temos tempo, seu companheiro assegurou.

Os raios tratores eram persistentes, mas não *tão* persistentes. Depois do que pareceu um longo tempo, eles finalmente se desligaram e instantes depois, como se estivessem frustrados por não conseguirem engolir nada, a escotilha começou lentamente a se fechar.

— É isso aí, disse Geordi, sentindo seu coração bater com mais força contra as suas costelas. — Vamos em frente, a força total!

Os dois homens trabalharam febrilmente sobre seus controles. Em algum lugar, debaixo de seus pés, a engrenagem das máquinas ressoaram pela nave. Será que agüentarão? Podiam confiar nos reles dos circuitos? Ou nos condutores de força?

Enquanto Geordi fazia uma pequena correção de curso, achou-se pensando sobre os tanques auxiliares. Eles teriam todo o tempo do mundo para explodirem\_\_

Mas segundos depois, eles estavam livres e se dirigiam à escotilha mais

rapidamente do que ela era capaz de se fechar sobre eles, embora a margem de erro fosse bastante pequena. E graças a sua habilidade de pilotar, eles estavam bem no alvo.

Enquanto a abertura diminuía, eles manobram a *Jenolen* para bem no meio

da escotilha, e..... pararam. Geordi teve tempo para olhar de relance para seu

companheiro nesta aventura louca. Scott estava sorrindo, sorrindo de verdade.

Mas então, Geordi pensou consigo mesmo, seu companheiro já havia trapaceado com a morte. Para Montgomery Scott, cada suspiro que ele deu desde que deixou a nave de transporte *Jenolen* era um bônus. E isto fez com que fosse mais fácil arriscar-se novamente.

Por outro lado, LaForge não estava tão disposto a desistir de Scott. Ele já havia "morrido" antes, e sabia que não era nenhum piquenique.

— A qualquer momento agora, disse Scott, olhando em volta, como se pudesse ver a mandíbula mecânica da Esfera se fechar sobre eles. — A qualquer mom....

De repente, a nave foi sacudida. A escotilha havia se encontrado com o escudo defletor da *Jenolen*, e como Scott havia previsto, os escudos eram mais fortes. Eles realmente haviam colocado o pé na porta.

Mas por quanto tempo iam agüentar? Sem perder um segundo, Geordi abriu um canal de comunicação verbal com a *ENTERPRISE*.

## Quatorze

Worf havia estado olhando atentamente para seu monitor de comunicação, no Tático, esperando ouvir notícias do Comandante Riker e sua equipe. Então, quando a tela se iluminou indicando uma mensagem chegando, não era de se surpreender.

Contudo, Worf estava surpreso. De fato, mal podia acreditar o que seu monitor estava lhe dizendo; teve que olhar duas vezes para confirmar.

— Capitão, disse.

Picard, que estava ao lado de Data no Operações, virou-se: — Sim, Tenente?

— Há uma mensagem chegando no áudio, senhor.

Picard franziu a testa: — Por que o Comandante Riker não contactou diretamente? — Não é o Comandante Riker, Worf explicou, é o Comandante LaForge, senhor. — LaForge\_\_

repetiu Picard, levantando a sobrancelha. — Pelo amor de Deus, Tenente, coloque-o no áudio!

Um momento depois, a voz de Geordi ecoou pela Ponte: — Aqui é o Comandante LaForge. Pode me ouvir, *ENTERPRISE!* — Nós estamos ouvindo, Comandante, o Capitão assegurou. Continue.

Geordi apoiou-se num dos consoles da Engenharia da *Jenolen*. A nave sacudia-se loucamente, seus escudos ameaçando esmagá-los, seus engenhos sobrecarregados ecoando pela nave ... apesar dos esforços de Scott

Enquanto falava com o Capitão Picard, Geordi tentava ignorar o caos ao seu redor. Ele tinha que cumprir o que ele e seu companheiro havia estabelecido: resgatar a *ENTERPRISE*.

— Capitão, estamos usando a *Jenolen* como um encaixe para manter a escotilha aberta...

— O quê? exclamou Picard. — Será que o ouvi corretamente, Comandante?

— Sim, senhor, mas nossos escudos não agüentarão a pressão por muito tempo. Houve uma breve pausa: — Entendido, veio a resposta do Capitão. — Infelizmente, não podemos retornar à entrada agora. Comandante Riker e uma equipe estão na superfície da Esfera.

Scott gritou: — *Onde* diabos eles estão? Maravilha, pensou Geordi, m-a-r-a-v-i-1-h-a!

— Não posso deixá-los aqui, Picard disse firmemente. — E eu não posso prometer nada, disse ao Capitão. — Mas vamos agüentar tanto quanto pudermos. LaForge desligando.

— Droga, disse Riker, elevando a sua voz para ser ouvido. — De onde vem todo este vento?

Kane, que se encontrava atrás dele, balançou a cabeça mostrando que tampouco ele sabia a resposta. Quando eles deixaram a torre onde estavam Sousa e os outros, o Alferes tinha notado que a brisa estava mais forte, porém nada como agora.

Se as rampas estavam silenciosas na vinda, agora não estavam mais. A mesma rajada de vento que os atingia, forçando-os a andar bem perto do chão para não serem empurrados para trás, parecia trazer das profundezas do abismos os ruivos demoníacos que ouviam.

Kane estava contente por não precisar voltar para os seus amigos. Nesta ventania, seria quase impossível. Eles apenas se refugiariam em uma das torres, aquela ali em frente ou outra qualquer, e aguardar a chegada da nave.

Ao contrário de pessoas, a nave podia agüentar um tempo daqueles, pensou consigo mesmo. Elas eram construídas para suportar condições adversas. Ao pensar na fragilidade humana, lembrou-se dos ferimentos de Sousa. Como pôde ser tão estúpido? Como pôde simplesmente atirar naquelas máquinas alienígenas?

Kane desejava voltar no tempo, rebobinar a fita e apagar, como se nada tivesse acontecido. Mas não podia fazer isto. Não importava quão Sousa estava ferido, não importava o que viria no futuro, ele teria que viver para sempre com a lembrança do que havia feito. Porém, ele não estava só. Troi também sabia, talvez não em todos os seus detalhes, mas sabia. E ela não guardaria aquilo como um segredo, não algo tão grave quanto quase matar alguém durante uma missão em terra.

E mais, Kane não a culpava. O que quer que lhe acontecesse, ele era merecedor.

De repente, a torre estava bem à frente deles. E eles se apressaram para se protegerem do vento, atravessaram os arcos da entrada, e se sentaram no chão.

Riker balançou a cabeça, seu rosto vermelho e queimado pelo vento: — Que belo tempo estamos tendo!

O Alferes resmungou, e virou-se medindo o espaço que tinham à frente. Depois do que havia feito, não conseguia olhar o Comandante nos olhos.

Riker pareceu não notar. Suspirando, levantou-se novamente. — Vamos, disse, não temos tempo para descansar agora, Alferes.

Seguindo o exemplo de seu Primeiro Oficial, Kane se levantou e começou a caminhar na próxima rampa. Depois de uma breve pausa, o vento atingiu-o com uma ferocidade ainda maior. Pior, o vento parecia ter se tornado temperamental, mudando de direção agora, tornando-se difícil

manter o equilíbrio.

Alternando seus movimentos, ora caminhando devagar de acordo com o vento, ora precipitando-se para frente quando o vento diminuía, Kane fazia bons progressos. Porém, logo em frente, Riker movia-se vagarosamente, abrindo caminho no vento cortante. Talvez de onde ele vem, Kane especulou, as pessoas fossem mais acostumadas com esse tipo de tempo.

Repentinamente, diante de seus olhos incrédulos, o Primeiro Oficial foi atingido por uma inesperada lufada de vento. Mesmo isto não ia pará-lo. Mesmo com Riker se agarrando na rampa, o vento o empurrava rapidamente e sem aviso para a beira do abismo.

Kane tentou correr para ele e estender-lhe a mão, mas não conseguia. Mal havia dado meia dúzia de passos antes de Riker escorregar para o abismo.

— Nãaaaao, gritou, com o vento levando suas palavras. — Droga, nãaaaao!

Primeiro Andy Sousa, e agora, Will Riker. Ambos vítimas de suas tolices. Se não fosse por sua impaciência, ao atirar nas máquinas, todos eles estariam alojados em segurança em alguma torre. Ao invés disso, o Primeiro Oficial estava morto, e talvez seu amigo Sousa também.

Tudo por minha culpa, pensou Kane. Minha culpa.

E aí, viu uma mão tentando se agarrar na beira da rampa de onde Riker havia caído. Cinco dedos se agarrando à vida, mas escorregando lentamente.....

Mergulhando naquela direção, não se importando de que ele também podia ser carregado pelo vento, o Alferes chegou a poucos metros da mão de Riker. — Segure-se!, gritou, sem ter a certeza de que o Comandante podia ouvi-lo ou não. — Segure-se!

Arrastando-se de bruços, ignorou o vento cortante que tentava empurrá-lo para uma outra direção. Todo o seu mundo, o universo inteiro, veio à tona para apenas uma coisa: salvar o seu Oficial Comandante.

Palmo a palmo, ia avançando. Palmo a palmo, lutava contra o vento, contra a rampa íngreme e contra seu próprio cansaço. E finalmente, depois do que lhe pareceu ser a eternidade, estava à distância de um braço.

Mas então, os dedos de Riker estavam brancos, e apenas os tendões dos seus dedos os separavam da morte. Kane pulou e agarrou o lugar onde deveria estar a mão de Riker. E como esperava, havia algo lá. Kane fechou sua mão sobre ela, bem na hora em que Riker caía para o abismo. Kane sentiu um peso terrível ameaçar arrancar seu braço do lugar, enquanto Riker balançava livre no ar. Depois, enquanto permanecia impotente no lugar, lentamente Kane começou a sentir que escorregava para a margem da rampa.

Algo dentro dele gritava para largar Riker, caso contrário, ambos cairiam no abismo abaixo deles, ambos morreriam!

Porém, Kane não desistia. Permanecia se agarrando, seu rosto colado contra o chão, mesmo com o peso de Riker arrastando-o até os limites da rampa. Quase podia sentir-se caindo para dentro da boca aberta do infinito....

Porém, isto não aconteceu. Houve um momento de pausa e lentamente, Riker começou a subir em seu braço. Quando sentiu uma dor aguda logo abaixo de seu cotovelo, segurou o pulso de seu Primeiro Oficial, e então sentiu outro puxão no seu bíceps.

Antes que se desse conta, Riker havia subido em seu braço, e agarrado com a mão a beira da rampa novamente. Um segundo mais tarde, outra mão. Sem o peso do Primeiro Oficial a puxá-lo para baixo, Kane agarrou a sua blusa, e juntos, num enorme esforço conjunto, conseguiram puxar o Primeiro Oficial de volta à rampa, fora dos domínios da morte.

Por um momento, ficaram deitados no chão, ofegantes, deixando vir à tona as suas emoções. Depois, Riker segurou os ombros do Alferes e empurrou-o em direção do sítio onde haviam se materializado. Kane mal podia acreditar na coragem de seu Comandante. Ele tinha estado balançando suspenso no vento a apenas um instante atrás, tão perto da morte que quase podia tocá-la. E mesmo assim, ainda podia achar meios para puxá-lo, para completar a sua missão.

Meio que andando, meio que se arrastando, alcançaram o lugar. Mesmo antes de chegar no platô onde se materializaram, o Primeiro Oficial já acionava seu comunicador e chamava pelo Capitão.

A sorte não os havia abandonado. — Número Um, vocês estão bem? Que barulho é este aí atrás? perguntou o Capitão.

Riker contou sobre eles e sobre Sousa. — É melhor vocês se apressarem, disse o Capitão. E em seguida explicou sobre as chances da *ENTERPRISE* e da *Jenolen* de escaparem da Esfera. — Vamos agüentar o máximo possível, prometeu, mas não temos muito tempo.

A voz de Picard ainda ecoava na cabeça de Kane quando viu seu Comandante acionar novamente o comunicador. — Riker para nave auxiliar, gritou. — Nave auxiliar *LaSalle* respondendo, veio o som pelo comunicador.

Quando Kane olhou para cima, viu algo de que Não gostou, não mesmo. — Comandante, olhe!

O Alferes apontava para a nave que era sacudida violentamente pelo vento. Ela não se encontrava mais no local onde haviam-na deixado, mas apenas a poucos metros de uma das torres.

O Primeiro Oficial praguejou. — Dois para subir, disse à nave. — Agora!

Mas antes que a nave pudesse trazê-los uma forte lufada violenta fez o que eles tanto temiam: destroçou a *LaSalle* de encontro a uma das torres alienígenas! Em seguida, houve uma explosão titânica. Kane podia sentir o coração na boca. Como um passe de mágica, a nave desaparecia, e em seu lugar havia uma chuva de destroços flamejantes.

O coração do Alferes voltou a bater compassadamente, mas a de Riker não. — Temos que alertar os outros, disse. — Eles tem que vir até aqui da melhor maneira que puderem. Fez uma pausa por um breve momento e completou: — E esperar que a *ENTERPRISE* possa nos teletransportar enquanto estiver saindo da Esfera. Riker para Conselheira Troi, gritou o Primeiro Oficial. Não teve resposta. Tentou de novo. Nada ainda.

— É o escudo do sensor, disse Riker. Este escudo não impede só os sinais vindo de cima, mas também os sinais que vêm de dentro.

O Alferes assentiu. — O senhor está certo, disse. E inútil.

E com isso sobrou apenas uma alternativa. Kane encolheu-se intimamente com o seu pensamento. Olhou de relance para o caminho em que vieram... nos ziguezagues, nas rampas varridas pelo vento cortante, e dos uivos dos abismos. E olhou para Riker.

— Você fica aqui, disse o Primeiro Oficial. — Vou até onde estão e trazê-los para cá.

O Alferes se sentiu tentado a deixá-lo ir. Pelo menos por um segundo ou dois. E então, agarrou a blusa de Riker novamente, como havia feito um pouco antes: — Ao diabo que você vai, rosnou. — Vou com você!

O Primeiro Oficial encarou-o. E depois, lentamente, um sorriso se espalhou pelo seu rosto.

— Faça como quiser, disse. Mas não se meta em encrencas, certo? Kane assentiu. — Tem a minha palavra.

Dominando seus nervos, os dois homens iniciaram o caminho de volta para buscar Sousa e o restante da equipe.

## Quinze

Deanna Troi começou a se preocupar quando ouviu o vento lá fora da torre onde estavam, uivando como espíritos sobrenaturais anunciando mau augúrios.

Deixando Sousa aos cuidados de Bartel e Krause, foi até o arco da entrada de onde Riker e Kane haviam saído e sentiu a força do vento em seu rosto. Lá, disse apenas uma palavra: — Will...

Ele estava em perigo. Não precisava do comunicador para saber disso; podia dizer pelos fluxos das emoções dele. Estava em terrível situação. E ela não podia levantar a mão para ajudá-lo.

Agora, estava de novo na entrada, não mais com medo ou confusa. O vento ainda soprava forte, mas talvez tivesse diminuído um pouco. E Will Riker estava vivo, a despeito daquele momento horrível quando parecia que ia morrer. Mesmo à distância, ela podia sentir sua presença, vital, determinada. E ele certamente, já tinha ido longe o suficiente para chamar a nave. Mais do que o suficiente. Assim, a nave auxiliar deveria já estar a caminho, disse para si mesma. E Will, junto daquele culpado Alfcres Kane, deveriam estar na nave.

Mas não estavam. Eles estavam voltando pelo mesmo caminho em que partiram.... a pé. Algo saiu errado!

A nave não ia chegar nunca. Franzindo a testa, olhou para trás, para Sousa e os dois engenheiros. Eles iam ter que carregar o ferido até o local em que se materializaram.

Assim que pensou nessa possibilidade, Troi olhou de novo a vasta extensão da arquitetura alienígena, e viu duas figuras em uma das rampas que levavam à torre onde estavam. Dois homens vestidos de preto e vermelho.

— Meu Deus, sussurrou uma voz atrás dela. Virando-se, viu Bartel. Normalmente uma figura de eficiência, a mulher estava tremendo. — Você estava certa, Conselheira. Eles estão voltando sem a nave.

Minutos mais tarde, Riker e Kane chegaram cambaleando até a torre. Ambos estavam ofegantes, e seus olhos estavam inchados pelo vento cortante.

— Nada de nave? Krause disse, apenas como pro-forma. — Nada de nave, confirmou Riker. Estava cansado e respirava com dificuldade. — Temos que chegar até o platô por nossos próprios meios, e depressa. Geordi conseguiu usar a *Jenolen* como um encalço e manter a escotilha aberta, mas não poderá ficar lá para sempre.

Troi assentiu. — Então o que estamos esperando? perguntou. — Vamos embora.

Riker olhou para o Alferes e os dois engenheiros. — Você ouviu a Conselheira. Se cada um de nós seguramos Sousa pelos braços e pernas, nós conseguiremos. — E eu?, Troi perguntou.

O Primeiro Oficial olhou-a, seu rosto vermelho pelo vento, e disse: — Você substitui o primeiro que cair.

Na Ponte da *ENTERPRISE*, Capitão Picard ouviu as más notícias. — Mais cinco minutos, disse. — Na melhor das hipóteses, gritou Geordi, esforçando-se para ser ouvido no meio dos ruídos das máquinas da *Jenolen*. — Talvez nem tenhamos tanto tempo assim.

Picard assentiu. O tempo ia se escoando, mas seu Engenheiro-Chefe tivera o cuidado de restringir seus comentários apenas à situação da nave de transporte, e não oferecer nenhum conselho sobre o destino da equipe de terra.

Somente o Capitão poderia decidir se deixava ou não para trás a equipe de Riker, sacrificar os poucos para salvar os muitos. E se Picard se recusasse a decidir, nem Geordi nem nenhum outro poderia fazer por ele.

*Vamos, Will*, pensou, encorajando seu Primeiro Oficial silenciosamente, *Não me faça assinar a sua pena de morte.*

Kane, com a blusa toda manchada de sangue, e segurando a perna ferida de Sousa, a perna que havia sofrido todo o peso da máquina alienígena, caminhava pelo vento daquele mundo há muito morto da Esfera Dyson. Ao lado dele, Riker segurava a perna sã e adiante, Krause e Bartel abriam caminho. Cada um segurava Sousa pelos ombros, e se revezavam segurando sua cabeça.

A cada momento, o Alferes olhava o rosto de seu amigo. Seu rosto parecia corado, mas era o efeito do vento. Sob essa ilusória aparência de boa saúde, Sousa estava preso à vida apenas por um tênue fio.

Havia algum tempo que Kane já não sentia suas mãos, mas se recusava a pedir ajuda. Krause e Bartel já haviam sido substituídas pela Conselheira Troi pelo menos uma vez cada uma desde que deixaram a torre, mas ele estava determinado a não ser substituído por *ela*.

Afinal de contas, ele era o responsável por toda aquela situação. Ele não ia permitir que ninguém carregasse o seu merecido peso.

Felizmente, a ventania havia diminuído um pouco de intensidade. Ou pelo menos achou que tinha. O vento ainda era manhoso, ainda tentava levar o grupo para a beirada da rampa, mas a equipe parecia se sair muito bem, a

despeito da situação. — Olhe!, gritou Troi, apontando algo em frente.

Kane não havia percebido o quanto tinham andado. Ele estava extremamente determinado a continuar de pé, e não levar os outros a cáirem, como num efeito dominó. Mas quando olhou para cima, seguindo o gesto de Troi, seu coração quase parou.

Estavam quase na última torre. E era só passar por ela e estava o local onde haviam descido. Agora, se ao menos eles conseguissem chegar a tempo ....

Com uma determinação renovada, eles continuaram em frente. A torre parecia se tornar cada vez maior e maior, até parecerem estarem dentro dela. E entraram no seu interior, e os ventos pararam, mesmo por um breve momento.

Não tiveram o luxo de parar para descascar, de reunir forças para a última rampa que os separavam de seu destino. Tinham que continuar, se quisessem chegar a tempo. E continuaram com o vento açoitando em seus rostos. Os músculos de Kane gritavam de dor pelo esforço, especialmente aqueles que foram usados para puxar Comandante Riker da morte certa, mas Kane apertava os dentes e fazia o melhor que podia para ignorar a dor. Tudo estará terminado logo, prometia a si mesmo. Só mais um passo.... mais outro passo... e outro passo ....

Então, como num sonho, ouviu alguém gritar. Para *ele!* Forçou seus olhos inchados pelo vento a focalizar, e viu o Comandante Riker, gritar a pleno pulmão.

Mas não para Kane. Ele estava gritando para os céus e suas mãos, um pouco mais do que garras agora, pressionava com força o seu comunicador-emblema.

O Alferes olhou em volta... e quis chorar. Eles haviam alcançado a rampa que dava para o local onde haviam descido. *Eles haviam conseguido!*

Agora, tudo o que tinham que fazer era subir na nave. A escotilha não estava longe daqui. A *ENTERPRISE* provavelmente teria que passar por aqui, ao alcance do teletransporte, no seu caminho de saída da Esfera. A menos que ... A menos que a nave já tivesse passado por aqui, e deixado-os para trás. Era possível, não era? Não importa quanto o Capitão Picard queria tirá-los dali, mas ele não podia arriscar a vida das outras pessoas a bordo se as chances deles escaparem estivessem se escoando pelos dedos ....

Por um momento, Kane considerou a perspectiva de permanecerem na Esfera. De vagar de uma torre a outra, em sua inútil busca por comida e água, até que suas pernas não agüentassem mais.... de serem forçados a rondar neste estranho e estéril lugar juntos com os seus fantasmas.

Então, ouviu uma voz familiar trazida pelo vento selvagem: —

Entendido, Número Um! Estamos a caminho.

O Alferes olhou para Sousa, e como se o ferido também tivesse ouvido a voz de Picard, abriu os olhos. Por um segundo ou dois, encarou Kane, tentando focalizar a imagem de Kane.

— Droga, disse Kane. — Sinto muito, Andy, sinto muito mesmo!

Sousa não disse nada, não tinha forças para falar. Mas pelo menos, não estava encarando-o mais. Talvez mais tarde quando ele se lembrasse do que havia acontecido, ele o odiaria. Mas por hora, estava tudo bem... Kane achava que tinha um caroço na garganta, um dos grandes. Fechou os olhos, não querendo mostrar suas emoções. Se ao menos eles conseguissem voltar à nave, disse para si mesmo, se ao menos ....

E então percebeu que o vento havia parado de soprar. Abrindo os olhos, viu que estavam sobre a plataforma do teletransporte. Enquanto uma equipe médica pegava Sousa de suas mãos, o Alferes reconheceu Capitão Picard no fundo da sala, perto de Chefe O'Brien.

Uma vez que se certificou que a equipe havia chegado inteira, o Capitão acionou seu comunicador: — Picard para a Ponte. — Sim, senhor? veio a resposta. Parecia ser o Comandante Data. — Nós já os temos, disse o Capitão. — Avise Geordi que estamos a caminho.

Kane virou-se para um abatido Riker: — Isto é tudo, senhor? perguntou.

O Primeiro Oficial bateu em seu ombro: — Sim, Alferes. Isto é tudo. — Obrigado, senhor, disse Kane. Afinal, ele não queria perder a consciência enquanto estava no seu turno. Mas já que agora ele estava de folga, Kane simplesmente apagou.

— Comandante LaForge?

Geordi olhou para o seu painel de comunicação. Ele conhecia essa voz.

— O que é, Data? — Disseram-me para lhe dizer que recolhemos o Comandante Riker e sua equipe. Estamos a caminho da entrada agora.

O Engenheiro suspirou. — Ótimo, Data. Outro minuto mais e ...

De repente, um dos painéis de Centro de Operações explodiu, derramando sobre Geordi e Scott uma chuva de faíscas brancas. Antes que Geordi se desse conta, Scott corria para ver os estragos causados. — Droga, gritou. — A interrefrigeração do plasma foi-se. Ela está se superaquecendo.

Trabalhando no seu console para conter o problema, Geordi praguejou baixinho. — Perdi o controle do leme. — Geordi? Você está bem?, perguntou o andróide.

Geordi balançou a cabeça, esquecendo-se de que Data não podia vê-lo. — Já estive melhor, gritou.

Um segundo painel explodiu, e depois um terceiro. Ambos estavam

agora em chamas, Eles estavam perdendo a batalha... e quase perdendo a guerra.

— Chegamos no nosso limite, disse Scott, e ultrapassando-o. Não tem jeito, temos que tirar a nave daqui! Avise-os disso.

Geordi bateu com força o seu console inútil. Seu companheiro estava certo. Não importa, eles estavam fincados ali, até a escotilha destruir os escudos e esmagá-los como uma noz.

— Sr. LaForge! era a voz do Capitão que ouvia agora. — Qual é a sua situação? — Horrível, gritou. Nós não temos condição de sair daqui quando vocês chegarem! — O quê você está me dizendo? perguntou Picard. Sua voz chegava agora com pausas, até o sistema de comunicação estava pifando.

Engasgando com a fumaça que inundava o Centro de Operações numa taxa alarmante, Geordi gritou: — Estou dizendo que... vocês têm que destruir a *Jenolen* para sair da Esfera!

Absorvendo a mensagem de Geordi, Picard virou-se para o seu Segundo Oficial: — Sr. Data... quanto tempo até alcançá-los? — Com nossos engenhos de impulso operando com 60% de força, disse o androide, levaremos um minuto e quarenta segundos para alcançarmos a entrada.

A voz do Capitão Scott soou no intercomunicador, em tom de urgência: — Não posso mantê-la mais, senhor. Vocês têm talvez dois minutos antes que as máquinas atinjam o ponto crítico e então ....

Picard havia mandado Riker para a Engenharia, para ver o que podia fazer: — Aqui é o Capitão. Preciso de mais velocidade, Comandante. — Sim, senhor, respondeu Riker. Estamos trabalhando nisso, senhor.

Picard fechou seus punhos com força. A despeito da resposta otimista de Riker, havia pouco o que ele podia fazer lá em baixo. Ia ser por pouco, bem pouco.

— Ponte para a Sala de Transporte 3, disse. — Apronte-se para trazer dois da *Jenolen* tão logo estejamos ao alcance. — Sim, Capitão, replicou O'Brien. — Aguardando sinal.

Na tela principal, as estrelas esmaeciam ... de um azul, com um pouco de verde.

Abruptamente a *ENTERPRISE* foi caindo verticalmente através da atmosfera, em direção à distante escotilha de escape.

E de novo, seus escudos enfraquecidos deixaram a nave vulnerável a altas temperaturas devido à fricção da "reentrada" , mas não era como quando não tinham nenhum dos escudos defletores. Além disso, que outra escolha eles tinham?

Picard encarou Worf. — Carregue os fótons torpedos, ordenou. —

Fótons torpedos carregados e travados no alvo, rosou o Klingon.

Na *Jenolen* tudo se desmoronava. A nave era sacudida terrivelmente. Consoles explodiam, luzes piscavam e as máquinas rangiam fazendo um som estridente de metal sobrecarregado.

Scott tinha sido chamado de milagroso em seu tempo, mas agora não tinha mais milagres para fazer. Virando-se para LaForge, gritou por sobre o barulho: — Ela vai explodir, jovem. Não posso fazer mais nada!

O jovem olhou para ele, com o suor escorrendo por sobre a face. Mesmo agora tentou sorrir. — Eu sei, Scotty, eu sei.

O que mais podia dizer? Eles fizeram uma boa luta, fizeram o melhor que podiam, chegaram perto até! Mas no fim, Scott refletiu, eles *perderam!*

## ***Dezesseis***

Picard viu Data virar-se para olhar para ele por sobre seus ombros: — Estamos ao alcance do teletransporte, senhor.

O Capitão sentiu-se como se tivesse esperado uma eternidade por este momento. Sem um momento de hesitação, disse: — Ponte para a sala de teletransporte! Acionar! E então para Worf, quase num mesmo fôlego: — Lance os torpedos, Tenente! — Sim, senhor, disse o Klingon, executando a ordem tão rápido quanto era possível. Afinal, não podia haver margem de erro. Se ele perdesse o alvo, mesmo com fração de segundos atrasado, eles colidiriam com a *Jenolen* e deflagrariam a maior explosão que este estranho mundo jamais teria visto.

Picard observou a tela à frente enquanto a nave de transporte, ainda presa na escotilha da Esfera Dyson, crescia de tamanho cada vez mais, e brilhava pela explosão do phaser. Mas mesmo agora, o valente *Jenolen* se recusava a sucumbir, se recusava a render-se à explosão atômica.

Por um terrível e instantâneo flash na sua mente, o Capitão teve certeza de que não iam destruir a nave a tempo. Ele estava certo de que iam chocar-se com ela, destruindo ambas as naves e seus ocupantes.

Felizmente, ele estava enganado. Numa repentina labareda gloriosa, a *Jenolen* explodiu. Mas eles ainda não estavam fora de perigo, longe disso.

Porque tão logo a *Jenolen* saiu do caminho, a entrada da escotilha começou a se fechar novamente. E embora a *ENTERPRISE* estivesse se arremessando em direção à entrada tão rápido quanto suas máquinas danificadas permitiam, a abertura já estava lamentavelmente pequena.

Será que eles conseguiriam? Será que chegariam lá antes que a escotilha se fechasse, aprisionando-os de novo, talvez para sempre?

Picard apertou os olhos, enquanto observava a janela de sua chance de escapar, ir diminuindo de tamanho. Pelos seus cálculos, a *ENTERPRISE* já estava grande demais para passar.

— Timoneiro, gritou, vire a bombordo... 90 graus!

A imagem na tela fez uma rotação de 90 graus na direção oposta. A estimativa do Capitão foi muito boa: eles estavam agora em posição de escorregar pela saída cada vez mais estreita.

Segurando a respiração, Picard concentrou-se no pedacinho de espaço salpicado de estrelas que lhes acenava além da escotilha de escape, sabendo que poderia ser a última coisa que viriam. Afinal, eles haviam desistido há muito da opção de voltar. E se eles não atingissem a marca a tempo, iriam perder suas vidas na pele superdura da Esfera.

Estavam perto, cada vez mais perto ....

E então, antes que se desse conta, antes que pudesse começar a acreditar, a pequena fissura da abertura desaparecera, sendo substituída por uma visão familiar: a da galáxia se esparramando com todas as suas estrelas esplendorosas.

Soltando a respiração com alívio, o Capitão endireitou seu uniforme e virou-se para Data: — Visão de retaguarda, Comandante.

Enquanto o andróide cumpria a ordem, a tela mostrava-os a escura e agourenta superfície da Esfera Dyson, uma vez mais perfeita, outra vez lisa e imperturbável. É melhor deixá-la assim, pensou Picard. E de repente, se lembrou: Geordi! Capitão Scott!

— Você tem o comando, disse a Data. E sem uma explicação, dirigiu-se à sala de teletransporte.

— Vamos, resmungou Chefe O'Brien, trabalhando nos seus controles. — Afinal, vocês conseguiram, vocês não podem desistir agora. Droga, vocês não podem!

Como se nenhum de seus superiores tivesse a autoridade de dizer se eles voltariam vivos para *ENTERPRISE*, ou permaneceriam na *Jenolen* em forma de destroços biológicos, finalmente e irrevogavelmente, tudo dependeria apenas dele, do filho da Sra. O'Brien, Miles.

Do outro lado da sala, sobre a plataforma do teletransporte, o contorno de dois homens piscava em bom sinal. Um severo O'Brien apertou os dentes. Tinha uma chance. Eles estavam lá fora em algum lugar, se ao menos pudesse capturá-los!

Abruptamente, os contornos brilhantes desapareceram. O coração de O'Brien parou. Mas ele já tinha feito isto vezes sem conta para saber que ainda tinha uma chance. Reajustando o comportamento do raio do emitente, tentou novamente trazê-los de volta.

Um instante depois, eles reapareceram, mas ainda piscando. E, parecia que ia ser uma luta e tanto! Cuidadosamente, O'Brien modulou o que tinha dos dois, na fase de transição, e enviou mais força para o *buffer* de padrão. As imagens ficaram mais fortes e fortes. Ele quase podia ver os detalhes das roupas dos dois homens, mesmo detalhes de seus rostos. Um deles usava um Visor, notou.

Ainda assim, o chefe do teletransporte tinha que ser cuidadoso. Afinal de contas, ele havia capturado um lote enorme de moléculas que não era nem Geordi, nem Scott, e teria algum trabalho para separá-los. Se ele se mostrasse impaciente demais, se ele falhar em trazê-los de volta do *buffer* na frequência certa ... nem queria pensar nisso!

— Firme agora, disse para si mesmo. — Devagar e firmemente. Finalmente, os contornos se estabilizaram, a textura se consolidou. E então, como se seus átomos não tivessem viajado pelo espaço a apenas alguns segundos atrás a velocidades inimagináveis, dos dois homens se materializaram.

Por um momento, ficaram lá, surpresos de estarem ainda vivos. Então, olharam-se. E *riram*, apesar de tudo. Ou era por causa de tudo?

Scott colocou seu braço ao redor do ombro de LaForge. — Agora, não foi tão ruim assim, foi?

Geordi sorriu de volta: — Eu acho que poderia ter sido pior, disse ponderada-mente. — Embora eu ache que já tive transportes demais!

Scott abriu bem os olhos: — Você? E eu? Se eu nunca mais vir um transporte, ainda será cedo demais.

E como um par de marinheiros embriagados, desceram da plataforma juntos. O'Brien observou-os partirem, ouvindo-os rir num crescendo enquanto viam algum rosto familiar no corredor, até a porta se fechar atrás deles.

Balançando a cabeça e rindo para si mesmo, disse: — Sejam bem vindos, jovens. Fico encantado em servi-los.

Ao som da campainha da sua porta, Deanna Troi virou-se de seu monitor. Não esperava ninguém...

Mas então, ela era a Conselheira da nave, e os problemas das pessoas não se restringiam aos rígidos horários.

— Entre, disse.

Um momento depois, a porta se abriu. O Alferes Kane se encontrava no batente, parecendo um pouco mais do que desconfortável, até hesitante em aceitar o convite de Troi para entrar.

A Betazóide sorriu: — Sente-se, Sr. Kane. E depois que Kane se sentou: — O que posso fazer por você?

Não que tivesse qualquer dúvida do porquê da vinda dele, tinha que a ver sobre a missão deles.

Mas Kane não falou sobre o fato, não diretamente, não ainda. — Eu acabei de visitar o Alferes Sousa, disse. — Ele está dormindo agora, mas ficará bom.

— Sim, replicou Deanna, eu sei. Eu também fui vê-lo. — Ele realmente nos deu um susto, disse o jovem. — E verdade, Troi concordou.

Kane pigarreou. — Uh...de volta àquela torre.....começou, aquela em que a máquina caiu sobre Sousa... — Sim, ela disse, eu me lembro.

Kane foi direto ao assunto: — A máquina não caiu sobre ele simplesmente. Eu ... atirei com meu phaser. Mordeu os lábios. —

Acidentalmente, é claro. Mas fui eu que fiz isso.

— Entendo, disse a Betazóide. — Falou sobre isso com mais alguém? — Não, respondeu. Você é a primeira a saber, porque já tem uma idéia do que realmente aconteceu, eu acho. E\_\_ porque é mais fácil lhe dizer do que ao Comandante

Riker.

Troi encarou os olhos de Kane. — Mas você não acha que ele já sabe? Kane pareceu chocado. — Comandante Riker? Como ele poderia ....?

— Simples, disse a Conselheira. — Ele viu a máquina, viu o corte, com seus componentes queimados. Troi balançou a cabeça: — Só um raio phaser, ou algo muito parecido, poderia criar um corte como aquele.

O Alferes engoliu em seco: — Entendo, disse. — Então, talvez eu devesse ir ter com ele afinal. De qualquer forma, você não aceitaria uma demissão.

Troi fingiu estar desorientada, embora ela pudesse ler o estado emocional de Kane como um livro aberto: — Demissão? Você está me dizendo que pretende sair da Frota Estelar?

Kane assentiu. — Sim, isto é, não é que eu tenha muita escolha, certo? Mais cedo ou mais tarde, Andy vai contar para todo o mundo o que aconteceu, e ....

— Eu não acho que ele vá fazer isso, disse a Betazóide. — Afinal, ele é seu amigo! — Ele *era* meu amigo, corrigiu o Alferes. — Não, disse Troi. É seu amigo. Sou uma telepata, lembra-se? Conheço o Sr. Sousa muito bem. Ele não vai te trazer problemas.

Kane grunhiu, talvez um pouco surpreso. — Mesmo assim, disse, eu fiz aquilo. Você sabe disso. O Comandante Riker sabe disso. E eu sei disso.

A Conselheira inclinou-se na sua cadeira. — Eu não creio que o Comandante Riker vá te trazer problemas tampouco. Ele já fez o relatório, e não há menção de que tenha usado seu phaser.

O Alferes grunhiu de novo, dessa vez definitivamente surpreso. — Mesmo?, disse. — Mesmo, confirmou Deanna. — Eu acho que ele levou em consideração outras coisas que aconteceram lá em baixo. Por exemplo, quando se ofereceu voluntariamente para acompanhá-lo de volta ao local em que descemos, a maneira como foi perseverante apesar do vento cortante e salvou a vida dele. E também, como voltou para buscar Sousa, quando poderia ter ficado onde estava.

Kane pensou por um segundo. — Você quer dizer que..... ele me perdoa? — Qualquer coisa assim, disse Troi. — E se *ele* lhe perdoa, quem sou eu para não perdoar?

O Alferes meneou a cabeça: — Eu pensei que o Comandante Riker me

odiasse, murmurou.

A Betazóide riu. — Comandante Riker pode ser um homem difícil de se contentar, admitiu. — Se ele não gosta de seu comportamento, ele diz, de uma forma ou de outra. Mas odiar?

Ela sorriu ligeiramente. — A única coisa que ele odeia é quando falha em fazer com que os outros façam o melhor que podem.

Kane ponderou por um momento. — Bem, certamente ele tem em mim um desafio! Fez uma pausa. — Não sou exatamente a pessoa mais agradável da nave, Conselheira.

Ela deu de ombros. — Você é aquilo que faz. E não posso imaginar nada mais altruísta do que arriscar a vida por outra pessoa.

O Alferes resmungou. Pela primeira vez desde que estava ali, havia uma sombra de sorriso em seu rosto. — Eu ... um altruísta, disse como se tentasse sentir o peso da palavra. — Este não é o tipo de pessoa que meu pai costumava dizer que eu era. Sua filosofia era cada um por si e Deus por todos. — Não é exatamente uma filosofia ..... *iluminada!* Troi disse. — Acho que não, concordou

Kane. — Percebo isso agora.

De repente, ficou sério de novo. — Mas nada disso muda o que aconteceu, o que fiz para o Sousa.

A Conselheira inclinou-se na cadeira. — Todos nós cometemos erros, Alferes. Felizmente, o seu erro não é irrevogável. Se eu fosse você, eu deixaria isto para trás... e recomeçaria de novo. Além disso, disse, Comandante Riker colocou em você uma enorme confiança. Tanto ele quanto eu relutaríamos muito ver tudo desperdiçado.

Kane pareceu aceitar: — Tenho que pensar um pouco mais, disse. — Faça isso, Troi disse encorajando-o. Mas intimamente sabia da decisão dele.

Kane se levantou. — De qualquer maneira, você tem muito a me perdoar. Pela maneira como me comportei, das coisas que disse. Começando com o Comandante Riker ... e com o Capitão Picard, ..... e também com o Capitão Scott, prometeu baixinho.

— Capitão Scott? perguntou Troi.

O Alferes assentiu. — Ele veio até o hangar para admirar as naves, e eu chamei o segurança. A Betazóide reprimiu um risinho. — Entendo. — Havia uma nave em particular, Kane se lembrou, uma que ele realmente tinha um carinho especial. O *Christopher*, acho que era essa. Olhou para Deanna. — Olha, ... se dependesse de mim, eu *daria* essa nave para ele.

Troi sorriu. — Um pensamento admirável, disse. — Viu só? Você é capaz se muito agradável!

O Alferes resmungou. — É. Bem, obrigado pela sua ajuda, Conselheira.

— Por nada, disse ela, é o meu trabalho.

Suspirando profundamente, Scott ativou o terminal de computador de seu quarto. Não havia porquê evitá-lo agora, disse para si mesmo. Ele podia ter sido morto na *Jenolen* sem jamais saber a verdade. E ele devia isto a si mesmo, a *eles*, saber a verdade.

Um a um, ele foi listando seus nomes, os nomes daqueles com quem arriscou a vida inteira. Um a um, questionou ao computador da *ENTERPRISE* sobre seus destinos, seus paradeiros. E um a um, o computador foi fornecendo as respostas.

Nem todas as respostas foram boas. Alguns haviam morrido, nenhum deles de modo que não fosse digno. Scott se consolou com isso. Além disso, esperava mesmo por notícias ruins. O tempo não havia sido complacente com seus amigos, do mesmo modo que tinha sido com ele. Era inevitável que tivesse havido algumas baixas ao longo de 75 anos; nem todas as naves retornaram, nem todos sobreviveram.

Mas alguns deles viveram bem e se deram bem. McCoy, por exemplo, tornou-se um Almirante! Quem teria predito isto? De todos eles, McCoy era quem mais se opunha à burocracia da Frota Estelar, e acabou chegando lá e se tornado parte dela.

E havia Spock. Primeiro, um respeitado Embaixador, como seu pai. E recentemente, uma força na luta pela Reunificação dos Vulcanos e Romulanos. No momento, lutava na clandestinidade pela mesma causa. Assim era Spock, assumir a mais impossível das tarefas. E conhecendo-o, sabia que se sairia bem.

E assim continuou. Scott leu com atenção uma, duas, três vezes. Antes que terminasse, havia memorizado tudo. E ia da alegria à tristeza, tantas vezes que se sentiu como uma bolinha de ping-pong.

Finalmente, achou que já tinha o suficiente. Guardando a última das biografias, Scott recostou-se na sua cadeira e suspirou. Sentiu-se como se tivesse estado numa guerra, e perdido. Mesmo. Mas não havia remorso. Sabia que tinha feito a coisa certa.

Montgomery Scott havia feito as pazes com o passado. Só agora sabia que estava pronto para encarar o futuro.

## Epílogo

Geordi sorriu amplamente quando Scott fez o compartimento do turboelevador ressoar com o seu entusiasmo.

— Mas como você fez isso? o Capitão me perguntou. E eu disse: Senhor, eu empilhei até o último daquelas coisinhas na plataforma de teletransporte. E ele me olhou horrorizado, do mesmo jeito que você está me olhando agora, jovem ... e disse: Mas Scotty ... você não os transportou para o espaço,, não é?

Geordi olhou para ele: — Bem ... você fez isso? — O que você acha? Claro que não! Eu fiz uma expressão ofendida como essa, assim, e disse: sou um cara de bom coração, senhor. Eu dei um bom lar àquelas coisinhas. E eu lhe disse que havia mandado para os *Klingons!* Apenas momentos antes de entrarmos em dobra espacial, eu teletransportei todos os pingos para a sala de máquinas deles! Como um presente de despedida!

O jovem balançou a cabeça: — você não fez isso!

Scott colocou a mão no peito e disse: — Que um raio me parta agora se mudei uma palavra da história!

A porta do turboelevador se abriu e Geordi o levou para fora. — Está bem, disse, agora eu tenho uma história para você.

À medida que desciam pelo corredor, contou, em linhas gerais naturalmente, a história mais absurda que podia pensar. Sentia-se bem estar contando uma história cabeluda para Scott, em vez de ser o contrário.

— Ora, vamos, você está me embromando, disse Scott. — Não, claro que não. Aquele bebê espacial alienígena, que tinha o tamanho de um edifício de quatro andares, realmente pensava que a *ENTERPRISE* era a sua mãe. — Então, o que você fez? perguntou Scott.

O jovem esfregou as mãos. — Bem, disse, ele estava sugando força diretamente dos reatores de fusão da nave. Então a Dra. Brahms e eu .... — Dra. Brahms? repetiu Scott. — E quem é ela? Deu uma piscada. — Alguém especial, eu apostaria, só pela maneira como disse seu nome.

Geordi corou. — Ela é casada. E além disso, essa é uma outra história. De qualquer forma, mudamos a frequência da potência de vinte e um centímetros para ponto zero dois centímetros ....

Scotty já havia entendido: — Vocês azedaram o leite, não é? — É isso aí, confirmou Geordi. — Como você sabia?

Seu amigo deu de ombros. — Dizem que grandes mentes pensam igual. E eu te pergunto agora, quem sou eu para discutir com eles?

Riram juntos. Mas apenas alguns segundos depois, o sorriso de Scott

pareceu desvanecer um pouco. Colocou os braços em volta dos ombros de Geordi: — Sabe, disse, de uma certa forma tenho inveja de você. — Inveja? replicou LaForge. — Você é uma lenda viva!

Scott meneou a cabeça. — É sempre melhor partir do que chegar, declarou. — A jornada é sempre mais doce do que o seu fim. — Vamos, Geordi disse, não fique nostálgico agora.

O velho deu de ombros. — Curta seu tempo, Geordi. Você é o Chefe Engenheiro de uma nave interestelar. É uma época de sua vida que jamais voltará. E uma vez vivido, que seja bem vivido.

O Engenheiro da *ENTERPRISE* sem sufixo, pegou a sua mão e suspirou. Enquanto olhava à frente, uma ligeira ruga atravessou seu semblante. — Não que a aposentadoria seja tão ruim assim, comentou. — Ouvi dizer que a Colônia Norpin 5 é muito ... quieta nesta época do ano.

Geordi parou em frente da porta do hangar. Scott parou também, um pouco surpreso.

— Pensei que você fosse me convidar para um drinque no Ten-Forward, disse. — Não me diga que está retirando o convite.

O jovem sorriu. — Mudei de idéia. Indicando a porta, que se abria à aproximação deles, Geordi caminhou em direção à nave. Consumado pela curiosidade, Scott seguiu-o.

E não se arrependeu, nem um pouquinho.

Picard, Riker, Worf, Dra. Crusher, Troi e Data estavam todos em pé, ao lado de uma enorme e reluzente nave. Ao lado, escrito de forma elegante, havia apenas uma palavra: *Christopher*.

A porta da nave estava aberta. Atordoado, Scott olhou para dentro, e depois olhou para seus amigos.

— Isto significa o que estou pensando?

Riker riu. — Tudo depende do que significa o que está pensando. — Por exemplo, disse Picard, se você pensa que isto significa que estamos fazendo dela um presente para você .... — Então, está correto, Worf terminou.

O Capitão olhou para ele, um pouco retraído em seu entusiasmo.

O Klingon endireitou-se: — Desculpe, senhor.

Scott meneou a cabeça. — Vocês estão me dando uma de suas naves? Pelo menos uma vez, estava sem palavras.

Picard sorriu afetuosamente. — Chame isto de... empréstimo prolongado. Já que você perdeu a sua nave enquanto salvava a nossa, parece apenas justo que lhe ofereçamos uma outra nave!

O velho grunhiu com apreço. — Foi um belo pensamento. — Eu concordo, replicou o Capitão. — Infelizmente, não podemos ter os créditos dessa idéia. Foi na verdade uma idéia da Conselheira Troi. — Na verdade,

disse a telepata, foi uma idéia do Alferes Kane. Vamos dar o crédito a quem de direito!

Scott olhou-a. — Ah, minha jovem! pegou as suas mãos nas suas, — Será que pode me perdoar pela maneira com que falei com você? — Oh!, disse sorrindo maliciosamente, — não sei, não. Talvez com o tempo eu supere isto. — Tenho certeza de que vai superar, Scotty respondeu-lhe, devolvendo o sorriso. — Tenho certeza de que vai.

Riker alisou o metal brilhante da nave. — Ela não é nada de especial, comentou, e não é tão grande como uma nave espacial. Ou mesmo uma nave de transporte. — Jovem, disse Scotty, toda mulher tem sua própria beleza e seu charme. Tem só que saber para onde olhar.

Geordi se aproximou mais do seu amigo Engenheiro: — É um pouco lenta, você sabe, mas te levará até a Norpin 5. Fez uma pausa. — Isto é, se é para lá que você realmente quer ir.

Scott considerou a nave ... e muito vagarosamente, uma mudança ocorreu em suas feições. Ele parecia diferente. Rejuvenescido, pensou Geordi.

Virando-se para LaForge, Scott sorriu seu sorriso mais brilhante: — A Colônia Norpin 5 é o lugar onde os velhos vão quando se aposentam, jovem. Talvez eu queira ir para lá algum dia, mas não agora. — Oh? disse Picard, e para onde pretende ir?

Scotty estendeu as mãos: — O senhor sabe tanto quanto eu, Capitão. Há muito ainda que eu quero ver. Apontou para Data com um gesto da cabeça: — por exemplo, o lugar de onde meu amigo veio. — Não é difícil de encontrar, o andróide assegurou. — E um milhão de outros lugares, concluiu o velho. Respirou profundamente. — Na verdade, disse, acho que é hora de partir. — Tão cedo? perguntou Crusher.

Scotty assentiu. — E não me diga que preciso ficar e descansar, doutora. Mais um pouco deste tipo de descanso e eles estarão me carregando numa maça. Fez um aceno com a cabeça: — Embora você ainda seja a médica mais bonita que eu já vi!

Picard estendeu sua mão. — Não posso mesmo convencê-lo a ficar mais um pouco? — Provavelmente não, Scotty disse-lhe, apertando as mãos do Capitão com entusiasmo. — Há muito para se ver, e pouco tempo para ver tudo.

O Capitão assentiu. — Compreendo, Capitão. *Bon voyage*, Sr. Scott. — Obrigado, senhor. Piscou. — Por tudo.

Seguiu-se uma enxurrada de despedidas, com todos os presentes desejando afetosamente os melhores votos. Scotty apertou as mãos deles, até abraçou a Conselheira Troi. Fez bem a Geordi vê-lo tão feliz.

Quando tudo terminou, Scotty pegou-o pelo braço e levou-o a um canto. Olhando para os outros disse: — É uma boa tripulação!

Geordi assentiu. — E sim.

Scott lançou um último olhar ao hangar. — E é uma bela nave, esta *ENTERPRISE*. Um crédito pelo seu nome. Fez uma pausa. — Mas eu sempre achei que uma nave é tão boa quanto o Engenheiro que cuida dela. E do que pude ver, esta não pode estar em melhores mãos! Sorriu entredentes. — Nem mesmo se estivesse sob os meus cuidados.

Geordi bateu de leve no ombro de Scott. — Melhor partir agora, disse, antes que o Capitão mude de idéia. — Sim, disse Scott. — Ouvi dizer que esta é uma prerrogativa do Capitão.

Entrando na nave, fechou a porta atrás de si. Geordi observou-o quando acionou o motor, e fez para todos um sinal de positivo com o polegar. Então, quando o próprio Picard foi ao console para abrir a porta do hangar, Scotty levou a nave até a saída, onde um campo de força invisível separava a atmosfera do hangar do éter sideral.

Geordi quase podia ver o olhar de Scott. Estava tudo lá, tudo o que sempre quis. E talvez algum dia, ele acharia algum de seus velhos amigos, o qual ele perdeu o contato. Spock, por exemplo. E McCoy. E algum dos outros que ainda estivessem por perto depois de 75 anos.

Naturalmente, havia incertezas lá fora também. Desapontamentos, talvez. Mas isso fazia parte.

De repente, depois que Picard fez os ajustes necessários no campo de força, a nave decolou. Geordi olhou com um misto de emoção à medida em que a nave diminuía de tamanho, finalmente desaparecendo para chegar a um lugar que só Scott sabia. Geordi sabia que sentiria falta dele e de suas histórias, de tudo, desde flutuar no espaço com asa delta até os pingos. Mas estava feliz, muito feliz por seu amigo. Por uma vez mais, Montgomery Scott voava livre no espaço.

## Glossário Star Trek

*Este Glossário contém nomes e termos específicos mencionados neste livro. Procuramos destacar os nomes próprios que têm alguma importância na trama e os termos técnicos mais frequentemente mencionados na série Jornada nas Estrelas. Os conceitos científicos deste Glossário fazem parte do universo ficcional da série, não devendo, portanto, serem confundidos com os conceitos científicos reais abordados no Glossário Cultural.*

**ACADEMIA:** Centro de treinamento e formação dos oficiais da Frota Estelar. Um dos seus testes mais conhecidos é o Kobayashi Maru, um exame prático que testa a capacidade de comando e o caráter daqueles que almejam o posto de capitão de nave estelar. Durante a missão de cinco anos da Enterprise a direção da Academia ficou a cargo do almirante Heihashiro Nogura.

**BETAZÓIDE** Espécie humanóide do planeta Betazed, um mundo extraordinariamente bonito, chamado de "a jóia da coroa sideral". São tão semelhantes aos humanos terrestres que o casamento entre essas raças é muito comum. São telepatas avançados e o fato de deixarem suas mentes abertas para os outros resultou numa cultura baseada na sinceridade absoluta. Deanna Trai, a conselheira da Enterprise, é filha de um terrestre e uma betazóide tendo herdado de sua mãe a capacidade para captar as emoções e perceber os sentimentos e estados de espírito de outros seres.

**BORGS:** Talvez os mais cruéis inimigos já enfrentados pela Frota Estelar. Trata-se de uma mente coletiva que assimila seres inteligentes e sua tecnologia, criando híbridos de organismos e máquinas que se comportam como abelhas em uma colméia. O nome é uma abreviação do termo Cyborg.

**DOBRA ESPACIAL:** Conceito físico que se utiliza das características métricas do espaço-tempo. Para ir de um ponto à outro de um mesmo espaço, em vez de percorrer todos os pontos entre eles, "dobra-se" o espaço, fazendo os dois pontos ficarem mais

"próximos". Sua utilização para vencer distâncias interestelares foi proposta pelo cientista Zefram Edark Cochrane, um nativo de Alpha Centauri, e propiciou um avanço da exploração espacial, derrubando as barreiras das distâncias interestelares. Nos primórdios da era espacial do planeta Terra, em fins do século XX, a nave mais veloz construída na época atingia velocidades da ordem de 50.000 km/h. A essa velocidade, uma viagem até a estrela mais próxima - a centauri - teria demorado quase 100.000 anos!

**ESCUDO DEFLETOR:** Uma barreira física invisível que suporta cargas (disparos e impactos) de altíssima intensidade. Todos os escudos do sistema de defesa são ativados automaticamente por qualquer objeto em curso de colisão com a nave.



**FEDERAÇÃO UNIDA DE PLANETAS:** Organização política, econômica e social fundamentada no conceito da diversidade com diferentes mundos, espécies e culturas. Reconhece os direitos individuais de todos os seres à autodeterminação, o direito de escolher e seguir seu próprio destino. Seus membros não podem interferir com o desenvolvimento natural de qualquer cultura. Os planetas fundadores da Federação são: Terra, Vulcano, Tellar, Andor e Alpha Centauri. O Conselho da Federação de Planetas é o seu órgão de maior autoridade e constantemente avalia suas próprias decisões. O Conselho se autofiscaliza e se autogerencia. Fazem parte dele as mentes mais sábias da Federação, o que inclui diplomatas, educadores, dirigentes, cientistas e outros profissionais.



**FERENGI:** Povo humanóide, agressivo e traiçoeiro, sobre o qual se tem poucas informações. Sua cultura é extremamente machista (as fêmeas são compradas e vendidas como se fossem animais e não usam roupas). Seu sistema econômico é uma espécie de capitalismo selvagem levado às últimas consequências. A posição social e a patente dos militares dependem

exclusivamente de suas posses. Supõe-se que seu planeta de origem, de classe M, tenha atmosfera mais rarefeita que a da Terra, o que justificaria o tamanho de seus pavilhões auriculares (orelhas). Num dos primeiros encontros com a Federação, uma nave ferengi atacou, sem aviso, a U.S.S Stargazer, comandada pelo capitão Picard. Tão logo a nave pirata começou o ataque, Picard ordenou uma dobra de micro-segundo, o que fez a Stargazer aparecer em dois lugares ao mesmo tempo, confundindo seu atacante e permitindo sua destruição. Esses salto de dobra ficou conhecido como "Manobra Picard". Nas regiões de fronteira, os Ferengi desenvolvem um intenso comércio, envolvendo-se nas economias locais



**FROTA ESTELAR** Uma divisão de segurança e pesquisa da Federação que controla a navegação espacial. Frequentemente toma decisões no tocante ao bem-estar das civilizações. Apesar de ser taxada de braço militar da Federação, a Frota é controlada por leis muito rígidas como, por exemplo, a Primeira Diretriz, que proíbe a interferência física, política ou ideológica em outras civilizações



**HARRY MUDD:** Contrabandista extremamente ardiloso que se defrontou com a tripulação da Enterprise 3 vezes durante a missão de 5 anos O principal produto de sua linha de atividade era constituído por belíssimas mulheres Aparece nos episódios da TV: Mudd's Women, I Mudd e no desenho animado Mudd's Passion.

**HOLODECK:** Local onde um computador cria e controla cenários e situações à escolha do usuário. Utilizado como área de lazer das naves, o holodeck cria e modela imagens holográficas com o auxílio dos bancos de memória do computador central, tornando possível aos tripulantes criarem desde florestas até cidades com prédios, carros, e mesmo pessoas que são personagens da aventura escolhida. O holodeck utiliza dois subsistemas principais: o subsistema de imagem holográfica (que cria um cenário ambiental realístico) e o subsistema de conversão de matéria (que cria objetos físicos a partir dos suprimentos de matéria-prima da nave). Em condições normais, o participante numa simulação no holodeck não é capaz de perceber diferenças entre um objeto real e um simulado. O holodeck produz recriações extraordinárias de humanóides e outras formas de vida. Tais personagens animados são compostos de matéria sólida organizada pelos replicadores básicos do transportador e manipulados por raios tratores dirigidos por computadores altamente articulados. O resultado são bonecos excepcionalmente realistas que exibem comportamentos quase idênticos aos seres vivos, dependendo dos limites do software. A replicação de matéria pelo transportador é incapaz de duplicar um ser vivo real. Os objetos criados, que são imagens holográficas puras, não podem ser removidos do holodeck, mesmo parecendo possuir realidade física, porque a imagem é dirigida pelo raio-trator em ação. Objetos criados pelo conversor de matéria têm realidade física e podem, de fato, ser removidos do holodeck mesmo já não estando sob controle do computador.

**PHASER:** Armamento básico da Frota Estelar que sobrepujou o antigo laser. É usado em armas portáteis para defesa pessoal, canhões de pequeno porte e em bancos de armazenamento de astronaves para ataque e defesa em manobras no espaço.

**PIKE** O capitão Christopher Pike foi o comandante da Enterprise antes do capitão Kirk assumir.

**PINGOS (TRIBBLES):** Pequenas criaturas peludas parecidas com

pompons, que vibram num ritmo tranqüilizante e agradável para seres humanos. Se reproduzem com uma rapidez que faria empalidecer um coelho e criaram encrencas ao capitão Kirk no episódio da TV The Trouble with Tribbles.

**TELETRANSPORTADOR:** Equipamento que "desmonta" o objeto ou pessoa a ser transportado e envia seus átomos para o local de destino onde eles são remontados exatamente segundo a forma e disposição originais.



**TRICORDER:** Aparelho portátil de múltiplas funções, misto de computador e sensor. Mede, analisa e arquiva uma infinidade de parâmetros. Existem várias versões, dependendo das especialidades: o tricorder médico tem suas funções voltadas para análise de órgãos internos de seres vivos; o de engenharia para análise de materiais e assim por diante.

**UNIDADES ANTIGRAVITACIONAIS:** Aparelhos que anulam o efeito da gravidade quando em operação. Podem ser encontrados na forma de sistemas mecânicos que, implantados no objeto, o fazem "levitar", facilitando assim o transporte, ou então como feixes de energia. Sua tecnologia foi descoberta durante o ano 2196.



**V.I.S.O.R :** Prótese sensorial usada por cegos. Um instrumento da engenharia biomecânica substituto dos órgãos da visão. Capta radiações eletromagnéticas e as transforma em sinais

codificados que são enviados diretamente para o cérebro, permitindo uma visão até mais completa que a de uma pessoa normal. Isso ocorre porque o V.I.S.O.R. (ou, mais simplesmente, visor) não se limita à faixa do espectro visível (luz), detectando, também, as radiações que vão do infravermelho aos raios-X. Além disso, o visor processa eletronicamente as imagens, permitindo o uso de zoom e macro.

**VULCANO:** Um dos principais planetas da Federação. Conhecido por suas temperaturas elevadas durante o dia e muito baixas durante a noite, este exótico mundo tem uma atmosfera muito rarefeita que dificulta a respiração para os humanos.



## GLOSSÁRIO CULTURAL

Este *Glossário contém verbetes sobre diversos ramos do conhecimento humano. Objetiva não apenas uma compreensão de alguns termos usados neste livro, mas procura também servir de alicerce, estímulo e motivação para a ampliação e busca de novos conhecimentos.*

**ANDRÓIDE** A palavra grega andros quer dizer "homem". A palavra andróide significa "semelhante ao homem" e é usada para definir um ser artificial com aparência humana. Ele pode ser totalmente eletromecânico, como alguns robots de Isaac Asimov; parcialmente mecânico e biológico, como os andróides dos filmes *Exterminador do Futuro I e II*; ou ainda, totalmente biológico, como os andróides do filme *Blade Runner - Caçador de Andróides*. Não se deve confundir andróide com cyborg, um ser humano "normal" transformado em algo parcialmente mecânico através de implantes e manipulações, como no filme *RoboCop*.

**ANTI-MATÉRIA:** Toda matéria é constituída de átomos que, por sua vez, são formados por partículas elementares. As principais partículas são o próton (carga positiva), o nêutron (carga nula) e o elétron (carga negativa). Existem partículas com massas idênticas às dessas, mas com características eletromagnéticas opostas. Assim, temos, por exemplo, elétrons positivos chamados anti-elétrons (ou positrons), anti-prótons (negativos) e anti-nêutrons. Com essas partículas é possível a formação de anti-átomos, os constituintes da anti-matéria. Quando matéria e anti-matéria entram em contato, se aniquilam por completo, transformando-se totalmente em energia.

**CAMPO GRAVITACIONAL** Todo corpo com massa produz no espaço ao seu redor um campo gravitacional. Qualquer outro corpo com massa, sujeito a esse campo, é por ele afetado e atraído para o corpo que o originou. A intensidade do campo num dado ponto depende da massa do corpo que lhe deu origem e da distância deste ao ponto em questão. Normalmente, o campo gravitacional é extremamente fraco, se comparado a outros tipos de campos

(eletromagnético e nuclear) e apenas corpos muito massivos (como estrelas, planetas e asteróides) geram campos gravitacionais facilmente perceptíveis. A tecnologia atual (1996) não permite vislumbrar a possibilidade de se criarem campos gravitacionais artificiais. O máximo que podemos conseguir é simular um campo gravitacional no interior de uma nave, por exemplo, colocando-a em rápida rotação. A inércia faz com que os corpos tendam a sair pela tangente, mantendo-se pressionados contra as paredes laterais, como se houvesse um campo centrífuga.

**DÉJÀ VU:** Expressão, em francês, que é usada para indicar sensação de já ter visto uma cena ou um local, sem conseguir identificar quando e onde. Literalmente significa "já visto".

**ESTRELA TIPO G:** Em todas as estrelas, incluindo o nosso Sol, ocorrem fenômenos de fusão nuclear, análogos aos de uma bomba H, que dão origem aos diversos elementos químicos. As estrelas mais massivas, que são uma minoria, queimam seu combustível nuclear mais rapidamente e são muito luminosas, durando uns poucos milhões de anos. Nas fases finais de suas vidas, essas estrelas explodem quase que totalmente, num fenômeno conhecido como supernova, dando origem aos elementos químicos mais pesados que o ferro. As estrelas menos massivas brilham mais fracamente, mas podem durar bilhões de anos. Nas fases finais de suas vidas, essas estrelas "explodem" suas camadas mais externas, transformando-se em NOVAS. Esse, provavelmente, será o futuro do Sol. Pode-se correlacionar o estágio de evolução de uma estrela com os elementos químicos que ela contém e que determinam os tipos de radiações que ela emite. Em função dos tipos de radiações as estrelas foram classificadas pelos astrônomos nas categorias O, B, A, F, G, K e M (um mnemônico que permite lembrar essa seqüência poderia ser *O Barco Atinge Facilmente Grande KiloMetragem*). Nosso Sol pertence à classe G, que representa uns 9% da população de nossa galáxia, e tem uma vida estimada em uns 10 bilhões de anos, dos quais já decorreu aproximadamente a metade. Conhecendo-se a classe espectral das estrelas e também as quantidades de radiações que elas emitem, pode-se observar que a maioria situa-se numa faixa chamada SEQUÊNCIA PRINCIPAL. Essa faixa corresponde ao estado

em que as estrelas permanecem a maior parte de suas vidas numa situação de quase estabilidade, como o Sol.

**GIGAWATT:** Unidade de potência múltipla do watt.  $1 \text{ GW} = 10^9 \text{ W}$

**HOLOGRAMA:** Imagem que se forma através de figuras de interferência de ondas eletromagnéticas. Cada pedaço do holograma contém informações suficientes para reconstruir a imagem inteira. Quando um holograma é convenientemente iluminado, apresenta imagens ligeiramente diferentes em função do ângulo do qual está sendo observado. Desta forma, a imagem observada pelo olho esquerdo é diferente da observada pelo olho direito, criando uma ilusão perfeita de tridimensionalidade.

**SHAKESPEARE** William Shakespeare (1564-1616) é considerado um dos maiores gênios da dramaturgia universal. Serviu-se da linguagem teatral para expressar sua visão da condição humana. Produziu uma obra universal: para todos os homens, para todas as épocas.

